



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

SUSANA DOS SANTOS E SÁ

A água

Avaliação crítica da Unidade Letiva dois: A Água, Fonte de Vida do novo Programa de EMRC no Ensino Básico e Secundário

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Sob orientação de:

Prof. Doutor José Carlos Carvalho

**Porto
2014**

“A água é a única bebida para um homem sábio” – Henri David Thoreau

SIGLÁRIO

Act	Actos
Am	Amós
Ap	Apocalipse
Br	Baruc
Col	Colossenses
1 Cor	1 Coríntios
2 Cr	Crónicas
Dn	Daniel
Dt	Deuterónimo
Ef	Efésios
Ex	Êxodo
Ez	Ezequiel
Gl	Gálatas
Gn	Génesis
Heb	Hebreus
Is	Isaías
Jdt	Judite
Jl	Joel
Jn	Jonas
Jo	João
1 Jo	1 João
Js	Josué
Lc	Lucas
Lm	Lamentações
Lv	Levítico
Mc	Marcos
Nm	Números
Mt	Mateus
1 Pe	1 Pedro
Pr	Provérbios
Rm	Romanos
1Rs	1 Reis
2 Rs	2 Reis
Sm	Samuel
2 Sm	2 Samuel
Sir	Ben Sirá

Sl	Salmos
Zc	Zacarias

DICIONÁRIOS

ABD	The Anchor Bible Dictionary
CHAD	Catholicisme, Hier Aujourd'hui Demain
DACL	Dictionnaire D'archéologie Chrétienne et de Liturgie
DB	Dictionnaire de la Bible
DB (E)	Dictionary of the Bible (Eerdmans)
DCB	Dictionnaire culturel de la Bible
DEFTM	Dizionario enciclopedico di filosofia teologia e morale
DR	Diccionario de las Religiones
DS	Diccionario de los Símbolos
DSAMDH	Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et mystique doctrine et histoire
DT	Dictionnaire théologique
LTK	Lexikon für Theologie und Kirche
NDL	Nuevo Diccionario de Liturgia
NDTB	Nuevo Diccionario de Teologia Bíblica
RGG ⁴	Religion in Geschichte und Gegenwart ⁴
TRE	Theologische Realenzyklopädie
TBLNT	Theologisches Begriffs Lexikon zum Neuen Testament
WbBS	Wörterbuchbiblicher Bilder und Symbole

OUTRAS ABREVIATURAS

AT	Antigo Testamento
CEP	Conferência Episcopal Portuguesa
CDFUE	Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia
C.N.	Ciências da Natureza
CPDHLF	Convenção de Proteção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais
DEB	Departamento de Educação Básica
D.U.D.H.	Declaração Universal dos Direitos do Homem
DGC	Diretório Geral da Catequese
DS	El Magisterio de la Iglesia, Enchriridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
ERE	Ensino Religioso Escolar
FC	Formação Cívica
HGP	História e Geografia de Portugal
LBSE	Lei de Bases do Sistema Educativo
NT	Novo Testamento
PEMRC	Programa de Educação Moral e Religiosa Católica nos Ensino Básico e Secundário
PIDESC	Pacto Internacional sobre Direitos Económicos, Sociais e Culturais
SE	Sagrada Escritura
SNEC	Secretariado Nacional da Educação Cristã
UCP	Universidade Católica Portuguesa
U.L.	Unidade Letiva

I PARTE
A ÁGUA

INTRODUÇÃO

No âmbito da dissertação de mestrado em Ciências Religiosas foi-nos proposto escolhermos uma unidade letiva para analisarmos criticamente. Deste modo, a escolha recaiu sobre a UL 2: “*A Água, fonte de vida*” do quinto ano de escolaridade, por ter sido aquela que mais nos despertou interesse.

Sendo a água um bem essencial à vida do homem e desempenhando um papel importante na vida de qualquer cristão, instalou em nós uma inquietude e uma sede de querer saber muito mais acerca dela. Não só no seu aspeto físico, mas também nas suas aplicações, nas suas implicações, mas essencialmente no seu significado a nível religioso, visto ser o único elemento da natureza contemplado no programa de EMRC. Esta foi essencialmente a razão que levou à escolha desta UL. O que tinha de tão importante este simples elemento, muitas vezes por nós desvalorizado dada a facilidade ao seu acesso, mas que deu origem a uma UL inteira só para si. Procuraremos, então, demonstrar a importância da água na vida das pessoas. A investigação começou pela parte teológica, alargando o leque às restantes ciências, que de algum modo estariam relacionadas com o tema.

Seguidamente será feita uma reflexão crítica à própria UL, sustentada não só pela prática supervisionada, mas também de acordo com a experiência dos anos subsequentes ao ano de estágio e que levaram à leitura que hoje se faz da UL.

A UL será analisada em vários níveis, desde a sua constituição e conceção, conteúdos, recursos, como foram operacionalizadas as competências; se estavam ou não adequadas ao nível cognitivo dos alunos e à sua faixa etária, se contribui ou não para a formação integral dos alunos, se os temas defendiam ou não a identidade da disciplina, se estava de acordo com o *Currículo Nacional para o Ensino Básico* e, conseqüentemente, com o que está previsto na *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Não esquecendo também a dicotomia EMRC/ Catequese, uma vez que continuam a ser confundidas.

1. O QUE É A ÁGUA?

Sendo este um trabalho que versa sobre a água, é importante debruçarmo-nos sobre o seu conceito. Deste modo e de acordo com o dicionário Priberam¹ a água é um substantivo feminino, proveniente do latim *aqua*, *-ae*. A água é uma palavra polissémica que encerra em si mesma vários sentidos, nomeadamente: líquido natural (H₂O), transparente, incolor, geralmente insípido e inodoro, indispensável para a sobrevivência da maior parte dos seres vivos; líquido que como recurso natural cobre cerca de 70% da superfície terrestre; lugar por onde esse líquido corre ou se aglomera; chuva; suor; lágrimas; seiva; limpidez (das pedras preciosas); lustre; brilho; nome de vários preparados farmacêuticos; cada uma das vertentes do telhado. No plural significa: sítio onde se tomam águas minerais. Informalmente pode referir-se a: urina; ondulações; reflexos; líquido amniótico e, por último, limites marítimos de uma nação.

A água é a primeira exigência para o apoio e sobrevivência da vida vegetal e animal. Juntamente com o pão, a água tem sido entendida como o sustento mínimo necessário para a vida humana (cf. Gn 21, 14; Ex 23, 25); a falta de qualquer deles dita extrema necessidade e eventual morte (Is 3,1; Ez 4, 17; cf. Is 30, 20). A água também é usada extensivamente para o banho, lavagem e purificação cerimonial.²

A água, nas palavras de Joana Araújo [et al]³,

constituí um recurso insubstituível na quase totalidade das ações humanas, quer como solvente, quer como meio de transporte para elementos necessários ao metabolismo, do ser humano assim como das plantas.

A água contém propriedades que nenhum outro elemento contém, o que lhe permite simultaneamente ser um componente essencial às atividades humanas e às atividades ambientais, uma vez que permite a sobrevivência humana, facultando dignidade à vida das pessoas através da higiene e do saneamento básico.

Margarida M. Silva⁴ acrescenta ainda que a água é a única substância que existe naturalmente nos três estados, isto é, sólido, líquido e gasoso às temperaturas normais

¹ <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=%C3%A1gua> (artigo consultado a 30 de junho de 2010).

² TIMOTHY P. JENNEY, "Water" *BD (E)* (2000), 1367.

³ J. ARAÚJO [et al], *A água e a ética*. In *Água, um desafio sem Espaço nem Tempo*, 1, 60-61.

do planeta. Contrariando o que seria expectável, a água expande-se quando solidifica, permitindo, por exemplo, que o gelo flutue no inverno e garante também o isolamento térmico às comunidades aquáticas. O facto de se manter líquida mesmo sob elevados graus de temperatura impede a água dos oceanos de evaporar e o sangue de ferver nas artérias.

A água está amplamente associada à fertilidade e renovação.⁵ A água é um dos quatro elementos da filosofia grega antiga, caracterizada como sendo fria e húmida. Alguns gregos antigos acreditavam que o mundo tomou forma a partir da água; e em muitos mitos⁶ o “caos” de onde tudo provém, recebe a forma da água. A água é também um dos cinco elementos da cultura tradicional chinesa. Ela está associada com o número um; profundidade; inverno, norte, incorpora o Yin ou princípio feminino e, por isso, nas pinturas chinesas a água corrente (Yin) contrasta frequentemente com a natureza imutável das rochas (Yan). Juntamente com o vento, a água é fundamental para o sistema geomântico do *feng shui*. Na tradição hermética a água é colocada no oeste e relacionada com o Arcanjo Gabriel, o outono e o crepúsculo. Astrologicamente está ligada com caranguejo, escorpião e peixes, os quais são conhecidos como sendo imaginativos, emotivos e intuitivos. A água alquímica é considerada um solvente universal, mas esta não é uma água comum pois possui propriedades incomuns, tais como não molhar as mãos. Muitos deuses aquáticos são associados à fecundidade e como sendo capazes de dar vida. As divindades da água japonesas são invocadas para fazer crescer o arroz. Nos mitos greco-romanos as ninfas são associadas à água do litoral, enquanto que na cultura tradicional chinesa os dragões são associados com todos os tipos de água. A água do Nilo era considerada sagrada pelos antigos egípcios, uma vez que era essencial para a vida e para a agricultura e, em muitos rituais egípcios

⁴ MARGARIDA M. SILVA, *A água e a sociedade*. In *Água um desafio sem Espaço nem Tempo*, 191. Para um maior aprofundamento acerca das características da água, consultar: CÉLIA M. MANAIA, *A água e a vida*, 4. *Porquê a água*. In *Água um desafio sem Espaço nem Tempo*, 246-249.

⁵ J. Goetz, J., “Água”, *DR* (1964), 21-22.

⁶ “O mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no Tempo primordial, o Tempo fabuloso dos “começos”. Noutros termos, o mito conta como, graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade que passou a *existir*, quer seja a realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É, sempre, portanto, uma narração de uma “criação”: descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir. O mito só fala daquilo que realmente aconteceu, daquilo que se manifestou plenamente. As suas personagens são Seres Sobrenaturais, conhecidas sobretudo por aquilo que fizeram no Tempo prestigioso dos “Primórdios”. Os mitos revelam, pois, a sua atividade criadora e mostram a sacralidade (ou, simplesmente, a “sobrenaturalidade”) das suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas e frequentemente dramáticas eclosões do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo” in M. ELIADE, *Aspects du mythe*, 15.

propiciava a cheia e/ ou a seca do rio. A jarra de água com que se iniciava a procissão do festival de Osíris representava Ísis, estando esta associada ao Nilo e às cheias. No oeste africano, os espíritos da água são tidos como sendo mais benevolentes e atrativos do que aqueles relacionados com a terra. Eles acumulavam grandes riquezas nos seus reinos subaquáticos. A água também desempenhou um papel importante na tradição celta, refletindo-se em imagens do “outro mundo”. Os rios são associados com deusas ao passo que os lagos são associados com reinos subaquáticos. A água é utilizada em muitas culturas como um ritual de purificação, quer colocada dentro de algum objeto, quer usada para lavar o corpo. No Islão, a água é a mais santa das substâncias, sendo utilizada em ritos de abluções, e, no poço de Zamzam, simbolizando a compaixão incessante e benevolência de Alá.⁷

A água é, portanto, fonte e poder de vida: “sem ela a terra não é mais que um deserto árido, cenário de fome e da sede, onde homens e animais estão condenados à morte”.⁸

1.1. A ÁGUA E O DIREITO

Apesar de cobrir setenta por cento do planeta a água potável (que é apenas cerca de um por cento) não está ao alcance de todos, por isso, torna-se urgente refletir sobre esta temática. Atualmente a água potável não falta somente nos países subdesenvolvidos, mas também nos países desenvolvidos. A sobrevivência do ser vivo está intrinsecamente dependente da água, nós precisamos dela para vivermos, não é só para nos lavarmos ou limparmos a casa ou usá-la nas nossas práticas religiosas, ela é manifestamente essencial à manutenção do nosso corpo e da nossa vida. Sem água desidratamos e morremos, característica esta comum a todos os seres vivos e à natureza. Nada nem ninguém consegue sobreviver sem este líquido precioso.

A distribuição da água e o acesso a esta nem sempre foi pacífico. Já desde os primórdios que existem conflitos por causa da água. A este respeito Mário Melo Rocha⁹ faz uma breve reflexão sobre o papel da água na relação entre povos e países pronunciando-se sobre os mais recentes desenvolvimentos, tais como: em 1920 a água teve um papel determinante no Tratado de Sevres aquando da negociação de paz entre a

⁷ ROWENA & RUPERT SHEPHERD, “Water”, *1000 Symbols, what shapes mean in art & myth* (2002), 41; cf. MANFRED LURKER, “Wasser”, *WbBS* (1978), 338 - 339. No mesmo sentido consultar a entrada *Água* no *DS* (1998), 53-54.

⁸ *MEB*, “Água”, In *Vocabulário de Teologia Bíblica* (1972), 16.

⁹ MÁRIO MELO ROCHA, *A Água e o direito*. In *Água um desafio sem Espaço nem Tempo*, 1, 47-49.

Turquia e os seus aliados após a I Guerra Mundial, culminando na desintegração do Império Otomano.

Quanto à regulamentação da água em matéria ambiental Mário Melo Rocha evidencia ainda os mais importantes. Deste modo, em 1909 é assinado o Tratado relativo às águas fronteiriças entre os EUA e o Canadá. Na década de 50 na Europa é assinado o Protocolo que engloba os seguintes países: Bélgica, França, Luxemburgo e que diz respeito à poluição das águas continentais. A Convenção de Londres de 1954 teve como intuito a prevenção da poluição do mar com hidrocarbonetos. Em 1968 o Conselho da Europa adota a Carta Europeia da Água.¹⁰ Em 1998 a água foi o tema central do Convénio Luso-Espanhol em virtude dos novos instrumentos de tutela ambiental, como o instituto da mediação ambiental, que no continente americano, foi capaz de resolver litígios pendentes em torno de barragens e cursos de água.

Dez anos mais tarde, em 2008, a água dá mote à Exposição Internacional de Saragoça com o título: “*Água e Desenvolvimento Sustentável*”, onde a União Europeia dispôs de um pavilhão onde exibiu o novo modelo da gestão dos recursos hídricos baseado na eficiência, poupança e conservação.¹¹ Da brochura criada para este evento vamos salientar alguns elementos, tais como: a diretiva – quadro no domínio da água, que visa assegurar a boa gestão da água; visa também proteger a água destinada ao

¹⁰ *Carta Europeia da Água* proclamada pelo Conselho da Europa em Estrasburgo a 6 de maio de 1968 e assenta nos seguintes doze pontos:

1. Não há vida sem água. A água é um bem precioso indispensável a todas as atividades humanas.
2. Os recursos de águas doces não são inesgotáveis. É indispensável preservá-los, administrá-los e, se possível, aumentá-los.
3. Alterar a qualidade da água é prejudicar a vida do Homem e dos outros seres vivos que dela dependem.
4. A qualidade da água deve ser mantida a níveis adaptados à utilização a que está prevista e deve, designadamente, satisfazer as exigências da saúde pública.
5. Quando a água, depois de utilizada, volta ao meio natural, não deve comprometer as utilizações ulteriores que dela se farão, quer públicas, quer privadas.
6. A manutenção de uma cobertura florestal adequada, de preferência florestal, é essencial para a conservação dos recursos de água.
7. Os recursos aquíferos devem ser inventariados.
8. A boa gestão da água deve ser objeto de um plano promulgado pelas autoridades competentes.
9. A salvaguarda da água implica um esforço crescente de investigação, formação de especialistas e de informação pública.
10. A água é um património comum, cujo valor deve ser reconhecido por todos. Cada um tem o dever de a economizar e de a utilizar com cuidado.
11. A gestão dos recursos de água deve inscrever-se no quadro da bacia natural, de preferência se inserida no das fronteiras administrativas e políticas.
12. A água não tem fronteiras. É um recurso comum que necessita de uma cooperação internacional. In <http://naturlink.sapo.pt/Natureza-e-Ambiente/Sistemas-Aquaticos/content/A-Carta-Europeia-da-agua?bl=1> (consultado a 3 de setembro de 2013.)

¹¹ Brochura criada para a Exposição Internacional de Saragoça, que decorreu de 14 de junho a 14 de setembro de 2008 pelo serviço de publicações (publications.europa.eu). Cf. <http://videos.sapo.pt/TYbMvzRzIpbRE0OaeZ> (artigo consultado a 6 de julho 2012).

consumo humano; visa também a proteção das águas balneares e sanitárias; visa igualmente o tratamento das águas residuais e, por último, visa ainda a proteção do estado biológico, químico e físico do meio marinho. Todas estas diretivas têm como objetivo estarem alcançadas globalmente até 2015. Este documento enuncia ainda os acordos internacionais sobre as águas regionais das seguintes zonas: bacia do Reno; bacia do Danúbio e mar do Norte; bacia mediterrânica; mar Báltico e meio marinho do Atlântico Nordeste. Também foi criado um sistema de limites que regula a quantidade das descargas de substâncias perigosas nas águas superficiais. Relativamente ao perigo de inundações o Parlamento Europeu adotou em 2007 uma diretiva relativa à avaliação e gestão dos riscos de inundações, especialmente nas zonas propensas a este risco. Ainda em 2007 a Comissão fez publicar uma comunicação sobre uma abordagem para enfrentar uma possível escassez de águas e uma seca.

1.2. A ÁGUA E A VIDA

Parafraseando Célia M. Manaia¹² estima-se que a terra tenha surgido há cerca de 15 mil milhões de anos – “uma explosão colossal, rápida e violenta, que terá dado origem a toda a matéria e a toda a energia e, assim surgiu o espaço e o tempo.” Mais tarde formaram-se as estrelas, só depois os planetas e nesta altura o planeta Terra era apenas mais um.

Devido à sua localização no sistema solar a Terra usufruiu de condições de temperatura e pressão que permitiram que o vapor de água proveniente dos vulcões, cometas e meteoros se condensassem na sua superfície. O facto de este planeta ter água líquida tornou-o único no Universo. Associado a este facto foi possível aparecer vida na Terra. Apesar de hoje a vida nos parecer uma coisa banal, o seu surgimento não foi algo simples, antes pelo contrário, foi necessário ocorrerem uma série de acontecimentos que conduziram à diversidade da vida e dos seres vivos que hoje conhecemos. Deram-se uma série de

“reações químicas, aceleradas por catalisadores sofisticados mas acima de tudo, depende da capacidade de perpetuar um tesouro que contém todos os comandos necessários a cada ser vivo, ou seja, a sua informação genética”.

¹² CÉLIA M. MANAIA, “*A Água e a vida*”, In *Água um desafio sem Espaço nem Tempo*, 243- 257.

Quer a vida quer a Terra assentam em dois pilares essenciais – a química do carbono e o facto de a água existir em estado líquido. Apesar das várias investigações a origem da vida na Terra permanece ainda um mistério. Uns defendem que a sua origem, se calhar, aconteceu por acaso “no caldo nutritivo que cobria a Terra primitiva”; outros simplesmente defendem que a vida veio de um ponto distante do Universo. Contudo, há algo, que parece ter sido essencial – a presença da água. Os primeiros seres foram surgindo e evoluindo, tornando-se mais complexos, sendo que estes últimos interagiram com o meio ambiente, transformando-o.

A autora relembra a máxima “onde há vida há água” para que não nos esqueçamos que ainda hoje a origem da vida em meio aquoso está presente nas “mais diversas formas vivas.” A água representa 70% do peso total das células dos seres vivos e 90% na composição da vida vegetal, portanto, na seiva das árvores, nas plantas e através da fotossíntese. Ela também está presente no sangue humano representando 50% do seu volume total. Toda e qualquer pessoa tem entre 50% a 90% de água no seu corpo, a própria vida humana se desenvolve em água, já as plantas não precisam dela para nascer, mas precisam dela para germinarem.

Os seres vivos começaram a deixar o meio aquático quando o ambiente na terra se tornou amistoso e gradualmente foram abandonando a água. Mas para uma adaptação plena os seres vivos desenvolveram capacidades que lhes permitiu sobreviver na terra, como por exemplo: captar nutrientes, obter energia, respirar, fixar-se ou movimentar-se. No entanto, outros permaneceram no meio aquático.

O meio aquático representa 97% da água que cobre o planeta e nele podemos encontrar uma imensidade biológica. Por isso, e também por não estar acessível a todas as pessoas, crê-se que o mar esconde uma enorme diversidade de seres vivos; apesar de a ciência estar sempre atenta, os mares e oceanos ainda nos podem revelar muito acerca das origens e da evolução da vida na Terra. Prova disso é a recente pirâmide submersa encontrada ao largo da ilha dos Açores.¹³

¹³ <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=682880&tm=4&layout=122&visual=61> (artigo consultado a 1 de novembro de 2013).

2. A ÁGUA DESDE A ANTIGUIDADE

Ἵδωρ é desde Homero designada por água. Parente são também a inglesa *Water*, a alemã *Wasser* e a latina *Unda, Welle*. O plural aparece no grego clássico na maior parte das vezes associada à água de um rio e raramente como água corrente. Proverbialmente era um modo de falar “escrever alguma coisa na água” para “dar como perdido”. “Dar de beber água fresca a um sedento”, alguém que tem sede, pertence ao dever moral das pessoas. “Água viva” é em Sêneca um estereótipo para a água, que provém das camadas profundas e não da chuva local.¹⁴

O culto às águas era praticado pelos povos indo-europeus. A sua origem naturista deduz-se claramente pelo vocabulário empregue, nas denominações para “água”, que diferem ligeiramente da época antiga, quando se referiam à água como simples elemento ou como potência ativa, purificadora ou curativa. A água tinha grande importância na mitologia e culturas da Índia védica (era invocada, por exemplo, em juramentos): uma das deusas fundamentais, Sarasvatī, era um rio e, no mesmo sentido, convém não esquecer o rio Ganges no Hinduísmo contemporâneo. A ele mesmo estava consagrado uma das entidades do Irão zoroástico, cujo nome “saúde” (Haurvatāt) tem uma ressonância nutritiva e fortificante. Os romanos neste sentido tinham um culto muito helenista. No mundo indo-europeu o culto às águas teve bastante importância quer nos cultos celtas quer nos cultos celto-romanos, que aparecem extremamente ligados à vida social. Mais tarde as escavações realizadas vieram comprovar efetivamente isto, visto que foram descobertos muitos santuários. Desta forma, a permanência de um mesmo centro de devoção permitiu estudar o fenómeno dos sincretismos: o romano-celta, incluindo o germano-celta e, mais tarde, o romano oriental. Os santuários eram centros termiais religiosos e terapêuticos. Na França, na Inglaterra e na Alemanha proliferavam, conservando-se até aos nossos dias, nomeadamente os seguintes: Aix-en-Provence; Amélie-les-Bains; Bagnères-de-Bigorre; Bagnères-de-Luchon; Dax; Royat; Mont-Dore; Nérís; Vichy; Aix-les-Bains; Luxeuil em França; Bath; Buxton em Inglaterra; Aquisgrán; Wiesbaden; Badenweiler na Alemanha. O santuário de Vichy é um grande exemplo que testemunha a devoção termal e a deusa adorada era Diana, uma vez que era conhecida por ser protetora da natureza e do culto às águas. As águas de Fontaines-Salées também eram sobejamente

¹⁴ O. BÖCHER, “Wasser”, II, 2, *TBLNT* (2000), 1861.

conhecidas pelas suas propriedades curativas e também, por ser tão salgada, era local de extração de sal. A fundação de Aquigrán é atribuída a Tibério no ano 16 DC, o conjunto termal foi construído pelos Legionários, como centro de repouso e de cura. As águas ferventes e ferruginosas de Wiesbaden eram muito apreciadas em Roma, sendo utilizadas em luxuosas termas. O tratamento termal consistia em imersões, como revelam as termas, piscinas coletivas ou banheiras individuais. Em Bagnères-de-Luchon descobriu-se algo que se assemelha a uma sala de inalação e também se sabe que a água de Mont-Dore, Vichy e Badenweiler eram usadas para consumo. Não se pode, contudo, afirmar que os antigos atribuíam propriedades curativas a todas as águas não termais às quais prestavam culto. De qualquer forma, os santuários são abundantes em várias zonas da Gália.¹⁵

Mircea Eliade¹⁶ refere que a água

“na cosmogonia, no mito, no ritual, na iconografia, desempenha a mesma função, qualquer que seja a estrutura dos conjuntos culturais nos quais se encontra: elas precedem qualquer forma e suportam qualquer criação”.

Nas tradições judaicas e cristãs a água simboliza toda a origem da criação. O homem hebreu simboliza a água sensível: é mãe e matriz. Fonte de todas as coisas, manifesta o transcendente e, por isso, deve-se considerar uma hierofania. De qualquer forma a água como qualquer outro símbolo tem dois planos completamente opostos, por um lado fonte de vida e, por outro, fonte de morte, criadora e destruidora.¹⁷

Como já foi referido a água pode significar simultaneamente fonte de vida e causa de morte, por exemplo: ao beber água para matar a sede, verifica-se a “morte da sede” e também o renascimento para uma “nova vida”, ambos os sentidos estão ligados. Normalmente a água corre para baixo, conduzindo ao abismo (cataratas, enxurradas) sendo deste modo sinónimo de morte, mas também corre na horizontal (acalmia), não obstante, também corre em sentido contrário, isto é, para cima, por exemplo, em forma

¹⁵ JEAN LOICQ, “Águas”, 1. Nocións generales y divindades, *Diccionario de las Religiones* (1987), 33-37.

¹⁶ MIRCEA ELIADE, *As águas e o simbolismo aquático*, In *Tratado de história das religiões*, 244.

¹⁷ “Água”, *DS* (1998), 54-55.

de seiva (nas árvores), sendo neste sentido é geradora de vida.¹⁸ Quando uma pessoa cai à água (mergulho ou imersão), pode morrer ou correr risco de vida; mas ao sair salva-se.

“A água prende e mata, mas também liberta; separa e isola (povoações por um rio); mas também une e comunica (pelas pontes e barcos). Ela suja, mas também lava e purifica. Ela divide, mas também congrega e incorpora”.¹⁹

Quer o sal quer o açúcar se dissolvem na água²⁰ (destruição) sendo, portanto, causa de morte, mas ao mesmo tempo a água fica salgada ou doce (vida nova). Mas quando, olhamos para um fio de água ou para um rio ela é sinónimo de coesão, de união, de aliança, de incorporação, de coagulação sendo também sinal da vida que corre (água viva). A água na terra é mãe fonte de todas as coisas logo está na origem da criação. No entanto, a terra sem água, por exemplo no deserto, é sinal de morte. Concomitantemente a água é sinal de vida e de morte; é criadora e destruidora. Os mares e oceanos que separam os continentes também os ligam, pois também servem de via de comunicação entre eles. A água também pode ser utilizada como medida de equilíbrio quando usada, por exemplo, nos níveis de água e nas bússolas; e ao ser misturada com bebidas alcoólicas minimiza os seus efeitos, ajudando deste modo a manter o equilíbrio. Ao não ter uma forma associada a água torna-se, por isso, imagem do caos, que é o estado anterior à criação do mundo, onde imperava a desordem, a ausência de vida e de harmonia.²¹ Ao representar o estado água, mesmo após a criação completa do cosmos, ela aparece desde a criação quer como um princípio vivificante da ordem, garantindo a existência do mundo; quer como um princípio destruidor.

¹⁸ In <http://exploradores538.forumeiros.com/> (artigo consultado a 25 de agosto de 2011); No mesmo sentido MIRCEA ELIADE, *As águas e o simbolismo aquático*, In *Tratado de história das religiões*, 244; cf. Sl. 104 (que resume as maravilhas do domínio das águas) in MEB, “Água”, *Vocabulário de teologia bíblica* (1972), 17.

¹⁹ In <http://exploradores538.forumeiros.com/> (artigo consultado a 25 de agosto de 2011);

²⁰ Mircea Eliade no sentido da dissolução diz o seguinte: “ A purificação pela água possui as mesmas propriedades: na água, tudo se “dissolve”, toda a forma se desintegra, toda a “história” é abolida; nada do que anteriormente existiu subsiste após uma imersão na água, nenhum perfil, nenhum “sinal”, nenhum “acontecimento”. A imersão equivale, no plano humano, à morte, e no plano cósmico, à catástrofe (o dilúvio) que dissolve periodicamente o mundo no oceano primordial. Desintegrando toda a forma e abolindo toda a história, as águas possuem esta virtude de purificação, de regeneração e de renascimento, porque o que é mergulhado nela “morre” e, erguendo-se das águas, é semelhante a uma criança sem pecados e sem “história capaz de receber uma nova revelação e de começar uma nova vida “limpa”. Cf. Ez 36, 25”. MIRCEA ELIADE, *As águas e o simbolismo aquático*, In *Tratado de história das religiões*, 250- 251.

²¹ In <http://exploradores538.forumeiros.com/> (artigo consultado a 25 de agosto de 2011); No mesmo sentido: MANFRED LURKER, “Wasser”, *WbBS* (1978), 338.

A água das chuvas é boa, fertiliza e dá a vida; já a água agitada do mar é considerada maléfica, causadora de morte, engole tudo. A água que vem de cima é boa e a de baixo é má.²² A água tanto dá a vida como dá a morte, quando falamos por exemplo de dilúvios, tempestades, tsunamis, entre outras; pois destrói as culturas e, às vezes, até as próprias povoações.²³ O poder caótico das águas aflige e apesar de já de se ter superado a ameaça primordial, as catástrofes do mundo continuam a representar um perigo potencial para a vida. Esta ambivalência também se reflete na história religiosa: devido ao poder vivificante da água das nascentes, lagos, riachos, entre outros, estes são vistos como locais de disseminação, de cura e de fertilidade em muitas tradições religiosas. Há que referir que as tradições gaulesas associavam à noção de fonte fluvial uma série de elementos que se encontram na Gália e na Bretanha romanas: relação com o sol, poder ocular, femininalidade do rio.²⁴ Deste modo a água tem uma estreita relação com a fertilidade e religiosidade femininas.²⁵ Na Alemanha e em Inglaterra existem as “Kinderteichen”, “Bubenquellen” e a “Child’s Well”, que são fontes procuradas pelas mulheres estéreis.²⁶

A água poluída ou estagnada associa-se ao horror, à imundice, ao mau cheiro, à morte e afasta as pessoas. Por outro lado, a água pura atrai as pessoas, cativa-as, mata a sede, combate os fogos, dá e salva vidas. A água da chuva, das fontes ou ribeiros é o alívio dos que têm sede e limpa as impurezas. Os oásis do deserto, as fontes e os poços são vistos como locais de encontro. Sendo estes locais onde se planeiam casamentos, batalhas ou conspirações.²⁷ Os rios, as chuvas e o orvalho são agentes de fertilização conferem a fertilidade e são símbolo da bondade divina, nem que seja em forma de neve.²⁸ A água é também sinónimo de hospitalidade quando se oferece água fresca ao visitante e se providencia água para lavar os seus pés, assegurando deste modo paz ao seu repouso. A água é também um meio de purificação.

²² No mesmo sentido, *MEB*, “Água”, In *Vocabulário de Teologia Bíblica* (1972), 16-17.

²³ Sendo também usada como instrumento da vingança divina, JEAN GAILLARD, “Eau”, 3° L’eau, instrument de mort, 1), *DSAMDH* (1960), 10.

²⁴ Para um maior aprofundamento sobre o culto a estes locais consultar: JEAN LOICQ, “Agua”, *Diccionario de las Religiones* (1987), 33-39.

²⁵ KLAUS HOCK, “Wasser”, I. *Religionsgeschichtlich*, *LTK* (2001), 984 - 985. No mesmo sentido, MIRCEA ELIADE, *As águas e o simbolismo aquático*, In *Tratado de história das religiões*, 244- 245.

²⁶ MIRCEA ELIADE, *As águas e o simbolismo aquático*, In *Tratado de história das religiões*, 248.

²⁷ JEAN GAILLARD, Eau, 1° Sa place dans la creation, *DSAMDH* (1960), 8.

²⁸ No mesmo sentido consultar JEAN GAILLARD, “Eau” 1° Sa place dans la création, *DSAMDH* (1960), 7.

“Os muçulmanos têm ritos de purificação com água corrente, antes de entrarem nas mesquitas; os cristãos usam-na em ritos de aspersão e ablução”.

Todos nós a usamos para nos lavarmos, para tomar banho ou limpar as nossas casas e as nossas roupas (morte à impureza e sujidade e vida à higiene). Ao ser sinal de purificação física a água também é sinal de purificação moral, por exemplo, no batismo, na aspersão com água benta²⁹ e no “lavabo” da missa. A água também tem capacidades regeneradoras porque dá novas forças e há ainda quem defenda que limpa as impurezas do organismo. Beber um copo de água quando estamos muito cansados contribui para que recuperemos as forças e despertemos para a paz e para uma nova vida. “A água também é símbolo do espírito”, ao passo que a alma procura um deus, o veado procura as águas vivas, ou seja, a água regenera a vida.³⁰

O homem desde cedo procurou a água como qualquer outro animal em ordem à sua sobrevivência, daí ela estar ligada aos estabelecimentos humanos.³¹ A caminhada do povo hebreu pelo deserto assemelha-se a uma peregrinação dolorosa aos pontos de água criados por Javéh.³² A arquitetura explora a força da água e a sua propriedade natural de remover impurezas e de ser considerada como um elemento puro. Deste modo, as religiões apropriando-se destas características naturais da água vão valorizar a cerimónia do batismo, do lava-pés e do banho. Para este fim, foram construídos espaços e equipamentos próprios nas igrejas (pias batismais) e nas mesquitas (fontes de lava-pés e mãos). Tendo em consideração as mesmas características os arquitetos associaram o simbolismo da água com a “fonte de água viva” no jardim ou *hortus*, fazendo representações do jardim primitivo ou do paraíso, colocando quatro braços saindo geometricamente do centro do jardim, simbolizando os quatro “rios” convergentes.³³

A água tem qualidades naturais que dão azo ao simbolismo e às práticas das religiões conferindo-lhe uma grande importância como uma experiência viva e

²⁹ Para um maior aprofundamento sobre o que é a água benta, consultar: M. NOIROT, “Eau bénite”, *CHAD* (1952), 1218- 1219.

³⁰ In <http://exploradores538.forumeiros.com/> (artigo consultado a 29 de agosto de 2011); No mesmo sentido, consultar: HERCULANO ALVES, *Símbolos en la Biblia, 1. Símbolo de vida y de muerte*, 29-30.

³¹ ANTÓNIO REIS CABRITA, *A água e a arquitectura*. In *Água, um desafio sem Espaço nem Tempo*, 3, 14.

³² JEAN GAILLARD, “Eau” 2º L’eau source de vie, *DSAMDH* (1960), 9.

³³ ANTÓNIO REIS CABRITA, *A água e a arquitectura*; 5.1. *O valor simbólico da água na arquitectura*, In *Água, um desafio sem Espaço nem Tempo*, 27-28.

revigorante. A água é muitas vezes como uma residência dos deuses, espíritos e outros poderes, ou mesmo objeto de adoração/ admiração/ adivinhação.³⁴

Ao lado dos santuários, todas as ruínas das antigas sinagogas incluem várias salas laterais. Mesmo ainda hoje é possível encontrar um vestíbulo ou uma sala ladeada por colunas, onde está uma bacia para os fiéis se lavarem antes das orações.³⁵

3. A ÁGUA COMO ELEMENTO PROTOLÓGICO

De acordo com o dicionário de símbolos³⁶ a água é um elemento primordial, sendo considerada como o ponto de partida para o surgimento da vida³⁷, ou seja, toda a vida provém da água, por isso é que a sua simbologia está ligada à *matrix* – mãe. A água é um símbolo da gênese, do nascimento. Para os Vedas a água é a *mâtrimâh*, o que significa “a mais materna”. Nos mitos dos heróis a água está sempre associada ou ao seu nascimento ou ao seu renascimento, por exemplo: Mitra nasceu nas margens de um rio, Jesus Cristo “renasceu” nas margens do rio Jordão e o próprio Moisés também apareceu na água. A associação com a morte e com o renascimento também é encontrada na lavagem, onde a água é utilizada para a produção de rituais de pureza. “*Prahmanda*, o Ovo do Mundo, é tido como tendo sido chocado na água e é dele que advém toda a criação”.³⁸ Muitos mitos falam de uma criação do mundo a partir de um mar primordial (mitos aquáticos), uma vez que a água preexiste a todas as outras realidades.

Para os antigos egípcios a água estava associada à ideia de renascimento: como “saída de onde emergiu Osíris”, de onde se libertou da morte. Na água a vida e a morte caminham juntas. A deusa babilônica Ishtar teve que descer ao reino dos mortos para conseguir a água da vida.³⁹

A mitologia indiana fez uso das águas nos seus mitos, por exemplo, Nârâyana fluuava nas águas e do seu umbigo brotava uma árvore cósmica, simbolizando o estado

³⁴ KLAUS HOCK, “Wasser”, I - *Religionsgeschichtlich*, LTK (2001), 984.

³⁵ ISMAR ELBOGEN, “The Synagogue construction”, *Jewish liturgy, a comprehensive history* (1993), 358.

³⁶ In <http://www.dicionariodesimbolos.com.br/> (Artigo consultado a 25 de agosto de 2011).

³⁷ Cf. KLAUS HOCK, “Wasser”, I. *Religionsgeschichtlich*, LTK (2001), 984.

³⁸ In <http://www.dicionariodesimbolos.com.br/> (Artigo consultado a 25 de agosto de 2011).

³⁹ MANFRED LURKER, “Wasser”, *WbBS* (1978), 338. Para um maior aprofundamento sobre o tema “água da vida”, consultar MIRCEA ELIADE, *As águas e o simbolismo aquático*, In *Tratado de história das religiões*, 249-250.

de repouso e indiferenciação, portanto, noite cósmica. Na tradição purânica, esta mesma árvore é substituída pelo lódão, onde nasce Brahma. A cosmogonia babilônica também se reporta à água, Apsû, personificando o oceano de água doce, onde mais tarde, flutuará a Terra; e Tiamat, personificando o mar salgado e amargo, está povoado de monstros.⁴⁰

Posteriormente é que surgem as restantes realidades – os próprios deuses – que inclusive nascem das próprias águas primordiais. A criação consiste na ordenação do caos aquático inicial e na construção do mundo por deus. Sucessivamente toda a natureza e todos os fenômenos tenderão a imitar o acontecimento primordial.⁴¹ Os deuses e as deusas que presidem às águas animadas desempenham o princípio que G. Dumézil denomina de terceira função, a mais ampla e teologicamente organizada: dominam de maneira evidente as noções de fertilidade e com poder curativo e são frequentemente invocadas por deuses-mães, protetoras dos pequenos grupos sociais, compassivas e próximas da sensibilidade popular. Não obstante, algumas divindades são mais complexas e exedem em mais de um aspeto a função simplesmente tutelar ou terapêutica. Mas no geral estão dotadas de valores solares, astrais e oraculares.⁴²

O culto aos rios e às suas fontes também são populares.⁴³ A Irlanda tinha uma mitologia de rios e de fontes, que passaram em parte para a literatura e para a hagiografia: contava-se por exemplo, que uma tempestade (ou um milagre de um santo) tinha feito surgir os sete rios de Eire. Frequentemente os lugares de culto estabeleciam-se mesmo nas fontes ou às vezes também nas confluências dos rios. As ofertas, monetárias ou de outro tipo, descobertas quando os locais são dragados, permitem localizá-los, quando não existem outros testemunhos, como por exemplo em Nêuchatel, em Inglaterra e na Escócia. Também se sabe hoje que se celebrava uma festa pagã na Irlanda, a um de novembro, nas margens de um lago. Da mesma forma os marinheiros do lago Lemman deixaram inscrições em Lausanne e Genebra dedicadas a Neptuno. O

⁴⁰ MIRCEA ELIADE, *As águas e o simbolismo aquático*, In *Tratado de história das religiões*, 246-247. No mesmo sentido, “*Água*”, c), *DS* (1998), 59- 60.

⁴¹ MIGUEL DE FRANÇA DORIA, *O culto da água A água do culto*, 8.

⁴² JEAN LOICQ, “*Águas*”, 1. Nociones generales y divindades, *Diccionario de las Religiones* (1987), 33-34. No mesmo sentido, MIRCEA ELIADE, *As águas e o simbolismo aquático*, In *Tratado de história das religiões*, 259-268.

⁴³ Para um maior aprofundamento sobre o tema fontes miraculosas e oraculares, consultar MIRCEA ELIADE, 67. *fontes miraculosas e oraculares*, In *Tratado de história das religiões*, 256-259.

folclore suiço, irlandês e escocês povoam os seus lagos com dragões, os quais representam as últimas encarnações dos deuses pagãos.⁴⁴

Andreas Grünschloß⁴⁵ refere que a água aparece mundialmente como um elemento fundamental e originário do mundo e da vida, desempenhando, portanto, um papel importante na relação protológica. A água está ligada à formação dos oceanos antigos ou lagos subterrâneos e vista nos mitos cosmogónicos como algo já criado ou existente antes de toda a substância primordial.⁴⁶ O mesmo autor⁴⁷ conta-nos ainda que a água pode representar limites mitológicos, não apenas no espaço, mas também no aspeto temporal, uma vez que são mencionadas várias conexões cosmogónicas da água com a origem da vida (criação). A água como poder original do caos, que está contido no evento protológico é deixado para trás para que a terra possa emergir. Também no AT é mencionado um mar antigo que já existia desde os primórdios (Gn 1) e onde se encontram ocasionalmente referências a criaturas da água do caos (Leviatã).

Nas palavras de Manfred Lurker⁴⁸ só depois das águas do céu se reunirem no seu lugar, apareceu a terra seca (Gn 1,9). A água primordial transformou-se em água de vida. Da água primordial surgiu um rio no Éden que regava o jardim e se dividia em quatro braços, representando assim os pontos cardeais (Gn 2, 10-14). A água ligada ao espírito de Deus é capaz de realizar maravilhas.⁴⁹ Por conselho do profeta Elias, o general arameu mergulhou sete vezes no Jordão ficando deste modo curado da lepra (2 Rs 5, 10-14). O milagre da fonte de Moisés (Ex 17,6) é o modelo da fonte sacramental inaugurado por Cristo para os fiéis. Quando chegar o “Dia do Senhor”, “naquele dia, de Jerusalém jorrarão águas vivas” (Zc 14,8) e é esta a água viva que a Igreja dá. Esta mesma ideia está muito clara em Ezequiel (47, 1-12),

⁴⁴ JEAN LOICQ, “Agua”, 1. a) Culto a los ríos y a sus fuentes, *Diccionario de las Religiones* (1987), 34-36.

⁴⁵ ANDREAS GRÜNSCLOß, “Wasser”, I, *RGG*⁴ (2005), 1311. No mesmo sentido consultar capítulo “Theological Importance - Cosmology” in TIMOTHY P. JENNEY, “Water”, *DB (E)* (2000), 1367. Cf. COUTO; António, *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*, 212- 215. O autor defende que “ Ao contrário dos mitos mesopotâmicos e gregos, na descrição bíblica é Deus que preexiste, e não a matéria; não é Deus que nasce, mas exatamente o contrário: Deus cria. Na Bíblia, a criatura é mais antiga do que a natureza”.

⁴⁶ No mesmo sentido consultar JEAN GAILLARD, “Eau” 1° Sa place dans la création, *DSAMDH* (1960), 8.

⁴⁷ ANDREAS GRÜNSCLOß; “Wasser”, III, *RGG*⁴ (2005), 1312.

⁴⁸ MANFRED LURKER, “Wasser”, *WbBS* (1978), 339. Para um esclarecimento maior sobre as interpretações do livro do Génesis consultar ALFREDO DINIS, *A água e a filosofia: a filosofia, a espiritualidade e a poesia*. In *Água um desafio sem Espaço nem Tempo*, 5, 74-77.

⁴⁹ No mesmo sentido consultar JEAN GAILLARD, “Eau” 1° Sa place dans la création, *DSAMDH* (1960), 8.

“Conduziu-me para a entrada do templo, e eis que saía água da sua parte subterrânea, em direção ao oriente, porque o templo estava voltado para oriente. A água brotava da parte de baixo do lado direito do templo, a sul do altar” o oriente simboliza claramente Cristo, pois o rio vai em direção ao oriente, à luz. Por onde esta água passar haverá abundância de peixe e onde esta água salubre chegar, haverá vida por toda a parte”(Ez 47, 9).

A. Girlanda⁵⁰ reflete sobre o simbolismo da água como sede de alma compreendida na sua penúria, uma vez que os hebreus tinham que comprar água (Is 55,1; cf. Lm 5, 4), verificando-se o mesmo com outros elementos; mas o profeta Isaías convida: “ide por água, mesmo que não tenhas dinheiro!”. A água que Deus oferece pelos lábios do profeta não se compra realmente com dinheiro; o convite para buscar água é um convite a escutar: “ dá ouvidos....., escutai, e viverá a vossa alma” (Is 55,2). A água é a “palavra”, que é verdadeiramente a vida de Israel (Dt 8, 3; 32, 47), sem a qual nem sequer existia. Da palavra de Deus dirigida a Abraão, da palavra que Ele promete uma descendência, nasce Israel (Gn 12, 1-2). Num tempo em que esta “palavra”, que não só deu origem, mas também acompanhou Israel ao longo da sua história, todavia não tendo sido fixada ou codificada, ressoava na voz viva dos homens de Deus, mas a sua falta provocava “fome e sede”, o mesmo que a falta de pão e água. Amós ameaça com esta “escassez e seca”, por aquelas “meninas bonitas e jovens bonitos” que murcharão de sede e vaguearão ansiosos em busca dessa água (Am 8, 11-13). O silêncio de Deus faz parte do seu castigo, sendo uma espécie de exílio da alma de Israel longe da “palavra” por ter dado ouvidos a outras palavras, por ter ido buscar outras águas.

Sendo um dos quatro elementos da natureza, a água é também símbolo do sentimento. “As emoções também se encontram representadas na água, deste modo as ondas do mar corresponderiam ao movimento dessa mesma emoção”.⁵¹ Por causa do seu simbolismo profundo, a água está ligada, nomeadamente a práticas de adivinhação e realização de juramentos.

Existem variadíssimas referências metafóricas da água, mas mencionaremos apenas algumas, por exemplo: a consciência alcançada através da meditação pode ser

⁵⁰ A. GIRLANDA, “Agua”, II – *El agua como signo y símbolo*, 1 – *El agua para la sed del alma*, NDTB (1990), 39.

⁵¹ In <http://www.dicionariodesimbolos.com.br/> (artigo consultado a 25 de agosto de 2011).

comparada a um lago tranquilo (Yoga) e alcançar o céu como objetivo com um rio (Budismo, Jainismo). No Daoismo a água serve como imagem para o rio macio de Dao. O famoso quadro de Chândgya – Upanisal da dissolução do sal na água ilustra a invisível presença da própria divindade do Ser. O autor Andreas Grünsclöß refere que pelo mundo também se encontram muitos mitos e contos de fada sobre a chamada “água viva” ou “elixir da vida”, que conferem a imortalidade ou o efeito do rejuvenescimento temporário (fonte da juventude): mitos babilónicos sobre uma fonte no submundo (Gilgamesh) e uma bebida indiana, soma, podem ser considerados elixires da “imortalidade”. O mesmo autor acrescenta ainda que do Buda temos a conhecida parábola do oceano. Mas muitas mais metáforas saem das profundezas e grandeza do mar, como por exemplo: Dalai Lama com o “Oceano de Sabedoria” ou as saídas dos rios. Gotas no oceano como metáfora para experiências místicas da dissolução (“Sentimento oceânico”).⁵²

Recorrendo também às origens temos um fenómeno religioso novo, *New Age*, que defende que se deve voltar às origens, antes do Cristianismo para deste modo obtermos uma religião natural. Os pensadores da *New Age*, afirmam que a Era do Peixe, que perpassou estes dois milénios está a chegar ao fim e que estamos a entrar na chamada Era do Aquário. Para eles nós somos produto da mãe terra “Gaia”, fazendo parte integrante deste mundo e não fomos criados por Deus, uma vez que esta teoria, ilustra o domínio do homem sobre a mulher. O deus da *New Age* não é um deus pessoal, nem transcendente, nem um deus criador e sustentador de todo o universo, mas sim uma energia impessoal, imanente no mundo com o qual se forma uma “unidade cósmica”. Também não vêem Jesus Cristo como sendo Jesus Cristo de Nazaré, uma vez que qualquer um pode ser este Cristo, desde que tenha atingido um nível de consciência onde ele ou ela se vê a si mesmo como um ser divino, pretendendo ser “senhor/a do universo”. Este Cristo pode perfeitamente ter sido um Buda.⁵³

⁵² ANDREAS GRÜNSCLOß, “Wasser”, IV e V, *RGG* ⁴(2005), 1312 - 1313.

⁵³ In http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_do2003020new-age_en.html (documento consultado a 18 de novembro de 2013).

4. A ÁGUA COMO ELEMENTO ESCATOLÓGICO

Andreas Grünsclöß⁵⁴ refere que a água desempenha um papel proeminente no contexto da topografia mítica junto do “Rio dos mortos”. Quer neste lado do mundo quer do outro lado, a ideia da fronteira da água testemunha em grande medida os limites espaciais do mundo: oceanos e rios míticos deixam transparecer o mundo como uma ilha, mas também as águas celestiais (oceano do céu) e as águas subterrâneas podem marcar as extremidades superiores e inferiores da terra, sendo frequentemente associados à origem mítica da chuva e dos rios. Do mesmo modo pode-se estabelecer uma ligação entre o fim do mundo e os mitos de inundações como, por exemplo, na visão azteca do fim do “quinto mundo” que será através de inundações. Imagens escatológicas positivas orientam-se por reinos de água do tempo dos Jardins do Paraíso, Éden (Gen 2,8ss). A apresentação do “jardim” com ricas fontes de água ligam-se aqui (Corão 56, 8ss; 76ss) e agem como motivo de trabalho para a construção do jardim. Também em relação ao sinal projetado na natureza (jardim) aparecem os poços de água, córregos e lagoas como elementos importantes nos jardins ou nos sistemas complexos dos aztecas. Todos estes tipos de lugares associados à água e as várias manifestações da água estão ligados a diferentes ritos: a remoção de água benta, os sacrifícios, os ritos de purificação fazendo lembrar os rituais fúnebres no Hinduísmo. Deste modo estabelece uma relação topográfica entre as fronteiras naturais dos rios e dos mares com as regiões limítrofes do mundo dos mortos e dos vivos.

A Bíblia começa e acaba com uma série de visões, onde a água é o elemento dominante. Assim no Pentateuco a água aparece como elemento decisivo da protologia e o mesmo acontece no Apocalipse com a escatologia, tendo por base a escatologia profética (cf. Ez 47, 1-12; Zc 14,8). Escatologia e protologia são indissociáveis do homem bíblico e água, elemento que transmite sensações, exigências, problemas e cuidados encarnados em si ligada a vários ciclos de história, vivida numa terra gananciosa por água, onde a sua busca e aprovisionamento era um problema constante e uma questão de vida e de morte. Nestas visões das origens e do cumprimento, a água está presente nas dimensões fundamentais para o homem bíblico: a) a água depende da iniciativa de Deus e do homem, condição de bem estar e de felicidade, indispensável à vida do homem, dos seus animais e dos seus campos, necessária para as abluções

⁵⁴ ANDREAS GRÜNSCLOß, “Wasser”, II, *RGG* ⁴, (2005), 1311.

profanas e rituais; a água doméstica; b) a água dos oceanos terrestres e celestiais, do mar, dos grandes rios com possíveis inundações, ou seja, a água está fora do poder do homem, sendo uma ameaça potencial e podendo converter-se em água de morte e devastação e não em água de vida, fecundidade e crescimento.⁵⁵ Também ligada à protologia e à escatologia temos a ideia da água para a sede da alma. O povo hebreu tinha que comprar a água (Is 55,1; cf. Lm 5,4), como comprava outros alimentos mas o profeta convida-os a comprar água, mesmo que não tenham dinheiro. Esta água que Deus oferece pelos lábios do profeta não se compra com dinheiro, não é um convite para beber, mas sim para escutar (Is 55,3). A água é a “palavra”, que é verdadeiramente a vida de Israel (Dt 8,3; 32, 47).⁵⁶

5. A ÁGUA COMO ELEMENTO SACRAMENTAL

Leonardo Boff⁵⁷ afirma que

“ tudo é sacramento ou pode tornar-se, depende do homem e do seu olhar. O sacramento é uma parte do mundo (in-manente), mas que traz em si um Outro Mundo (transcendente), Deus. Enquanto ele presencializa Deus, faz também parte do outro Mundo, de Deus, por isso, é que o sacramento é ambivalente. Nele há dois movimentos: um que vem de Deus para a coisa e outro que vai da coisa para Deus. Por isso, podemos dizer que o sacramento tem duas funções: a função indicadora⁵⁸ e a função reveladora”.⁵⁹ Portanto, entende-se que sacramento é tudo, quando visto a partir e à luz de Deus, ou seja, “o homem, cada coisa, sinal e símbolo do Transcendente. Para a Igreja Primitiva sacramento

⁵⁵ A. GIRLANDA, “Água”, I. El agua, elemento de la creación, *NDTB* (1990), 34.

⁵⁶ A. GIRLANDA., “Água”, II. El agua como signo e símbolo, 1. El agua para la sed del alma, *NDTB* (1990), 39-40.

⁵⁷ LEONARDO BOFF; *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*, 24- 31.

⁵⁸ Por *função indicadora* Leonardo Boff entende o seguinte: o objeto sacramental indica e aponta para Deus presente dentro dele. Deus é apreendido não com o objeto, mas *no* objeto. O objeto não absorve sobre si o olhar do homem. Faz com que o olhar humano se dirija para Deus presente no objeto sacramental. O homem vê o sacramento. Mas não deve descansar neste olhar objetivado. Deve transcender e descansar em Deus comunicado no sacramento. Vai do objeto para Deus. LEONARDO BOFF; *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*, 35.

⁵⁹ Por *função reveladora* Leonardo Boff entende o seguinte: o sacramento revela, comunica e expressa Deus presente nele. O movimento vai de Deus para o objeto sacramental. Deus, em si invisível e inagarrável, se torna sacramentalmente visível e agarrável. Sua presença inefável no objeto faz com que este se trans-figure e se dia-fanize. Sem deixar de pertencer ao mundo, se torna veículo e instrumento da comunicação do Mundo divino. É o evento da Trans-parência e Dia-fania divinas. O homem de fé é convidado a mergulhar na Luz divina que resplande dentro do mundo. O sacramento não tira o homem de seu mundo. Dirigi-lhe um apelo para que olhe com mais profundidade, para dentro do coração do mundo. O mundo sem deixar de ser mundo se trans-muta num eloqüente sacramento de Deus: aponta para Deus e revela Deus. LEONARDO BOFF, Leonardo; *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*, 35- 36.

era de modo particular a história humana dentro da qual se realiza o plano salvífico de Deus, a acolhida ou a rejeição da graça por parte do homem. O sentido dos fatos é portador de um Sentido Transcendente. Ele corporifica o desígnio salvador de Deus”.⁶⁰

Reforçando a mesma ideia Leonardo Boff continua

“o sacramento era aquilo que sempre vivia e todos vivem, mas que não sabia e poucos sabem. (...) O dia-a-dia é cheio de sacramentos. Portanto, sacramentos são sinais que contêm, exibem, rememoram, visualizam e comunicam uma outra realidade diferente deles, mas presente neles”.⁶¹

Neste sentido, a água, elemento da natureza e do nosso cotidiano, assume uma função sacramental, porque ela evoca Deus. A água desempenha o seu papel sacramental quando usada com esse propósito nos sacramentos. A fé vê a graça presente nos gestos mais rudimentares da vida, por isso, ritualiza-os e eleva-os a nível de sacramento. “Quando as coisas começam a falar e o homem a ouvir as suas vozes, então emerge o edifício sacramental”. Esta sacramentalidade universal chegou à sua máxima densidade em Jesus Cristo, Sacramento Primordial de Deus. Com a sua ascensão e desaparecimento dos olhos humanos, a densidade sacramental de Cristo passou para a Igreja que é sacramento de Cristo continuado ao longo dos tempos. O sacramento universal da Igreja concretiza-se nas várias situações da vida e sustentando a estrutura sacramental, centrada nos sete sacramentos.⁶²

“É Jesus Cristo que confere eficácia ao rito celebrado. Batizar, por exemplo, não significará mais que participar da vida da Divindade, mas mergulhar na vida de Jesus Cristo. Comer o banquete sagrado não será mais comungar da Divindade, mas comer o Corpo do Senhor é participar da sua existência ressuscitada. Casar-se não significa mais simbolizar a união de Deus com os homens, mas figurar a união de Cristo com a humanidade fiel. Dos sacramentos divinos se passa aos sacramentos explicitamente cristãos. Do exposto fica claro em que sentido Cristo deve ser considerado autor dos sacramentos. Primeiro: enquanto Verbo eterno, era sempre Ele que se comunicava em amor e salvação nos ritos que expressam a relação dos homens com o Alto. Segundo: enquanto Verbo eterno encarnado, dentro de uma história concreta, se manifestou que

⁶⁰ LEONARDO BOFF, *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*, 39.

⁶¹ LEONARDO BOFF, *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos* 17 e 18

⁶² LEONARDO BOFF, *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos* 12 e 15.

tudo está vinculado com seu Mistério. Terceiro: pelo menos para três sacramentos – batismo, eucaristia e penitência – o próprio Cristo estabeleceu uma referência explícita a si mesmo. Inseridos em Jesus Cristo, os sacramentos comunicam a vida de Jesus Cristo. Em suma, é Jesus Cristo que confere eficácia ao rito celebrado”.⁶³

Retomando o tema da água como elemento sacramental, especificamente a água do batismo, esta não traduz apenas a purificação e a vida que se alimenta da água, ela fala da nossa nova vida e da purificação que o mistério de Cristo trouxe aos homens.⁶⁴

Ao falar-se de Jesus Cristo, água e sacramento torna-se inevitável fazer referência ao sangue e à água saídos do lado trespassado de Cristo na Cruz, uma vez que há quem interprete este episódio da vida de Cristo (Jo 19, 34) à luz de uma perspectiva sacramental. Tertuliano⁶⁵ interpretou este versículo joanino como dois batismos diferentes, ou seja, um primeiro batismo de sangue (paixão) e um segundo como um sinal do batismo de água mais usual (o sacramental). Santo Agostinho também vê o sangue e a água como sacramentos da salvação, uma vez que até os considera como sendo o único acesso à verdadeira vida. Esta interpretação sacramental foi bastante comum durante a Idade Média, associando portanto o sangue à eucaristia e a água ao batismo, difundindo deste modo a espiritualidade e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. O Papa Clemente V aproveitou o mesmo facto para reafirmar a verdade do Verbo incarnado no Concílio de Viena em 1311, especialmente contra aqueles que se insurgiram contra esta ideia⁶⁶.

6. A ÁGUA NA BÍBLIA

A Bíblia e literatura cristã usam o simbolismo da água para exprimir as realidades importantes da vida espiritual. Não é apenas um bem necessário ao homem, mas sim um dos dons mais preciosos do Criador. A Bíblia vê nesse elemento uma manifestação do poder divino. Já na natureza, a água é sagrada.⁶⁷

⁶³ LEONARDO BOFF, *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*, 62- 63.

⁶⁴ LEONARDO BOFF, *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*, 66.

⁶⁵ TERTULIANO, *De Baptismo*, XVI, 2: SC 35, 89.

⁶⁶ JOSÉ CARLOS CARVALHO, *The symbology of blood and water in John 19, 34: a reappraisal*, In *Didaskalia*, Lisboa, volume XXXI, 2001, 44.

⁶⁷ JEAN GAILLARD, “Eau” 1. L’eau, créature de Dieu, *DSAMDH* (1960), 8.

Nas Edições LXX aparecem quinhentas e sessenta referências à água com *udwr* (*hydôr*), em hebraico *majim*, água, duas vezes (Ex 15,8; Sl 78 (77), 16) e em forma de plural (ribeiro/ riacho) do hebraico *nāzal*, fluxo. Só no Pentateuco aparecem mais de duzentas entradas e mais de cinquenta só nos Salmos.⁶⁸

Na Bíblia existem várias referências às águas do caos primordial (Gn 1, 2), às do dilúvio (Gn 7), e às do Nilo quando enterram os exércitos do faraó (Ex 14,15, 4-5). De seguida, temos as águas da fonte de Siloé que representam a presença de Deus entre o seu povo como fonte de vida (Is 8,6) ou a fonte sobrenatural de Ezequiel que fluirá no templo (Ez 47). No NT a água aparece como elemento destrutivo quando a casa é construída sobre a areia (Lc 6, 49) e no Apocalipse (21,1) quando se afirma que o mar deixará de existir por oposição às águas abundantes na literatura joanica (Jo 4, 10-15).⁶⁹

A. Girlanda⁷⁰ acrescenta ainda outras referências que se encontram na Bíblia, nomeadamente, terminologias meteorológicas: chuva (de outono, de inverno, de primavera), orvalho, geada, neve, granizo, furacão; terminologia geográfica: oceano, abismo, mar, fonte (água viva), rio, córrego (inundações, cheias); terminologia de aprovisionamento: poço, canal, tanque, cisterna; terminologia do uso da água: beber, matar a sede, mergulhar (batizar), lavar, purificar, derramar.⁷¹

É Deus que dispensa a água de acordo com a sua vontade mantendo em seu poder os destinos do homem. No entanto, é de ressaltar que apesar de Deus dispensar a água a seu bel-prazer, mas não o faz de forma arbitrária, mas age consoante o comportamento do seu povo. Os israelitas dividem as águas em duas realidades diferentes, as “águas do alto” (cf. Gn 1,7; Sl 148,4) e as “águas de baixo” (Gn 7,11; Dt 8,7; 33,13; Ez 31,4) conservando ainda as concepções cosmológicas babilónicas. Deus, Senhor das águas, retém-nas ou solta-as consoante a sua vontade, provocando secas ou inundações (Jb 12,15). Deus dispõe igualmente do abismo consoante a sua vontade (Sl 135, 6; Pr 3,19s), se os pára, provoca a seca das fontes e dos rios (Am 7,4; Is 44, 27; Ez 31,15) ou então abre as “comportas do abismo” e os rios correm (Nm 24,6; Sl 1,3; Ez 19,10), especialmente se as chuvas foram escassas (Ez 17,8). No deserto as fontes e os

⁶⁸ O. BÖCHEN, “Wasser”, II, *TBLNT* (2000), 1861; cf. A. GIRLANDA, “Água”, *Introducción, NDTB* (1990), 33.

⁶⁹ L. BOUYER, “Eau”, *DT* (1963), 213. Do mesmo modo JOSÉ CARLOS CARVALHO, *A água e a religião*. In *Água um desafio sem Espaço nem Tempo*, 2, 173-180.

⁷⁰ A. GIRLANDA, “Água”, *Introducción, NDTB* (1990), 33.

⁷¹ No mesmo sentido, “Água”, *DS* (1998), 54-55.

poços são extremamente importantes quer para os homens quer para os animais (Gn 16, 14; Ex 15, 23 - 27), sendo, por vezes, objeto de quezílias (Gn 21, 25; 26, 20s; Js 15,19).⁷²

6.1. A ÁGUA NO ANTIGO TESTAMENTO

O. Böchen⁷³ apresenta a água como sendo indispensável à vida do ser humano; juntamente com o pão e a água que são considerados bens essenciais para a vida humana (Ex 23, 25; 1 Sam 30, 11 s, 1 Rs 18. 4.13 entre outras)⁷⁴; e para o gado (Gn 24, 11-20; 30, 38 entre outras), mas também para a rega da vegetação (Dt 11, 11; 1Rs 18, 41-45) e nas profecias do fim do mundo é símbolo da vida em pleno. Consequentemente o homem aceita a humidade gratuita como presente, bom para a saúde, benefício de *Jhwhs*. No relato da criação Javista conta-se que Ele transformou a terra morta em terra fértil através de fontes brotantes (Gn 2, 5ss) como também deu ao paraíso água abundante através de uma tempestade (Gn 2, 10-14) e é assim que é caracterizado o jardim do Éden. O povo de Israel está grato por ter conhecido *Jhwh*, pois desde que O conheceu nunca mais lhes faltou água para beber (Ex 17, 5).

Udwr é também visto pelo lado negativo, sendo considerado demoníaco e ameaçador. No mar bravo e nas ondas rápidas dos rios, Israel experiencia o poder mortífero do Deus que eles servem vendo a maré destruir os seus adversários (Gn 6-8; Ex 14). Tal maré é igualmente comparada ao reino dos mortos (Ez 26, 19). De acordo com LTK⁷⁵ o dilúvio é visto como expressão do poder de Deus (Gn 7, 12.17. 24 ...) e o Mar Vermelho como uma punição para os perseguidores e de salvação para o povo de Deus (Ex 14, 26.28.29...) que passando através do Jordão permitiram a sua conquista (Js 3, 1-5).

⁷² MEB, "Água", *Vocabulário de teologia Bíblica* (1972), 16,17; Cf. A. GIRLANDA, "Agua", I – *El agua como elemento de la creación*, 3 – *Las grandes aguas*, NDTB (1990), 37. No mesmo sentido, JEAN GAILLARD, "Eau", 4º Dieu est le maître souverain des eaux, 2), DSAMDH, (1960), 12.

⁷³ O. BÖCHEN, "Wasser", II 1 a), TBLNT (2000), 1861; cf. TIMOTHY P. JENNEY, "Water", DB (E) (2000), 1367.

⁷⁴ JOSEF ERNST, "Wasser", II – *Biblich-theologisch*, LTK (2001), 986; cf. A. GIRLANDA, "Agua", I- *El agua como elemento de la creación*, NDTB (1990), 34. O mesmo capítulo fala da coleta e preservação da água como forma de aprovisionamento da mesma. Evidencia os sistemas hidráulicos de Jerusalém, Gibeão e Megido; o túnel que levava a água da fonte de Guion para a piscina de Siloé (cf. 2 Rs 20, 20; 2 Cr 32, 30) e ainda a escavação de poços bastante conhecida desde o Tempo dos Patriarcas (cf. Gn 26, 18-22; Nm 21,17). No mesmo sentido consultar, JEAN GAILLARD, "Eau" 2º *L'eau, source de vie*, DSAMDH (1960), 9.

⁷⁵ JOSEF ERNST, "Wasser", II – *Biblich- theologisch*, LTK (2001), 985.

Os judeus compreendem o dilúvio como uma ilustração do mundo carregado de pecados (Gn 6-8), para o futuro do povo os profetas de Israel esperam uma explosão escatológica com água de Deus e essa água limpa irá remover as pessoas e os países da idolatria e colocar de novo o Espírito no coração delas (Js 44, 3; Ez 6). A água torna-se uma imagem para a limpeza preconizada pelo espírito de Jhwh.⁷⁶ Portanto, qual é a relação entre a água e a remissão dos pecados? Sendo a água sobejamente conhecida pelas suas características purificadoras, considera-se que os pecados desaparecem ou, dito de outra forma, dissolvem-se nos fundos marinhos.⁷⁷

6.2. A ÁGUA NO NOVO TESTAMENTO

O NT oferece setenta e oito menções à água, frequentemente na literatura joanina e por norma associadas a fontes. O NT reflete sobre a importância da água como bem essencial à vida (água potável)⁷⁸ e os Sinóticos falam da água como uma bebida de importância elementar, como o copo de água fresca (Mt 10, 42; Mc 9, 41) ou da ponta do dedo molhado em água, que é negado ao homem rico para o arrefecimento da língua (Lc 16, 24).⁷⁹ O bebedouro dos sedentos é visto como uma obra de caridade especial (Mt 25, 35). Também é utilizada para a limpeza profana (Lc 7, 44). A água também está associada à necessidade de viver (Jo 4, 7).

Jesus Cristo veio trazer aos homens as tão prometidas águas anunciadas pelos profetas. “ Ele é a rocha que, golpeada (cf. Jo, 19, 34), deixa correr do seu flanco as águas capazes de desalterar o povo a caminho da verdadeira Terra prometida (1 Cor 10,4; Jo 7,38; cf. Ex 17, 1-7)”. Jesus Cristo é também visto como Templo (cf. Jo 2, 19 ss) de onde há-de sair o rio que banhará a nova Jerusalém (Jo 7, 37s; Ap 22, 1-17; Ez 47, 1-12). No fundo estas águas não são mais que o Espírito Santo, poder vivificante do Deus criador (Jo 7,39).⁸⁰

Como já vimos a água é um elemento comum quer no AT quer no NT, mas juntamente com a água temos um outro elemento, o sangue. O sangue era utilizado

⁷⁶ O. BÖCHER, “Wasser”, II, 2, *TBLNT* (2000), 1861. No mesmo sentido consultar, “Água” c), *DS* (1998), 55.

⁷⁷ JEAN DELUMEAU, *Judaísmo e ética*, In *As grandes religiões do mundo*, 250-251.

⁷⁸ O. BÖCHER, “Wasser”, 2 a), *TBLNT* (2000), 1862.

⁷⁹ JOSEF ERNST, “Wasser”, II- *Biblisch- theologisch*, 2- *Neues Testament*, *LTK* (2001), 985.

⁸⁰ MEB, “Água”, *Vocabulário de teologia Bíblica* (1972), 20; Do mesmo modo A. GIRLANDA, “Água” II – *El agua como signo y símbolo*, 1 – *El agua para la sed del alma*, *NDTB* (1990), 41.

quando se queria relatar que a vida ou a morte estavam em risco (Lv 17, 11-14; Gn 4, 1-16) e é também um dos principais requisitos para o culto litúrgico. Não é, portanto, de admirar que um elemento tão importante não tenha sido utilizado por Moisés, instruído por IHHW, para selar o acordo entre Deus e o povo de Israel (Ex 24,8), funcionando assim como um sinal de fé. O NT apresenta o sangue com um significado pastoral e cultural, por exemplo, em Heb 9,12, 20:

“Ele entrou uma vez por todas no seu Lugar Sagrado, não com o sangue das cabras ou cabritos, mas com o Seu próprio sangue, assim obtendo a redenção eterna” v. 12.⁸¹

Mas não só, ou seja, o sangue de Jesus é também sinal de paz e reconciliação (Col 1, 20), local de expiação em favor do povo (Rm 3, 25), a nossa própria justificação (Rm 5, 9), a forma de viver em comunhão com o Corpo de Cristo (1 Cor 10,16) e o perdão dos nossos pecados (Ef 1, 7; 1 Jn 1, 7). O sangue do Cordeiro libertou-nos dos nossos pecados (Rev 1, 5), para a vitória final daqueles que lavaram as suas vidas no mesmo sangue do martírio em nome de um amor fiel a Deus e ao Cordeiro (Rev 12, 11). A simbologia destes elementos é de alguma forma assumida no NT, especialmente nos escritos joaninos (Jn 6, 53-56; 1 Jo 1,7; Rev 1,5; 7, 14; 12,11), o que nos pode induzir a interpretar que o sangue vindo de Cristo na cruz com o seu amor misericordioso, como dom salvífico da Sua Páscoa: “ o meu sangue é a verdadeira bebida” (Jo 6, 55), “quem beber do meu sangue tem a vida eterna, e eu ressuscitá-lo-ei no último dia” (Jo 6, 54). A imagem da água perpassa ao longo de todo o AT pertencendo às promessas de salvação e, muitas vezes, a própria água é a maneira de Deus demonstrar a sua misericórdia ao povo.⁸² Sempre que o povo se queixa IHHW faz brotar água para saciar a sede ao seu povo. “ Eu estarei à tua frente na rocha de Horeb. Bate na rocha e a água sairá, para que o povo beba” (Ex 17,6) “e não tenha mais sede” (Is 29,10). Efetivamente no deserto a água é um oásis de esperança, porque a sua presença é sinónimo de sobrevivência, vida: “eles não tinham sede quando ele os conduziu através do deserto, ele fez brotar água da rocha; Ele abriu a rocha e a água saiu” (Is 48, 21). Com todos estes exemplos parece que a água apenas tem a função de saciar a sede do povo, mas o AT vê na base desta necessidade humana, a ansiedade pelo Espírito (*Ruah*) do Senhor, a necessidade da Israel sedenta da sua verdadeira bebida. Podemos, então, afirmar que o texto joanino conhecia bem os textos

⁸¹ JOSÉ CARLOS CARVALHO, *The symbology of blood and water in John 19, 34: a reappraisal, in Didaskalia, 3. Symbolic analysis of John 19, 34, 49.*

⁸² JOSÉ CARLOS CARVALHO, *The symbology of blood and water in John 19, 34: a reappraisal, in Didaskalia, 3. Symbolic analysis of John 19, 34, 50-51 e 58.*

do AT pois não só remete para a ansiedade desta bebida/ Espírito como também via neles o cumprimento de todas as promessas do AT; as fontes de água como expressão do Espírito amoroso de Deus, da eterna compaixão de Deus. Mas existem outros textos que ajudam a compreender melhor a passagem de Jo 19, 34, uma vez que nos ajudam a ler o corpo de Cristo na cruz como a rocha a partir da qual jorra água viva de vida e compaixão, como também bebida da fonte da vida, representada no rio que flui dele nomeadamente Joel 3, 18; Zc 13,1; Zc 12,10. Na cruz o resto de Israel apunhalou a rocha para satisfazer a sua sede, para receber a benção da água viva aspergida do Crucificado, o novo templo do qual continua a fluir a compaixão de Deus para sempre como fonte de salvação e regeneração. A água e o sangue são, no NT, um sinal de vida e salvação. Daí que os escritos joaninos se debruçam tanto sobre a água. A água continua a ser a tradução da bondade de Deus prometida nas profecias do AT, significando um re-nascimento, um novo início: “ninguém sem ser nascido da água e do espírito, entrará no Reino de Deus” (Jo 3,5). Ao utilizar estes dois elementos sobejamente conhecidos o autor do quarto evangelho oferece uma interpretação simbolicamente alargada, muito aberta e profunda permitindo fazer uma leitura interna do sangue e da água na exegese do AT à luz dos eventos do Êxodo – Páscoa por aqueles que herdaram as promessas feitas por Deus a Israel e são estes agora os membros crentes da primeira comunidade de cristãos.

Deste modo as personagens do NT gravitam em torno da água, nas águas do Jordão e do Mediterrâneo. Como sabemos João Baptista e Jesus apresentam-se publicamente nas águas do grande rio na região de Canaã (cf. Mc 1, 4-11; Mt 3, 1-13; Lc 3, 1-7, 23). “Os discípulos de Jesus vivem da água do lago Tiberíades”. Paulo escolhe as cidades costeiras da Turquia e da Grécia para espalhar a Boa Nova. Passando ainda por Malta, Sicília, Roma e Hierápolis, cidades termais com aquedutos e banhos públicos (cf. Act 27, 13-28, 15; Col 4,13). Em Lucas e João “a água é materialmente o começo da vida de fé e da vida salva a partir da imersão do dedo da misericórdia” (Lc 16, 24; Jo 13, 26). Em Lucas a água também assume o papel de refrigerio e da misericórdia. Mateus explora o carácter fundamental da água para a vida biológica a partir da qual se alcança a necessidade do banho de regeneração. Em Marcus e Lucas a água continua carregada de significação religiosa e ritual (cf. Mc 7,4; Lc 11, 38; Heb 9,10); a água batismal exprime um desejo de conversão interior pela remissão de pecados que ela evoca (cf. Lc 3,3; Mc 1,4).

No judaísmo as águas estão sob o poder angelical ou demoníaco. A força de curar de cada fonte ou lago é dom dos seres celestiais (Jo 5, 4, 7). Com uma imagem de muita água explica-se a violência das vozes do céu. A transformação do mar é uma transformação da água. Segundo Josef Ernst⁸³ a água ameaçadora é também vista como um elemento de encontro com Deus quando Este aparece caminhando sobre as águas (Mc 6, 45-62).

Por fim, quer no conjunto Antigo, quer do NT a água é um meio de ilustração privilegiado. Lavagem, batismo e ritos solenes (bênção); para os sacerdotes funciona como entrada para as suas profissões (Ex 29, 4; Num 8, 5-22); a água também aparece no culto à limpeza das mãos e pés dos sacerdotes (Ex 30, 17; 40, 30), do mesmo modo nas ilustrações da Expição (Lv 16, 4-24); depois do acontecimento sexual (Lv 15; Dt 23, 11); no nascimento (Lv 12, 1) e depois na lepra (Lv 14, 8; 2 Rs 5, 10) usada para limpar as impurezas e poluição nos banhos de água.⁸⁴

7. A ÁGUA COMO MEIO DE LIMPEZA

A água no NT significa meio de limpeza cultural (Jo 2, 6; Heb 9, 10; Mc 14, 13; Lc 22, 10). Particularmente a água serve para a limpeza das mãos (Mc 7, 3) e dos vasos para comer (Mt 23, 25). O local de culto perto do rio permitia a realização de banhos rituais. O batismo de João com a água do Jordão (Mc 1, 8) encerra em si uma intenção ética relacionada com os banhos culturais dos Judeus.⁸⁵ As fontes nas antigas basílicas estavam destinadas à limpeza.⁸⁶

As referências bíblicas à água como meio de limpeza e higiene são escassas. A escassez da água impunha sérias restrições ao seu uso, sendo usada apenas a necessária para a vida das pessoas e para os animais. Temos referência ao oferecimento de água aos hóspedes para lavar e refrescar os pés (cf. Gn 18,4), prática comum no NT (cf. Lc

⁸³ JOSEF ERNST, "Wasser", II - *Biblisch- theologisch*, LTK (2001), 986.

⁸⁴ JOSEF ERNST, "Wasser", II- *Biblisch- theologisch*, LTK (2001), 985. Do mesmo modo TIMOTHY P. JENNEY, "Water" *DB (E)* (2000), 1368.

⁸⁵ O. BÖCHER, "Wasser", 2. A), *TBLNT* (2000), 1862. Do mesmo modo JAMES H. PACE, "Water", *DB (E)* (2000), 1369. No mesmo sentido A. GIRLANDA, "Agua", I - *El agua como elemento de la creación*, 2 - *El agua para la purificación*, *NDTB* (1990), 36.

⁸⁶ BENEDIKT KRANEMANN, "Wasser", III- *Liturgisch*, LTK (2001), 986.

7,44; Jo 13,5). Por outras razões tornaram-se conhecidos os banhos de Betsabé (2 Sm 11) e de Susana (Dn 13).⁸⁷

A comunidade de Qumrân também tentou unir a limpeza através da água com o dom do Espírito nos rituais de imersão. Esta procura da limpeza é a expectativa da renovação do Espírito já conhecida desde os primórdios da Igreja.⁸⁸

Em contextos rituais a água assume a função de “limpeza” por analogia ao fogo. Limpeza e lavagem são, portanto, em muitas religiões uma condição para a pureza ritual (puro/ impuro), no Islão, por exemplo, antes de entrar numa mesquita para a orar.⁸⁹

A água simples é usada para a purificação das mãos, por exemplo, antes da celebração, no lavatório da missa; no ofertório, o bispo lava novamente as mãos para o ofertório, mesmo que não haja oferta, e depois da comunhão. A água simples é igualmente usada para a lavagem dos pés na Quinta-feira Santa e para a purificação dos dedos das mãos do sacerdote (abluções na missa, depois a distribuição da comunhão e após a distribuição das velas, cinzas ou ramos).⁹⁰

O uso da água como meio de purificação ritual está presente em quase todas as religiões e relaciona-se com o “impuro” e com o voltar ao estado de pureza, ou seja, purificado para ser empregue no culto, na forma de abluções relacionadas de acordo com determinadas modalidades e normas rituais.⁹¹

Acerca do sujo ou impuro o ABD⁹² define água impura deste modo: água que foi misturada com as cinzas obtidas pela queima da Vaca Vermelha para purificar pessoas ou objetos da contaminação de um cadáver (Nm 19.). O termo hebraico *mê (han) niddâ* (Nm 19, 9, 13, 20, 21; 31, 23) tem tido várias interpretações. O vocábulo *niddâ* é maioritariamente das vezes entendido como “impuro”. É utilizado especificamente para a impureza menstrual (Lv 12, 2,5; 15, 19, 20, 24, 25, 26, 33; 18, 19; Ez 7, 19, 20; Lm 1, 17; 2 Cr 29, 5). Uma única vez foi utilizado com o sentido de ódio (Lv 20, 21). Neste mesmo sentido, a frase *mê (han) niddâ* tem sido traduzida por “água de impureza”, ou

⁸⁷ A. GIRLANDA, “Agua” I, 2 - El agua para la purificación, NDTB (1990), 36.

⁸⁸ JOSÉ CARLOS CARVALHO, *The symbology of blood and water in John 19, 34: a reappraisal*, 3. *Symbolic analysis of John 19, 34*, 53.

⁸⁹ ANDREAS GRÜNSCLOß, “Wasser”, IV, *RGG*⁴, (2005), 1312.

⁹⁰ M. NOIROT, EAU (Usage liturgique en général), *CHAB*, 1216- 1217.

⁹¹ A. GIRLANDA., “Agua”, I, 2 – *El agua para la purificación*, NDTB (1990), 36

⁹² DAVID P. WRIGHT, *Water of impurity*, VI, *ABD*, (1992), 882.

desde, que a mistura da água seja usada para remover a contaminação de um cadáver, “água (da remoção) da impureza”.⁹³

Recentemente J. Milgrom e D. P. Wright⁹⁴ avançaram com um novo sentido para *niddâ*. Para eles o seu significado etimologicamente falando não está claro, pois pode ter várias aceções. Independentemente da sua etimologia, o seu significado base está associado a “expulsão, eliminação.” Assim, no caso da menstruação, *niddâ* pode significar “descarga” ou “eliminação” de sangue. Esta interpretação é suportada por Zc 13,1 que fala de uma fonte de água aberta para *ḥaṭṭā*’t e *niddâ*. Neste sentido *ḥaṭṭā*’t pode ser entendido como “purificação, purgação”, o que sugere que *niddâ* terá um sentido mais próximo da “purificação” do que do “pecado”. Nm 8,7 diz o seguinte: “Assim farás para os purificar: derrama sobre eles a água da purificação e fá-los passar a navalha por todo o corpo; lavarão as vestes e ficarão purificados” reforçando a ideia da água para a purificação.

Como se pode constatar a água está ligada à limpeza como morte ao impuro, ao sujo, à eliminação do que não está limpo. Neste campo torna-se importante tecer alguns comentários acerca do judaísmo, ou mais especificamente, à água/limpeza no Judaísmo. Por conseguinte, a morte⁹⁵, para o Judaísmo é um estado de impureza. O tratamento do corpo passa pela sua lavagem e pelo envolvimento do mesmo em uma murtalha de linho branco (símbolo da igualdade comum a qualquer ser humano perante a morte); o enterro é feito no mesmo dia ou no dia seguinte, exatamente para não prolongar o estado de impureza.

As águas paradas são deitadas fora pelo perigo de contaminação que podem acarretar para as pessoas.

Quanto à limpeza das mãos, para as purificar, deve deitar-se, pelo menos,

“um quarto de *log* de água para uma pessoa ou até duas; mais meio *log* para três ou quatro pessoas; um *log* para cinco, dez ou cem pessoas. R. Yosé diz: desde que para o último deles haja, ao menos um quarto de *log*. Pode-se acrescentar (mais água) à segunda, mas

⁹³ Para um maior aprofundamento sobre a limpeza dos cadáveres, consultar o capítulo *The sixth division: Purities, Miqvaot*, In JACOB NEUSNER, *The Mishnah: a new translation*, 1058-1077.

⁹⁴ DAVID P. WRIGHT, *Water of impurity*, VI, *ABD* (1992), 883.

⁹⁵ BOAZ PASH, *Judaísmo*, In PAULO MENDES PINTO (coord. científica), *Religiões, História, Textos, Tradições*, 84.

não à primeira”.⁹⁶ “ Se a água não serve para bebida dos animais, e se encontra num recipiente, não serve (para purificação das mãos). Contudo, se se encontra no chão, serve. Se na água cai tinta ou goma, ou vitríolo e muda a sua cor, não serve. Se com ela se fez um trabalho ou se nela se pôs pão de molho, não serve (...). A água em que o padeiro mergulha a massa do pão é inservível. Mas aquela em que se enxagua as mãos, serve. Todos são aptos para deitar água sobre as mãos, mesmo um surdo-mudo, um doido ou um menor”.⁹⁷

Em jeito de conclusão, os judeus têm um conjunto de normas e preceitos quanto à limpeza das mãos, utensílios, roupas, casa, entre outros, sendo bastantes específicos quanto ao grau de impureza (primeiro ou segundo grau) e como obter a pureza.⁹⁸

8. A ÁGUA DO BATISMO

O batismo⁹⁹ e o crisma, juntamente com a eucaristia, constituem os três sacramentos da iniciação cristã. Assim sendo, o batismo está ordenado ao crisma, completando-o e aperfeiçoando-o. Juntos estão ordenados à Ceia do Senhor com a qual alcançam a plenitude das suas dimensões.¹⁰⁰ Efetivamente o batizado cumpre o itinerário da iniciação ao mistério cristão, isto é, é um “iniciado” que, depois de ter morrido e ressuscitado com Cristo e de ter recebido o dom do Espírito, se senta com os irmãos na fé para participar no banquete eucarístico que prefigura e antecipa o escatológico.¹⁰¹ Reforçando esta ideia e parafraseando Manuel Saturino da Costa Gomes o baptismo é a “porta dos sacramentos” (cân. 849) e o sacramento com o qual

⁹⁶ BOAZ PASH, *Judaísmo*, In PAULO MENDES PINTO; (coord. científica), *Religiões, História, Textos, Tradições* 385. Cf. JACOB NEUSNER, In *The Mishnah: a new translation*, capítulo *The sixth division: Purities, Yadayim*, 1123-1131.

⁹⁷ BOAZ PASH, *Judaísmo*, In PAULO MENDES PINTO (coord. científica), *Religiões, História, Textos, Tradições*, 386. Cf. JACOB NEUSNER, In *The Mishnah: a new translation*, capítulo *The sixth division: Purities*, 893-1137.

⁹⁸ BOAZ PASH, *Judaísmo*, In PAULO MENDES PINTO (coord. científica), *Religiões, História, Textos, Tradições*, 386-388. Cf. JACOB NEUSNER, In *The Mishnah: a new translation*, capítulo *The sixth division: Purities*, 893-1137.

⁹⁹ Para um maior aprofundamento sobre o batismo, como símbolo de purificação e sacramento de iniciação, consultar; MIGUEL DE FRANÇA DORIA, *A água do culto, Baptismo: purificação e iniciação*, In *O culto das águas*, 55-60.

¹⁰⁰ No mesmo sentido A. NOCENT, “Bautismo”, I- *Introducción*, *NDL* (1987), 189.

¹⁰¹ CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, *Batismo e Crisma*, 13; cf. PETER GERLITZ, “Taufe”, I. *Regionsgeschichte*, 1. *Etymologische Parallelen*, *TRE* (2001), 659-660; cf. BATTISTA MONDIN, “Battesimo”, *DEFTM* (1989), 79- 80.

“o homem é incorporado na Igreja de Cristo e nele constituído pessoa, com os deveres e direitos que, atendendo à sua condição de “cristão” e que não faz parte do património jurídico próprio dele”.¹⁰²

A palavra batismo vem do grego *baptizô*, forma iterativa do verbo *baptô*, que significa, assim como o seu correspondente judaico *mâbal*, “mergulhar em”, “imersão”. Tratando-se de uma ablução, o mesmo vocábulo significa “imersão na água”, submergir.¹⁰³

Os termos baptizar e batismo são comumente utilizados na SE, especialmente nos escritos neotestamentários, o que demonstra a importância fundamental que o batismo tinha na Igreja nascente.¹⁰⁴

Contudo, o verbo batizar tem vários significados na Bíblia, sendo o principal indubitavelmente o de loção (cf. Jdt 12, 7; Sir 34, 25). Aparece também para indicar o batismo de João (Mt 3, 7-11) e para designar a paixão de Cristo: “Podeis beber o cálice que eu vou beber e receber o batismo que eu vou receber?” questiona Jesus a Tiago e João reportando-se já aos sofrimentos da futura paixão (Mc 10, 38-39; cf. Lc 12, 50); o mesmo verbo aparece para designar a efusão do Espírito Santo sobre os Doze e sobre a inteira comunidade nascente, no dia de Pentecostes: “dentro de pouco tempo, vós sereis batizados no Espírito Santo” (Act 1,5).¹⁰⁵

Por último, a palavra batismo aparece nos escritos de NT para indicar aquela ablução específica acompanhada da invocação da Santíssima Trindade e que será mais tarde reconhecida como o sacramento do batismo. (Mc 16, 15-16; Mt 28, 18-20; Rm 6, 3-6; 1 Cor 12, 13).

João Baptista batizou com água e os que virão, tornar-se-ão mais fortes porque foram batizados com o Espírito Santo (Mc 1, 8) ou batizados com o Espírito Santo e com fogo (Mt 3,11, Lc 3, 16). No Evangelho de João, o batismo com água de João tem apenas um carácter de testemunha para a revelação da verdade pelo Espírito para aquele que recebe o batismo (1,26 ss, 31, 33). Depois do batismo de João há uma continuação

¹⁰² MANUEL SATURINO DA COSTA GOMES, *Direito aos sacramentos na igreja*, 2.3. O Baptismo, 50.

¹⁰³ Ver igualmente A. NOCENT “Bautismo”, A., II- *La experiencia litúrgica y pastoral de la iglesia apostólica de la iglesia apostólica*, NDL, 189 - 190.

¹⁰⁴ Do mesmo modo S. CIPRIANI, “Bautismo”, I - *La praxis bautismal en la época apostólica*, NDTB (1990), 171.

¹⁰⁵ No mesmo sentido UDO SCHNELLE, “Taufe” II Neues Testament, 3- *Jesus von Nazareth*, TRE (2001), 664; Cf. S. CIPRIANI, “Bautismo”, II - *El bautismo de Juan y el bautismo cristiano* NDTB, (1990), 173.

para o batismo cristão que também é feito com água. A esperança messiânica do fim dos tempos ainda se espera que se concretize pelos destinatários de Deus.¹⁰⁶ A água do batismo desdobra-se no NT na sua mais alta dignidade, mas não no sentido da lavagem como no AT, onde o mar vermelho e onde o dilúvio aparecem como protótipos da água do batismo, impedindo o entendimento mágico dos sacramentos.

A ligação do batismo com a morte de Jesus em 1 Jo 5, 6 tem a ver com os que vêm uma interpretação próxima da água e do sangue (o batismo no Jordão, Cruz cf. Jo 19, 34).¹⁰⁷

Quanto à água batismal¹⁰⁸ ela é formulada aproximando estas duas linhas (vida/morte) uma vez que pelo batismo somos sepultados com Cristo na sua morte e também nos associamos a Ele na sua ressurreição (Rm 6, 1-11); o que resultará em conexões significativas no NT, com a água do Nilo; a água do êxodo; o enterro das tropas egípcias e a libertação dos Israelitas (1 Cor, 10,2), ou com o dilúvio, onde foram destruídos os descrentes e poupados os fiéis juntamente com Noé¹⁰⁹ (1 Pe 3, 20-21).¹¹⁰

As diferentes liturgias batismais fizeram um uso abundante deste simbolismo bíblico, como se pode constatar pelo exemplo da bênção da fonte na vigília pascal. O tema da ablução purificadora ocupa lugar nos escritos dos profetas reportando-se fundamentalmente à morte ou como complemento do julgamento divino sobre o pecado e da ressurreição, que nos associa à vida divina fazendo-nos renascer.¹¹¹ Antigamente os batizados dos novos cristãos eram realizados no Sábado Santo. Estes recebiam o batismo por imersão durante a vigília pascal numa pequena piscina.¹¹²

¹⁰⁶ S. CIPRIANI, “Bautismo”, II - *El bautismo de Juan y el bautismo cristiano*, NDTB (1990), 173; cf. UDO SCHNELLE, II- *Neues Testament 2 – Johannes der Täufer*, TRE (2001), 663; ver também A. D’ALÈS, “Baptême”, II - *L’institution du baptême*, DB (1928), 853.

¹⁰⁷ JOSEF ERNST, “Wasser”, II- *Biblisch- theologisch*, LTK (2001), 986; Para uma maior e melhor compreensão da ligação da água e do sangue em São João consultar JOSE CARLOS CARVALHO, *The symbology of blood and water in John 19,34: a reappraisal*, in *Didaskalia*, Lisboa, volume XXXI, 2001, 41-59.

¹⁰⁸ Para um esclarecimento sobre o que é a água batismal, consultar: M. NOIROT, ” Eau baptismal”, *CHAD* (1952), 1216- 1218.

¹⁰⁹ Para um aprofundamento sobre Noé e o dilúvio consultar: ANDRÉ PARROT, *Déluge et Arche de Noé Bible et Archéologie.*, 16-31

¹¹⁰ Cf. PETER GERLITZ, “Taufe” I. Religionsgeschichtlich, 3 – *Ausgewählte Kulturkreise*, TRE (2001), 661-662.

¹¹¹ L. BOUYER, “Eau”, *DT* (1963), 213.

¹¹² HERCULANO ALVES, 4 - *El agua del bautismo Símbolos en la Biblia*, , 35.

Em suma a água batismal está associada a dois valores: vida/ morte; o homem pecador está imerso na água e morre para nascer de novo, como um homem novo purificado de todo o pecado¹¹³.

8.1. O CONTEÚDO SALVÍFICO DO BATISMO

O batismo é o primeiro sacramento da Nova Lei e é também o primeiro sacramento da iniciação cristã¹¹⁴ como já foi referido. O Concílio de Florença chama-lhe *vita spiritualis ianua* e é o meio “mediante o qual nos tornamos membros de Cristo e do seu corpo, que é a Igreja”. O batismo ocupa o primeiro lugar entre os sacramentos, que é a porta da vida espiritual, pois por ele nos tornamos membros de Cristo e do corpo da Igreja. O efeito deste sacramento é a remissão de toda a culpa original e atual, (...) por isso, não se deve inculcar aos batizados satisfação alguma pelos pecados passados, pois se morrerem antes de cometer alguma falta, chegam imediatamente ao reino dos céus e à visão de Deus (DS 1314, 1317). O Catecismo do Concílio de Trento denomina o batismo por “sacramento de regeneração por meio da água na palavra” e o ritual do batismo das crianças fala do batismo como o sacramento “porta da vida e do reino” (DS 1614, 1627). Pio X acerca dos sacramentos escreveu o seguinte: As opiniões sobre a origem dos sacramentos que preocuparam os Padres de Trento e que tiveram sem dúvida influência sobre os seus cânones dogmáticos, afastam-se muito das que agora dominam, com razão, entre quem investiga historicamente o Cristianismo. Os sacramentos tiveram a sua origem nos feitos que os Apóstolos e os seus sucessores interpretaram de certa ideia e intenção de Cristo. Os sacramentos não tiveram outro fim senão evocar na alma do homem a presença sempre benéfica do Criador. A comunidade cristã introduziu a necessidade do batismo, adoptando-o como rito necessário e ligando a ele as obrigações da profissão de fé cristã. O hábito de conferir o batismo às crianças (DS 4670, 4674) foi uma evolução disciplinar e constituiu uma das causas deste sacramento dividir-se em dois: o batismo e a penitência (DS 1614, 3443).

Efetivamente o batismo insere quem o recebe na comunidade escatológica da salvação, tornando-o partícipe do Mistério Pascal do Senhor, destruindo nele, dessa

¹¹³ DANIELLE FOUILLOUX [et al], “Eau”, *DCB* (1990), 80, Cf. M. NOIROT, “*Eau baptismal*”, *CHAD* (1952), 1216- 1218

¹¹⁴ S. CIPRIANI, “Bautismo”, I -*La Praxis baptismal en la época apostólica*, 1. *Testimonio de los hechos*, *NTB* (1990), 172; cf. ULRICH KÜHN, “Taufe”, VII – *Dogmatisch und etisch*, 2.3 – *Die Taufe als Sakrament*, *TRE* (2001), 725; cf. BATTISTA MONDIN, “Battesimo”, *DEFTM* (1989), 79.

forma, o vírus do pecado contraído quando era *in lumbis* de Adão, fazendo-o renascer para uma nova vida. Vida esta que é a mesma vida do Deus uno e trino.¹¹⁵

Os Padres da Igreja designam o batismo de várias formas, nomeadamente como banho de regeneração; iniciação cristã; símbolo da Trindade; selo da fé; sacramento da paixão do Senhor; salvação; graça; revestimento de imortalidade; chave do Reino dos céus; iluminação. Esta última, (*photismos*) é essencialmente cara aos Padres gregos. No dia do batismo os batizados são chamados de iluminados e a festa é a “festa das luzes”¹¹⁶ Sintetizando o que acabou de ser referido acerca do sacramento do batismo S. Gregorio de Nazianzo exprime-se assim:

“como Cristo, instituidor deste, é indicado com muitos e diversos nomes, assim até o próprio dom, graça, baptismo, unção, iluminação, roupagem de incorruptibilidade, banho de regeneração, por fim, indicamo-lo com o excelso nome de selo. É chamado dom, porque é dado àqueles que, antes de mais, não deram nada; graça, porque se dá também aos devedores; baptismo, porque o pecado é sepultado na água; unção, porque é sagrado e real...; iluminação, porque é esplendor e claridade; roupagem, porque é véu da nossa ignomínia; banho, porque lava; selo, porque conserva e confirma o dom de Deus”.¹¹⁷

No entanto, existem outros tipos de batismo vistos pelos Padres da Igreja nos factos do AT, nomeadamente o pairar do Espírito de Deus sobre as águas primordiais da criação¹¹⁸; o dilúvio ¹¹⁹e a arca de Noé.¹²⁰

Dos vários aspetos do batismo os Padres da Igreja evidenciam particularmente a sua misteriosa virtude regeneradora, o que os impele a comparar a fonte batismal,

¹¹⁵ CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, *Batismo e Crisma*, 22.

¹¹⁶ CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, *Batismo e Crisma*, 23.

¹¹⁷ CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, *Batismo e Crisma*, 23 citando: Gregorio Nazianzeno, *Oratio, 40 in sanctum baptismum* 4: PG 36, 362-363.

¹¹⁸“como o espírito soprava sobre as águas fecundando-as, assim ele desce sobre a água baptismal, para que – por ele santificada e fecundada- possa produzir novas criaturas em Cristo”. CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, *Batismo e Crisma*, 31.

¹¹⁹ “este purificou os pecados dos homens, assim também o baptismo purifica quem o recebe da mancha do pecado (cf. 1 Pe 3, 21)” CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, *Batismo e Crisma*, 31. Ver igualmente S. CIPRIANI, “*Bautismo*”, V- *El bautismo en la primera carta de Pedro*, 1 – *El bautismo como “antitipo” de diluvio*, NDTB (1990), 178. Para uma maior esclarecimento sobre o simbolismo do dilúvio, consultar MIRCEA ELIADE, *As águas e o simbolismo aquático*, In *Tratado de história das religiões*, 268-270.

¹²⁰“na qual poucas pessoas se salvaram por meio da água (cf. 1 Pe 3, 20)” CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, *Batismo e Crisma*, 31.

fecundada pelo Espírito Santo, ao seio virginal e fecundo da Virgem Maria.¹²¹ O batismo¹²² aparece também como condição necessária para a visão do Reino de Deus. De acordo com o autor esta condição está clara no quarto Evangelho no diálogo com Nicodemos, onde a necessidade do renascimento espiritual, do “nascer de novo”, é claramente afirmada tratando-se pois, de um batismo não só de água, mas também de espírito, que culmina com um nascimento da água e do Espírito, em contraponto com o nascimento da carne que nos conduz inevitavelmente à fragilidade e pobreza mortal. Deste modo, o nascimento do Espírito conduz ao Reino de Deus e à vida eterna passando por Aquele que veio do seio de Deus:

“Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito não pode ver o Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é espírito” (Jo, 3, 3; 5-6).

Este renascimento espiritual é expresso como um “nascimento do alto”, nascimento “do Espírito” uma vez que o Espírito é a mesma “semente” de Deus que fica no crente (cf. 1 Jo 3, 9). Esta renovação levada a cabo pelo Espírito é um “mistério”, que radica no nascimento de Cristo: “eles que não nasceram do sangue, nem de vontade carnal, nem de vontade do homem, mas sim de Deus” (Jo 1,13; cf. 1 Jo 5,18). Assim sendo, estamos na presença do “*novum*” cristológico na história, o qual transforma o presente em “*kairos*”, ou seja, em tempo de salvação, o qual foi inaugurado pela plenitude do mistério de Cristo, especialmente, na Hora da manifestação da sua Glória, ou seja, a Páscoa. Portanto e citando José Jacinto Ferreira de Farias, este é o acontecimento caiológico que está na origem do mistério da Igreja, a nova Era, a nova humanidade regenerada que “nasce”, como o brotar da sua fonte, das águas da Vida que brotam do Coração do Redentor: “... e logo saiu sangue e água” (Jo 19, 34). De acordo com o mesmo autor este acontecimento é para já suficiente para ilustrar a importância teológica da consideração do batismo como sacramento do renascimento espiritual.

¹²¹ CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, *Batismo e Crisma*, 22 e 23. Para mais informação consultar: J. J. FERREIRA FARIAS, *Os sacramentos da iniciação e maturidade cristã*, 3. *O Batismo: o sacramento da “re-generação” espiritual*, 3.1. *Nascimento espiritual: os filhos de Deus na Igreja-Mãe*, 20.

¹²² JOSÉ JACINTO FERREIRA FARIAS, *Os sacramentos da iniciação e a maturidade cristã*, *Os sacramentos da iniciação cristã*, 3. *O Batismo: o sacramento da “re-generação” espiritual*, 3.1. *Nascimento espiritual: os filhos de Deus na Igreja-Mãe*, 19 -20.

O batismo é, como todos os outros sacramentos, um sinal externo eficaz. A sua estrutura simbólica essencial consiste na ablução com água e na invocação trinitária, a ela unida. Estes dois elementos formam o núcleo fixo e imutável do batismo como “rito cristão de iniciação” porque foi instituído por Cristo.

O primeiro efeito do batismo cristão é a graça: “no batismo é comunicada a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Ds 1515), nele teve início a justificação do homem por parte de Deus, a qual consiste na passagem do estado em que o homem nasce como filho do primeiro Adão ao estado de graça e de adoção como filho de Deus (cf. Rm 8, 15), diante do segundo Adão, Jesus Cristo Nosso Redentor.¹²³

8.2. O BATISMO NO CRISTIANISMO

Battista Mondin¹²⁴ afirma que o batismo é o primeiro e fundamental dos sete sacramentos. Prefigurado no AT, preparado por João Batista, foi instituído por Jesus Cristo, como a marca registada de seus seguidores, como condição essencial para entrar em sua Igreja e, conseqüentemente, como meio ordinário de obter a graça da libertação do pecado e a vida eterna (Mt 28, 18-19). Mircea Eliade¹²⁵ esclarece melhor, escrevendo que o batismo de João não procurava a cura para as enfermidades do corpo, mas sim a “redenção da alma, o perdão dos pecados”. (cf. Lc 3, 3; Lc 3, 16). O batismo, no cristianismo, “ tornou-se no instrumento principal de regeneração espiritual, pois a imersão na água baptismal equivale ao enterramento de Cristo “ (cf. Rm, 6, 3).

Desde a sua fundação, a Igreja primitiva praticava o batismo. Este representava o ato oficial pelo qual se entrava na comunidade cristã e era dado “em nome de Jesus Cristo”, ou “do Senhor Jesus”. Na Bíblia não especifica como o batismo era celebrado na igreja primitiva, ou seja, se por imersão, como fazia João, ou simplesmente se por aspersão de água (e isto de acordo com as circunstâncias ou a falta de água profunda). A questão de batismo é, portanto, a água, juntamente com as palavras que são proferidas: "Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo".

¹²³ CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, *Batismo e Crisma*, 55; Do mesmo modo A. NOCENT, “Bautismo”, III- *Las experiencias bautismales en los primeros siglos NDL* (1987), 196 - 198; cf. BATTISTA MONDIN, “Battesimo”, *DEFTM* (1989), 79 -80.

¹²⁴ BATTISTA MONDIN, “Battesimo”, *DEFTM* (1989), 79.

¹²⁵ MIRCEA ELIADE, *As águas e o simbolismo aquático*, In *Tratado de história das religiões*, 252.

Os principais efeitos do batismo são dois: 1) o caráter, que é um selo indelével, por isso, se torna para sempre seguidor de Cristo, 2) a graça santificante, que faz com que as crianças batizadas se tornem filhos adotivos de Deus e irmãos de Jesus.¹²⁶

No AT são comuns os banhos purificadores. “Impuro e sagrado transmitem-se por contágio. É, portanto, normal o uso da água para se lavarem do próprio contato”.¹²⁷

Os batismos veterotestamentários revestem-se de várias formas, como abluções, banhos, aspersões individuais ou comuns.

No tempo de Jesus podemos distinguir três classes de batismo: o dos prosélitos, o das seitas batismais e o de João. O batismo de João tem um caráter profundamente moral e escatológico.¹²⁸

O batismo de João antecipa o batismo mediante “o Espírito e o fogo” que seria dado por Cristo (cf. Lc 3, 16). Assim sendo, João foi o precursor de Jesus e o seu batismo foi um prelúdio do de Cristo. Podemos, então, afirmar que o batismo de João era um batismo de conversão e de penitência, ou seja, era o sinal concreto do reconhecimento e da confissão dos próprios pecados. No entanto, este batismo não era um sinal eficaz da graça, pois não a conferia.¹²⁹

Jesus ao receber o batismo de João, manifesta a sua pertença ao “resto” escatológico de Israel dando, deste modo, início ao seu reino messiânico enquanto profeta proclamado.¹³⁰

Relativamente ao batismo o autor do quarto evangelho identifica nele o aspeto cristológico-pneumático. A perícopé da lavagem dos pés talvez seja um relato encoberto do batismo através de Jesus ou como reflexão na admissão dos primeiros jovens batizados para perceberem “sangue e água” como uma alusão às refeições da noite

¹²⁶ BATTISTA MONDIN, “Battesimo”, *DEFTM* (1989), 79.

¹²⁷ CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, *Batismo e Crisma*, 26.

¹²⁸ Para a descrição pormenorizada de cada um, consultar CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, *Batismo e Crisma*, 27 - 28.

¹²⁹ No mesmo sentido A. NOCENT, “Bautismo”, II- *La experiencia litúrgica y pastoral de la iglesia apostólica*, 2- *El bautismo de Juan*, *NDL* (1987), 190; cf. S. CIPRIANI, “Bautismo”, I – *La Praxis bautismal en la época apostólica* 3 – *Jesús en el origen del bautismo cristiano*, *NDTB* (1990), 173.

¹³⁰ No mesmo sentido A. NOCENT, “Bautismo”, II- *La experiencia litúrgica y pastoral de la iglesia apostólica*, 3 – *El bautismo recibido Por Jesús*, *NDL* (1987), 190. Quanto à narrativa do batismo de Jesus nos quatro evangelhos, uma vez que apresentam algumas diferenças significativas na descrição do acontecimento, deve ler-se ALAIN MARCHADOUR, No *Princípio: o baptismo*, Jesus, Treze Textos do N.T., 7-10.

(ceia).¹³¹ A água do batismo é idêntica à água da vida na qual o cordeiro nos leva à fonte. Com isto chega ao fim a escatologia judaica para os batizados, uma vez que a corrente de água da vida já está a correr.¹³² A propósito da água viva¹³³ Bernardo d’Almeida esclarece que Jesus declara que a Água Viva, torna-se fonte naquele que a bebe (“nele” cf. Jo 4, 13) jorrando para Deus. Quando a samaritana lhe pede dessa água é “para que não tenha mais sede nem venha aqui tirá-la” (cf. Jo 4, 15). O que a samaritana pretende primeiramente é o *Logos* de Jesus e depois manifesta a sua incapacidade em saber distinguir as águas, apesar de se mostrar recetiva em colmatar esta sua dificuldade.¹³⁴

¹³¹A este respeito Bernardo Corrêa d’Almeida esclarece o significado do lava-pés no Evangelho de S. João. Deste modo e citando o autor o gesto do lava-pés numa família e numa comunidade é um gesto de acolhimento e de higiene, que assinala o ingresso num sistema de relações definido no interior da família e da comunidade. Nas grandes casas senhoriais e nos grandes encontros o gesto do lava-pés estava a cargo de servos e de mulheres. No grupo de Jesus, como revela Lc 7, 44-46, o gesto era assumido por alguém da casa ou da comunidade, ou seja, não era feito por um servo nem entendido como um serviço. Diversamente dos Evangelhos sinóticos (cf. Mt 18, 23-35; 20,1-16; 22, 1-4), o quarto Evangelho nunca apresenta o servo nem o serviço como modelos. Jesus joanino é claro, quando chama os discípulos de amigos e não de servos (cf. 15,15). No testemunho joanino, o gesto do lava-pés não surge no início da refeição, mas no meio dessa e no princípio dos capítulos 13-17. Jesus lava os pés aos discípulos, porque quer acolhê-los na sua morada no Pai, conforme nos será dado a conhecer no encontro (cf. 13,36-17; 26) in BERNARDO CORRÊA D’ALMEIDA, *A vida numa Palavra, Uma nova leitura do Evangelho de S. João*, 193.

¹³² O. BÖCHER, III 2.c, *TBLNT*, 1862, 1863; cf. ALAIN MARCHADOUR, *No Princípio: o baptismo*, Jesus, Treze Textos do N.T.,7-10.

¹³³ Bernardo d’Almeida presenteia-nos com alguns exemplos da Água viva na Escritura, os quais passo a citar: Fendeu os rochedos no deserto e deu-lhes água a beber abundantes. Deus fez brotar rios das pedras, fez correr águas caudalosas. (Sl 78, 15-16; cf. 105, 40-41); porque o meu povo cometeu um duplo crime: abandonou-me, a mim, nascente de águas vivas, e construiu cisternas para si, cisternas rotas, que não podem reter as águas. (Jr 2, 13); Vou derramar água sobre o que tem sede e fazer correr rios sobre a terra árida. Vou derramar o meu espírito sobre a tua posterioridade e a minha bênção sobre os teus descendentes. (Is 58, 44,3); O Senhor te guiará constantemente, saciará a tua alma no árido deserto, dará vigor aos teus ossos. Serás como um jardim bem regado, como uma fonte de águas inesgotáveis. (Is 58, 11); Conduziu-me para a entrada do templo, e eis que saía água da sua parte subterrânea, em direção ao oriente, porque o templo estava voltado para o oriente. A água brotava da parte de baixo do templo, a sul do altar. Fez-me sair pelo pórtico setentrional e contornar o templo por fora, até ao pórtico oriental; vi rebentar a água do lado direito. (Ez 47, 1-2); Acontecerá naquele dia que os montes destilarão vinho novo, o leite manará das colinas, as águas jorrarão em todas as ribeiras de Judá. Uma fonte sairá do templo do Senhor para irrigar o Vale das Acácias. (Jl 4, 18); Naquele dia, de Jerusalém jorrarão águas vivas, metade das quais correrá para o Mar Oriental e metade para o Mar Ocidental: correrão durante o verão e durante o inverno. E o Senhor reinará sobre toda a terra. (Zc 14, 8-9); “Nunca mais passarão fome nem sede; nem o sol nem o calor ardente cairão sobre eles, porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e conduzirá às fontes de água viva; e Deus enxugará todas as lágrimas dos teus olhos.” (Ap 7, 16-17); in BERNARDO CORRÊA D’ALMEIDA, *A vida numa Palavra, Uma nova leitura do Evangelho de S. João*, 130. No mesmo sentido, M. NOIROT, “Eau vive”, *CHAD* (1952), 1222- 1223; Cf. EDOUARD COTHENET, *Jesus, fonte de água viva*, *Jesus*, Treze Textos do N.T.,25-29.

¹³⁴ BERNARDO CORRÊA D’ALMEIDA, *A vida numa Palavra, Uma nova leitura do Evangelho de S. João*, 83. Corroborando a mesma ideia consultar a nota de rodapé número 19; JOSÉ JACINTO FERREIRA FARIAS, *Os sacramentos da iniciação e a maturidade cristã, Os sacramentos da iniciação cristã*, 22.

Josef Ernst¹³⁵ sublinha que a água é imagem para a vida eterna na conversa de Jesus com a Samaritana no poço de Jacó (Jo 4, 1-26) e no Discurso de Jesus no templo na Festa das Tendões (Jo 7, 37-52). Já no milagre do vinho nas Bodas de Canaã (Jo 2, 1-11) a água simboliza a plenitude dos dons da salvação e o fluxo de água que sai do lado trespassado de Jesus (Jo 19,34) dando origem à teologia cristológica e sacramental.¹³⁶ Timothy P. Jenny¹³⁷ acrescenta ainda a transformação da água em vinho (Jo 2, 7-9; 4, 46), a conversa de Jesus com Nicodemos (Jo 3, 5), a cura do paralítico na piscina de Betzató (Jo 5, 3-7), a lavagem dos pés dos discípulos (Jo 13, 5). João usa a água exclusivamente para expressar a sua teologia do espírito, a qual está estreitamente ligada com a atividade do espírito (Jo 1, 32-33; 3, 5-8; 7, 38-39; cf. 19, 30) ou com cerimónias de limpeza (Jo 2, 6; 13, 10-11).¹³⁸

Bernardo D’Almeida¹³⁹ sublinha o significado da água no Evangelho de João através das seguintes afirmações: de acordo com a tradição do quarto Evangelho, a água é um bem vital (cf Gn 1,2), usado para a purificação (cf. Lv 11, 1ss), e um importante símbolo de renovação espiritual (cf. Ez 36; Is 44).

No Evangelho joanino, a água é necessária para a purificação (batizar e lavar – cf. 1, 25; 2,6), sobretudo, interior e pessoal (beber e saciar-se – cf. 4, 14). Segundo o discípulo amado, assim como o homem precisa de água para viver neste mundo, assim necessita da Água Viva para viver de Deus (cf. 4, 10).

O autor vai construindo, ao longo do seu testemunho, a sua própria simbologia da água e aproxima-se da simbologia do sangue. A água (*hudór*) começa por surgir em

¹³⁵ JOSEF ERNST, “Wasser”, II - *Biblich- theologisch*, LTK (2001), 986;

¹³⁶ A explicação deixada por Bernardo d’Almeida acerca do fluxo de água e sangue que jorram do lado trespassado de Jesus consiste no seguinte: “ O brotar sangue e água do peito do glorificado, onde se cumprem as promessas de Jesus (cf. Jo 2, 1ss; 7, 33ss; 12,32; 13, 1ss), leva o discípulo amado a dizer: Aquele que viu dá testemunho e o seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós acrediteis (Jo 19,35). Neste evento nuclear do quarto Evangelho, o autor reúne quatro das suas dimensões vitais: 1) o entendimento; 2) o testemunho; 3) a verdade; 4) a vida.” BERNARDO CORRÊA D’ALMEIDA, *A vida numa Palavra, Uma nova leitura do Evangelho de S. João*, 256. Para um maior aprofundamento consultar o artigo de JOSÉ CARLOS CARVALHO, *The symbology of blood and water in John 19, 34: a reappraisal*, in *Didaskalia*, Lisboa, volume XXXI, 2001, 41-59.

¹³⁷ TIMOTHY P. JENNEY, “Water” *DB (E)* (2000), 1368. Do mesmo modo HERCULANO ALVES, *Símbolos en la Biblia*, 3 – *Símbolo de Dios*, 31-34; cf. JOSÉ CARLOS CARVALHO, *A água e a religião*. In *Água um desafio sem Espaço nem Tempo*, 4, 184-188.

¹³⁸ TIMOTHY P. JENNEY, “Water”, *DB (E)* (2000), 1369. Do mesmo modo HERCULANO ALVES, *Símbolos en la Biblia*, 3 – *Símbolo de Dios*, 31-34; cf. JOSÉ CARLOS CARVALHO, *A água e a religião*. In *Água um desafio sem Espaço nem Tempo*, 4, 184-188.

¹³⁹ BERNARDO CORRÊA D’ALMEIDA, *A vida numa Palavra, Uma nova leitura do Evangelho de S. João*, 65.

oposição entre o batismo com a água (cf. 1, 25-26) e o batismo com o Espírito (cf. 1, 33). Em Canaã, a água para a purificação é transformada em vinho, sinal da boda e da alegria messiânicas (cf. 2,1ss). O Mestre diz a Nicodemos ser necessário nascer da água e do Espírito (cf. 3, 3.5).

Jesus Cristo é indubitavelmente o autor do batismo, pois foi ele que o instituiu de maneira direta e imediata. Em verdade se diga que Jesus pessoalmente nunca batizou (cf. Jo 4, 2; cf. 3, 22) e, quando utilizava o termo “batismo”, fazia-o, por vezes, para indicar a sua paixão (Mc 10, 38-40)¹⁴⁰. Porém, Ele instituiu o batismo como o sacramento da nova aliança, reiterando a sua necessidade para a salvação e ordenava a prática do mesmo. Nomeadamente na sua conversa com o fariseu Nicodemos Jesus afirma esta necessidade: “ Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus” (Jo 3, 3-5; cf. 5, 26).¹⁴¹

Mas o batismo em “nome de Jesus” não deve ser interpretado *ipsis verbis*, pois ele não significa exatamente “por mandato de Jesus” ou “ com o poder de Jesus” mas sim que o homem pelo batismo participa sacramentalmente no mistério de Cristo. Assim “em nome de Jesus” está ligado à expressão paulina “ser batizado em Cristo” (Gal 3, 27; Rm 6, 3) ou então ser batizado “na morte de Cristo” (Rm 6,3). Teologicamente isto significa que o batismo na morte de Cristo tem, antes de mais, um significado soteriológico ou místico – cristológico, ou seja, o que se põe em causa é a relação que se estabelece entre Cristo e o batizado.¹⁴² Trata-se, portanto,

“da “participação” no acontecimento historicamente dado da salvação, na Morte e na Elevação de Cristo, acontecimento este tornado “sacramentalmente” presente”.¹⁴³

¹⁴⁰ No mesmo sentido A. NOCENT, “Bautismo”, II- *La experiencia litúrgica y pastoral de la iglesia apostólica*, 4- *Jesús y el bautismo* NDL (1987), 191; ver também A. D’ALÈS, “Baptême”, II- L’institution du baptême, 4^o premier mission des disciples, *DB* (1928), 857.

¹⁴¹ CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, Cardeal, *Batismo e Crisma*, 27-35; Cf. UDO SCHNELLE, “Taufe”, II- *Neues Testament*, 5.2.3. –*Taufe und das neue Leben im Geist*, *TRE* (2001), 669; cf. A. D’ALÈS, “Baptême”, II- L’institution du baptême, 3^o La déclaration faite par le Seigneur Nicodème, *DB* (1928), 856- 857.

¹⁴² JOSÉ JACINTO FERREIRA FARIAS, *Os sacramentos da iniciação e a maturidade cristã*, *Os sacramentos da iniciação cristã*, 21 -23.

¹⁴³ JOSÉ JACINTO FERREIRA FARIAS, *Os sacramentos da iniciação e a maturidade cristã*, *Os sacramentos da iniciação cristã*, 22. Mircea Eliade apoiando-se na obra *De Baptismo* de Tertuliano, no que concerne à valência soteriológica da água, escreve o seguinte: “Tertuliano faz uma longa apologia das propriedades excepcionais da água, elemento cosmológico santificado desde sempre pela presença divina. primeiro foi a água, “ centro do espírito divino, que a preferia então a todos os outros elementos (...). Foi à água que primeiro produziu o que tem vida, para que o nosso espanto cessasse quando um dia ela concebesse a vida no baptismo. (...) Toda a água natural adquire, pois, pela antiga prerrogativa que lhe foi

O batismo que provém dos carismas edificam a unidade (1 Cor 12), na qual são transcendidas as diferenças de raça, cor ou outras, porque ao ser batizado o batizado alcança a unicidade, isto é, transforma-se um só com Cristo e é nesta unicidade que assenta, os alicerces da unidade de todos no Senhor:

“pois todos os que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo. Não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo” (Gal 3, 27-28).¹⁴⁴

Em jeito de conclusão deste tópico apresentamos um breve resumo da perspectiva de Tertulino acerca do batismo.¹⁴⁵ Para Tertuliano a simbólica batismal organiza-se em dois pólos: um natural e um bíblico. Estas duas versões assentam em duas visões da água: a água como princípio de fecundidade – a criação - o batismo regenerador e a água como princípio de destruição – o êxodo - o batismo como uma libertação.

Para os Padres, o batismo não é somente para a remissão dos pecados, mas é algo mais profundo, ele é a reformulação do homem. Tertuliano define-a como uma nova criação do homem à semelhança de Deus. O batizado, o novo Adão, encontra esta “semelhança” divina que o primeiro Adão recebeu do sopro do criador e que a perdeu com o seu pecado. É a água vivificada pelo Espírito Santo, que restituí ao homem a sua “semelhança” com Deus. Tertuliano observa ainda que a água também tem uma relação com Deus, pois Este a escolhe como mediadora e dispensadora da Sua graça. Água e Espírito são ambos necessários: o Espírito está presente nas águas batismais. O Espírito mistura-se com as águas e o cristão ao imergir nessas águas recupera o espírito. No entanto, o Espírito não intervém só na regeneração batismal. O batismo também está sob a dependência de Cristo, uma vez que Cristo tem o Espírito em plenitude. Aquando do batismo de Cristo no Jordão e a pomba desce do céu, isso significa que Cristo possui agora a plenitude dos dons divinos. Ao mergulhar na água, Cristo santifica não só a água do Jordão, mas todas as outras águas. É deste modo que a tradição patrística entendeu o batismo de Jesus: como a instituição do batismo cristão e como o protótipo

consignada na sua origem, a virtude de santificação no sacramento, contando que Deus seja invocado para este fim. Logo se pronunciaram as palavras, o Espírito Santo, descendo dos céus, paira sobre as águas que ele santifica pela sua fecundidade; as águas santificadas deste modo impregnam-se por sua vez da virtude santificante... Aquilo que outrora curava o corpo cura agora a alma; o que dava saúde no Tempo dá a salvação na eternidade...”. MIRCEA ELIADE, *As águas e o simbolismo aquático*, In *Tratado de história das religiões*, 253.

¹⁴⁴ JOSÉ JACINTO FERREIRA FARIAS, *Os sacramentos da iniciação e a maturidade cristã*, *Os sacramentos da iniciação cristã*, 21-23.

¹⁴⁵ TERTULIANO, *Traité du Baptême*, Introduction, 20-26.

de todos os batismos. Tertuliano tal como o evangelista do quarto evangelho ligam este batismo diretamente à Paixão e morte de Cristo. É do seu lado trespassado que jorra o batismo.

No Êxodo existem dois episódios que prefiguram este mistério. Mara, Moisés, figura de Cristo, mudou as amarguras das águas. São Paulo também nos fala da rocha do deserto e diz-nos que esta rocha é Cristo, Cristo crucificado. Cipriano explica melhor este pensamento de Tertuliano ao referir que o profeta Isaías diz que a profecia se realizou em Cristo, que é a rocha, que foi trespassada pela lança durante a Paixão. Mas a Paixão de Cristo por si só não confere eficácia ao batismo. Ela configura o neófito ao Cristo morto e ressuscitado. É pela Paixão que nós somos configurados a Cristo e é ele que confere eficácia ao batismo. É pela Paixão que a Igreja nasce, a partir do lado trespassado do Salvador. A nova Eva nasce do novo Adão durante o seu sono na cruz, como uma esposa ela está intimamente ligada à obra de Cristo e em especial à obra do batismo. Tertuliano designa a Igreja como mãe do batismo. Mais tarde a mesma imagem servirá aos Padres apresentarem a piscina batismal como o seio maternal onde a Igreja dá à luz o Filho de Deus. O batismo não é só um simples rito de renovação pessoal, ele introduz-nos na família do Senhor, ele é uma incorporação dentro de uma comunidade. Tertuliano compara a Igreja à arca, à arca que salvou Noé e sua família do dilúvio. Para a Igreja, o homem reconcilia-se com Deus, nesta passagem.

Criação do mundo, Bethesda, batismo de Cristo, Paixão, Mara, arca de Noé, todas estas figuras estão ligadas e representam a mesma ideia: o batismo é a salvação da vida, as suas águas são as “ águas vivas”, fonte de santificação dos fiéis e nos conduzem a um novo renascimento “entregando-nos à vida eterna”.

O segundo aspeto do batismo, o aspeto da libertação é realçado a partir do Êxodo e da saída do Egito. O texto da primeira carta aos Coríntios apresenta o batismo como um rito de admissão à comunidade messiânica e de adesão a Cristo. Tertuliano vê no Êxodo o símbolo da vitória de Cristo sobre os demónios e da libertação dos cristãos.

9. O USO DA ÁGUA NA LITURGIA

O uso da água na liturgia mosaica significa, tal como em muitas religiões pagãs, purificação. A purificação é uma prática muito comum entre os judeus. Todas as purificações na lei mosaica começam com uma purificação e são seguidas de um sacrifício, que difere consoante o caso.¹⁴⁶

A purificação com água é um dos temas mais caros ao povo bíblico e aos povos das culturas vizinhas. Não apenas por se tratar de um gesto higiénico e prático, mas também por se tratar de uma purificação espiritual obtida através da ação do lavar, purificar o corpo ou partes deste (nomeadamente pés, mãos e cabeça) e ainda utilizada na limpeza de utensílios de cozinha ou das alfaias sagradas do templo.¹⁴⁷

Nos ritos de purificação em que a água intervém, estes estão associados ao simbolismo de renovação, ou simplesmente ligados à ideia de pureza, sobretudo os ritos realizados na água corrente, que segundo os princípios do simbolismo é especialmente eficaz dado que arrasta consigo todas as imundices.¹⁴⁸

Os banhos purificadores com água e em ambientes religiosos sejam eles nas margens dos rios Ganges, Nilo ou Jordão pretendem simbolizar a purificação dos pecados. Estes banhos eram conhecidos como lustrais, pois eram comuns a várias culturas e religiões, tais como: judeus, africanos, árabes, budistas e sintoístas. Esta distinção entre purificação espiritual e higiénica pode nos parecer estranha, mas estes povos não as distinguiam da mesma forma que nós o fazemos, entre sagrado e profano, para eles tudo era sagrado. O facto de se lavarem não era apenas para estarem limpos, mas sim para estarem puros diante da divindade.

A importância conferida a este ritual, é-nos dada pelos variadíssimos textos que lhe dedicaram, especialmente o livro do Levítico (11,15). Tudo o que se tornara impuro purificava-se com água, tanto na vida quotidiana como em ocasiões especiais, por causa do sangue, da morte, da doença em especial da lepra (Lv 14). A purificação com água

¹⁴⁶ FERNAND CABROL, “Eau. *Usage de l’eau dans la liturgie; Eau bénite*”, I. *Usage de l’eau dans la liturgie mosaïque*, DACL (1921), 1680. No mesmo sentido consultar capítulo: “water of purification” in JAMES H. PACE, “Water” *DB (E)* (2000), 1369. Cf. JOSEF ERNST, “Wasser”, II - *Biblisch-theologisch; LTK* (2001), 986.

¹⁴⁷ HERCULANO ALVES, *Gestos e Penitenciais*, 85. Do mesmo modo HERCULANO ALVES, *Símbolos en la Biblia*, 2 – *Símbolo de purificación*, 30-31.

¹⁴⁸ J. Goetz, “Agua”, *DR* (1964), 21-22

assume tal importância que se torna um símbolo profético dos tempos messiânicos (Ez 36, 25-27). O lava-pés, reconhecido como gesto de acolhimento, esconde por detrás a intenção de eliminar possíveis contágios e impurezas que o hóspede poderia trazer. A lavagem das mãos antes da oração representa a purificação espiritual que as pessoas procuravam e para esse fim eram colocados recipientes com água à entrada dos templos, um bocado à semelhança do que acontece hoje nas nossas igrejas, embora com um intuito diferente.

As abluções também são um dos rituais do povo bíblico e cumpriam-se rigorosamente. O não cumprimento em pleno do ritual podia incorrer em pena de morte. Este género de purificação podia ser por aspersão, imersão ou no caso de objetos, estes podiam ser destruídos pelo fogo.¹⁴⁹

Para os hebreus a ablução estava ligada aos rituais de purificação. A mais comum é a imersão total na *Miqveh*, ou piscina de “água viva”. A *Miqveh* normalmente era composta de água proveniente de uma fonte de chuva à qual está ligada um banho de água da torneira. Além das pessoas também os utensílios trazidos pelos gentios têm que se imersos nesta água. As mãos também devem ser totalmente imersas na água logo pela manhã para remover qualquer espírito, antes das orações, antes de comer pão, depois de recitar as orações, depois de visitar um cemitério e depois de ter tido contato com um cadáver.¹⁵⁰ Deve-se medir a água e com uma vasilha deve-se verter sobre a totalidade das mãos. A água de lavar as mãos não pode ser simplesmente despejada na rua, pois alguém com más intenções pode usá-la para prejudicar as pessoas moradoras nessa casa e, deve por isso, ser despejada com cuidado.¹⁵¹

¹⁴⁹ Alguns exemplos de abluções no AT e no NT em A. GIRLANDA A., “Agua”, I, 2 – *El agua para la purificación*, NDTB (1990), 36-37.

¹⁵⁰ No que concerne à limpeza e cuidados com o cadáver, usos e costumes nos funerais, consultar o capítulo *Ohalot*, JACOB NEUSNER, In *The Mishnah: a new translation*, 950- 981. De igual modo, consultar: R. J. ZWI WERBLOWSKY, “Corpse”, *The Oxford Dictionary of the Jewish Religion* (1997), 176.

¹⁵¹ ALAN UNTERMAN, “Ablution”, *Dictionary of Jewish Lore and Legend* (1991), 10. No mesmo sentido, consultar, R. J. ZWI WERBLOWSKY, “Ablution”; *The Oxford Dictionary of the Jewish Religion* (1997), 4, que acrescenta ao que já foi referido que antes da imersão, o corpo já deve ter sido escrupulosamente limpo, para que nada se coloque entre a carne e a água, até mesmo as unhas dos pés e das mãos. No que toca à limpeza das mãos em concreto consultar: JACOB NEUSNER, “*The sixth division: Purities: Yadayim*”, In *The Mishnah: a new translation*, 1123- 1131.

Uma vez que há várias causas de impurezas, as purificações adaptavam-se consoante o caso, sendo mais rigorosas ou não.¹⁵²

A purificação ritual tinha como objetivo preparar uma pessoa para participar num ato litúrgico tornando-a capaz de cumprir as obrigações religiosas da comunidade de Israel. (Ez 16, 4.8-10). Jesus não vai dar grande importância às abluções e vai ser por isso acusado pelos fariseus de estar a violar as tradições e a própria Lei. Mas Jesus não foi contra as abluções, mas sim contra o valor exacerbado que os judeus lhe conferiam (Mt 15, 19-20; Mc 7, 5-23).¹⁵³

Também para os crentes do Islão, a água e o estado de pureza são importantes. Para entrar em Meca, o crente tem que estar no estado de pureza, senão não pode entrar para encontrar a Caaba e a fonte Zamzam.¹⁵⁴

Durante o jejum no Ramadão todo o muçulmano, desde que goze de condição física para o fazer, deve “ abster-se de ingerir alimentos, sólidos ou líquidos (inclusivamente água)”. Apenas estão isentos deste jejum, os muçulmanos doentes, as mulheres grávidas ou que se encontrem com a menstruação e as crianças até aos 12 anos de idade.¹⁵⁵

A água pode ser utilizada de três formas: ablução, aspensão ou imersão. A ablução era simplesmente lavar as mãos ou outra parte do corpo. Aspensão era espalhar a água usando um instrumento sobre a pessoa ou coisa a purificar. A purificação por imersão era recomendada em alguns casos, como no batismo. Também existe o batismo de penitência ou arrependimento dado por João Baptista, o que nos prova a existência de um batismo por imersão entre os judeus.¹⁵⁶

¹⁵² Para conhecer todas as causas do estado de impuro e como voltar a tornar-se puro/ limpo, consultar o capítulo *The sixth division: Purities*, In, JACOB NEUSNER, *The Mishnah: a new translation*, 893-1137. Relativamente à purificação das doenças na lei judaica, consultar: MIGUEL FRANÇA DORIA, “*Hidroterapia*”, *O culto das águas, A água do culto*, 48- 49.

¹⁵³ HERCULANO ALVES, *Gestos e Símbolos Penitenciais*, 85; cf. ALFREDO DINIS, *A água e a filosofia: a filosofia, a espiritualidade e a Poesia*. In *Água um desafio sem Espaço nem Tempo*, 6.1., 78-79.

¹⁵⁴ ABDOOL MAGID A. KARIM VAKIL, DAVOID ISLÃO MUNIR, In PAULO MENDES PINTO; (coord. científica), *Religiões, História, Textos, Tradições*, 179.

¹⁵⁵ ABDOOL MAGID A. KARIM VAKIL, DAVOID ISLÃO MUNIR, In PAULO MENDES PINTO; (coord. científica), *Religiões, História, Textos, Tradições*, 184.

¹⁵⁶ FERNAND CABROL, “*Usage de l’eau dans la liturgie; Eau bénite*”, I– *Usage de l’eau dans la liturgie mosaïque*, *DACL* (1921), 1680

No AT existem diversas alusões ao uso ritual da água como se pode constatar nos seguintes textos: (Sl 50); (Sl 3, 3); (Ez 36, 25); (Ez 47) e também pela altura da Páscoa o uso da água santa: *Vidi aqua megreredientem de templo a latere dextro*, entre outras. A água desempenha um papel importante nas purificações da Festa dos Tabernáculos, onde todos os dias era feita solenemente uma libação de água e de vinho.¹⁵⁷

No NT também existem várias referências às regras de purificação utilizadas pelos rabinos e Jesus como por exemplo que para Canaã foram transportados seis cântaros cheios de água para as purificações.¹⁵⁸

Nas religiões pagãs as abluções eram muito frequentes no mundo cultural e religioso extrabíblico, como por exemplo no culto a Ísis no Egito e no culto a Mitra na Pérsia.

O seu significado essencial prende-se com a purificação. Os egípcios e os gregos estavam convencidos de que, quem se tivesse manchado de impureza quer ritual quer moral diante da divindade, podia cancelá-la com a água, à maneira de uma sujidade corporal. Deste modo, a purificação era concebida como um facto natural e mágico. Além deste significado fundamental, as abluções utilizadas nos ritos místéricos tinham outros significados, nomeadamente: eram realizados sob a forma de banhos, onde se utilizava água e sangue, lembrando assim os dois elementos portadores da vida. O seu objetivo era o de obter da divindade um aumento de vida, especialmente, uma participação da própria vida da divindade com vista à salvação. Com mais significado temos o batismo realizado com o sangue do animal imolado no culto místico de Mitra.¹⁵⁹

Entre os maometanos o novo convertido é purificado por uma ablução ritual. O código de pureza do Islão vê a necessidade de ablução após o contato com um cadáver. Os antigos persas admitem também a ablução como adoração do fogo. Também no antigo Egito os sacerdotes dos ídolos eram obrigados a realizar três abluções de água fria durante o dia e duas durante a noite. Os gregos também colocavam um jarro de água à porta da casa mortuária para se purificarem. No culto japonês antigo uma das salas do

¹⁵⁷ FERNAND CABROL, “*Usage de l’eau dans la liturgie; Eau bénite*”, I– *Usage de l’eau dans la liturgie mosaïque*, DACL (1921), 1681.

¹⁵⁸ FERNAND CABROL, “*Usage de l’eau dans la liturgie; Eau bénite*”, I– *Usage de l’eau dans la liturgie mosaïque*, DACL (1921), 1682.

¹⁵⁹ CARDEAL JOSÉ SARAIVA MARTINS, *Batismo e Crisma*, 25-26.

santuário continha um tanque com água benta. Os hindus também realizavam um ritual de purificação com água para purificar os caminhos dos antepassados. Os romanos usavam a água juntamente com o fogo como elementos de purificação. São colocados vasos com água benta à entrada dos templos ou locais de encontro. Há referências a purificações pela água em casamentos e funerais, inclusive havia dias especiais designados para as purificações, especialmente no início e final do trabalho agrícola.¹⁶⁰

Portanto, como se pode verificar pelo exposto a água tem um uso quase universal nas várias religiões e juntamente com o fogo são considerados elementos purificadores. Deste modo, não é de estranhar que o Cristianismo, herdeira da religião mosaica, a use com a mesma simbologia. A água no batismo significa a purificação dos pecados e nos banhos rituais, aspersões e abluções significam purificação.¹⁶¹

Relativamente ao uso da água benta o DACL¹⁶² chama a atenção para não se confundir a água do batismo e a água benta, uma vez que esta é bem mais antiga, havendo já referências no século IV de uma fórmula para a bênção da água no Sacramentário de Serapião e nos cânones de St. Hipólito.¹⁶³ Esta água santa é associada à limpeza de todos os erros; à cura de doenças ou maleitas. Além da água do batismo e da água da epifania, em que existem várias referências na vida dos santos e nas crônicas como *aqua prodigiosa*, *aqua lavatoria*, *aqua milagrosa* também há referência à personagem sagrada que a benzeu ou dela fez uso, uma vez que é a ela que se deve a sua virtude. Atualmente as águas do Jordão, de Fátima, Lourdes e Amorbach são vistas como curativas (fontes santas).¹⁶⁴

O testemunho mais antigo sobre o uso da água benta pode-se encontrar nos Atos de Pedro, onde se conta que o senador Marcelo após se ter convertido em Roma, São

¹⁶⁰ FERNAND CABROL, “*Eau. Usage de l’eau dans la liturgie; Eau bénite*”, II– *Usage de l’eau dans les religions Paiennes*, DACL (1921), 1682.

¹⁶¹ Para um maior aprofundamento sobre a água e o fogo, consultar “Água”, 4, DS (1998), 57-59. No mesmo sentido, MIGUEL FRANÇA DORIA, *O culto das águas, A Água do culto, Banhos e Abluções*, 52-55.

¹⁶² FERNAND CABROL, “*Eau. Usage de l’eau dans la liturgie; Eau bénite*”, II– *Usage de l’eau dans les religions paiennes*, DACL, (1921), 1682.

¹⁶³ No mesmo sentido EDWARD J. YARNOLD, “Taufe”, III– *Alte Kirche – 2.2. Das 3. Jahrhundert*, TRE (2001), 677-682.

¹⁶⁴Cf. LEONARD INTORP, *LKT*, IV, 988. Ver também A. NOCENT, “Bautismo”, IV – *La bendición del agua bautismal*, NDL (1987), 198- 190.

Pedro lhe diz para ele tomar a água nas suas mãos, invocando o Senhor e aspergindo os pedaços partidos de uma estátua.¹⁶⁵

No Sacramentário de Serapião, além da fórmula da bênção da água também encontramos fórmulas para a bênção do óleo e do pão; algumas destas fórmulas remontam ao século III.¹⁶⁶

No oriente a água benta é usada para curar doenças ou contra as tentações do diabo.¹⁶⁷

No ocidente as referências são posteriores, já com o Papa Alexandre I (107-116) apesar de este não ser considerado como um testemunho autêntico entre a igreja latina. Só existem evidências convincentes após a *Liber Pontificalis*, existindo também uma legenda no *Breviário Romano* (03 maio, Lição IX). Há descrições sobre as bênçãos de casas, igrejas, exorcismos, procissões, aspersão dos alimentos ou sobre cadáveres; também existem alusões à água benta na literatura medieval. Alguns teólogos como S. Tomás de Aquino estudaram as virtudes da água benta. Atualmente as fórmulas que lemos no *Missal Romano* do exorcismo do sal: *Exorcizo te, creatura salis* e o exorcismo da água: *Exorcizo te, creatura aquae* ambos seguidos de uma oração e de uma fórmula de aspersão que remonta à idade média.¹⁶⁸

SÍNTESE DA PRIMEIRA PARTE

A água é um elemento essencial ao ser humano. Ela está presente no nosso planeta, na nossa vida e no nosso quotidiano. Sem água o nosso planeta seria um lugar inóspito, onde dificilmente existiria vida. O ser humano nasce envolto numa bolsa de água, o nosso corpo é constituído por água e precisamos de a consumir para nos mantermos saudáveis.

¹⁶⁵ FERNAND CABROL, “*Eau. Usage de l’eau dans la liturgie; Eau bénite*”, IV– *L’usage de l’eau bénite en orient et en occident*, DACL (1921), 1685.

¹⁶⁶ FERNAND CABROL, “*Eau. Usage de l’eau dans la liturgie; Eau bénite*”, IV– *L’usage de l’eau bénite en orient et en occident*, DACL (1921), 1685

¹⁶⁷Cf. LEONARD INTORP, IV, *LKT*, 988.

¹⁶⁸ No mesmo sentido A. NOCENT, “*Bautismo*” XI – *La catequesis de los Padres*, b) *La bendición del agua*, NDL (1987), 205 - 206.

A água também está presente nas nossas ações quotidianas, desde a nossa higiene pessoal à limpeza da casa e da roupa e também necessitamos dela para confecionarmos a nossa alimentação; logo, a água é um elemento indispensável à vida.

A água também assume um papel importante na vida religiosa, estando presente nos sacramentos do batismo e do crisma; estando também associada a outros cultos/tradições religiosas, ou seja, não é exclusiva da religião cristã.

Antigamente a água na forma de rios, lagos ou fontes era local de culto e adoração aos deuses. Também era utilizada com um fim terapêutico ou curativo em termas.

O facto de não ter uma forma específica levou à criação de uma série de mitos. Mitos estes associados à criação do mundo e conseqüentemente ao aparecimento de muitas divindades mitológicas. Do mesmo modo está ligada ao misticismo e ao espiritualismo. Indubitavelmente que a água foi um elemento fundamental para a vida no mundo e daí ela estar presente em diversos mitos criacionais.

Apesar de a água ser um recurso natural do planeta, ela não está acessível a todos os seres humanos e é um bem pelo qual temos que pagar, por isso, a sua distribuição e o seu acesso nem sempre foi pacífico. No sentido de evitar conflitos e também de cuidar da sua preservação e proteção foi criada na Europa, a Carta Europeia da Água.

II PARTE
ANÁLISE CRÍTICA DA UL 2: “A AGUA, FONTE DE VIDA” DO NOVO PROGRAMA
DE EMRC

Nesta parte do trabalho irá proceder-se a uma análise crítica da planificação inserida no quinto ano de escolaridade. Esta planificação, incluída no dossier de estágio, surgiu na sequência da prática supervisionada realizada no ano letivo 2008/2009, que decorreu sob orientação da Dr^a Ana Maria Sousa e seguindo as indicações do metodólogo da UCP, Dr. Francisco Guimarães no Agrupamento Vertical de Escolas de Fiães.

Até se chegar à elaboração da planificação desta U. L. foi cuidadosamente elaborada uma planificação anual,

“que é essencial para que o professor possa conceber o modo como vai organizar o programa, distribuindo de forma equilibrada e exequível, os seus objetivos, competências e unidades letivas pelo conjunto de aulas disponíveis”.¹⁶⁹

Tendo em consideração que o programa de EMRC de quinto ano é extremamente longo, e como foi neste ano que o novo programa entrou em vigor, foi dada a indicação para lecionarmos apenas quatro das cinco Unidades Letivas.

Sabendo que

“uma boa gestão do programa requer uma adequação equilibrada e eficaz das competências e saberes seleccionados ao grupo de alunos específicos – destinatários da acção educativa”¹⁷⁰.

Planificou-se a unidade atendendo ao público alvo, elaborando as estratégias que melhor se adequavam aos alunos. Todo este processo teve ainda em consideração a relação didáctica defendida por Jomaert¹⁷¹, uma vez que o processo de ensino aprendizagem só alcança a sua meta se a tivermos em conta.

No entanto, gerir um programa, planificar uma unidade, sem nunca esquecer as competências que se quer atingir, os objectivos a alcançar, os recursos e métodos a utilizar, não é tarefa fácil porque exige muita precisão. Todo este processo foi realizado

¹⁶⁹ PEMRC, SNEC, Lisboa, 2007, 21.

¹⁷⁰ PEMRC, SNEC, Lisboa, 2007, 21.

¹⁷¹ “O objecto da didáctica é constituído pela interacção que se estabelece entre um professor, um aluno e um saber, num contexto escolar e num dado momento.... então o acto didáctico corresponde ao currículo em acção através dos seus elementos substantivos: planificação, objectivos, conteúdos, actividades, recursos (e materiais) e avaliação”. In JOSÉ AUGUSTO PACHECO, *Currículo: Teoria e Praxis*, Porto Editora, 2005, 25.

no estágio. Porém, como o programa estava a ser implementado pela primeira vez foi difícil restringir-se ao essencial, deste modo algumas competências, conteúdos e objetivos são merecedores de uma análise mais aprofundada e crítica.

1. ANÁLISE CRÍTICA À UL

Durante o estágio conciliou-se o saber científico e didático-pedagógico com a prática letiva. É importante referir que o estágio foi uma etapa muito importante para o crescimento profissional e fundamental também para adquirir novas competências na planificação. Planificar uma unidade é sempre um trabalho árduo, pois requer muita atenção atendendo ao facto que se tem que ter em conta diversos aspetos.

No antigo programa, a experiência humana e o compromisso convergiam para a perspetiva bíblica. A implementação do novo programa trouxe uma nova “visão” da disciplina de EMRC , orientado para a

“aquisição e desenvolvimento de competências, solidamente sustentadas no uso e integração de uma variedade de conteúdos de conhecimentos e não apenas para a memorização ou até compreensão desses mesmos conteúdos, sem os construir como base de ação e inteligibilidade do e no mundo.”¹⁷²

Apesar deste trabalho ser bastante importante ainda se verificam algumas lacunas: competências com algumas semelhanças com a catequese; conteúdos com carácter catequético; confusão entre catequese/ EMRC e alguns recursos ainda são apresentados como conteúdos.

1.1. EMRC / CATEQUESE: SEMELHANTES OU IGUAIS?

A Catequese e o Ensino Religioso são duas realidades diferentes e têm finalidades distintas.

¹⁷² PEMRC, SNEC, Lisboa, 2007, 14.

“O Ensino Religioso Escolar tem a sua identidade específica, distinguindo-se da catequese, desenvolvida nas paróquias ou noutros âmbitos. O contexto em que ocorre é significativamente diferente. A catequese desenvolve-se no seio de uma comunidade cristã concreta – quase sempre em paróquias - , o Ensino Religioso Escolar desenvolve os seus objetivos em meio escolar, no seio de uma comunidade que pretende assegurar às crianças e aos jovens a consecução de objetivos de natureza científica, cultural e humana.”¹⁷³

A catequese deve transmitir a palavra de Deus, revelar o seu desígnio de salvação despertando a fé e a conversão em Jesus Cristo numa união e comunhão com Ele. A catequese deve estar incluída numa paróquia, desenvolver, compreender, amadurecer a fé levando a um compromisso familiar, social e eclesial.

A EMRC integrada na escola deve fazer parte dos itinerários educativos, porque está ao serviço da educação integral, incluindo a sua dimensão religiosa, social e pessoal. O Ensino Religioso leva a amadurecer a questão do sentido da vida, leva a entender e a protagonizar o diálogo, ensina a posicionar-se face aos fenómenos religiosos e a agir com responsabilidade e coerência.

“É, pois, necessário que o ensino religioso escolar apareça como uma disciplina escolar, com a mesma exigência de sistematização e rigor que têm as demais disciplinas. Deve apresentar a mensagem e o acontecimento cristão com a mesma seriedade e profundidade com que as outras disciplinas apresentam os seus saberes. Ao lado das outras disciplinas, todavia, não se apresenta como algo acessório, mas em necessário diálogo interdisciplinar. Assim, a apresentação da mensagem cristã incidirá sobre o modo como se concebe a origem do mundo e o sentido da história, o fundamento dos valores éticos, a função da religião na cultura, o destino da pessoa humana, a relação com a natureza. O ensino religioso escolar, mediante este diálogo interdisciplinar, fundamenta, potencia, desenvolve e completa a acção educativa da escola (DGC n.º 73).”

É de referir que o programa de EMRC é recente, no entanto, continua a existir

¹⁷³ PEMRC, SNEC, Lisboa, 2007, 18.

alguma confusão entre as competências¹⁷⁴ que fazem parte da escola e as competências que fazem parte da catequese e a U. L. 2: “*A Água, fonte de vida*” não é exceção. Torna-se, pois, urgente esclarecer esta distinção, quer aos olhos dos alunos, quer dos pais/ encarregados de educação, pois muitos não inscrevem os seus filhos/educandos em EMRC alegando que eles já frequentam a catequese, o que para nós professores de EMRC é extremamente desolador e desmotivante. A EMRC e o ERE apesar de terem finalidades diferentes, são complementares e ambas importantes para a educação integral das crianças e jovens.¹⁷⁵ Acerca disto o DGC no nº 73 esclarece o seguinte acerca delas: elas “são distintas e complementares”. As suas finalidades são distintas, ainda que ambos os campos de ação não sejam alheios e estejam necessariamente inter-relacionados (...) o ensino religioso escolar deposita o fermento dinâmico do Evangelho e procura

“atingir realmente os outros elementos do saber e da educação, de modo que o Evangelho penetre na mente dos alunos no terreno da sua formação e a harmonização da sua cultura se faça à luz da fé.”

Existe ainda confusão entre uma e outra, que já não deveria existir pois as diferenças são muitas, funcionam em locais distintos, a catequese tem catequistas que, embora com formação específica, não são obrigatoriamente professores, e catequizandos. A disciplina de EMRC como disciplina integrada no *Currículo Nacional do Ensino Básico* antes de mais funciona numa escola, dentro de uma sala de aula, portanto, com alunos e professores devidamente formados pelas Universidades autorizadas para tal; tem programa próprio; tem manual próprio; tem competências gerais e específicas, que a partir do próximo ano letivo se denominarão por metas curriculares¹⁷⁶, e critérios de avaliação criteriosos que visam apoiar o processo

¹⁷⁴ “A noção de competência diz respeito à mobilização de conhecimentos, atitudes, comportamentos, valores e capacidades quer para enfrentar adequadamente variadas situações da vida quotidiana, desde a resolução de problemas intelectuais ou práticos, até à tomada de decisões, à interpretação de determinadas situações da vida com vista a atingir objetivos pessoais, sociais ou profissionais, quer para a progressão na construção de conhecimento cada vez mais complexo que permite desempenhos intelectuais mais conseguidos.” In: PEMRC, SNEC, Lisboa, 2007, 15. Há ainda que estabelecer a diferença entre competências gerais e específicas, “constituindo as primeiras o enquadramento geral e a finalidade do ensino básico e as últimas as finalidades de cada área curricular ou disciplina.”, PEMRC, SNEC, Lisboa, 2007, 16.

¹⁷⁵ PEMRC, SNEC, Lisboa, 2007, 18.

¹⁷⁶ Para maior aprofundamento consultar <http://www.dge.mec.pt/metascurriculares/?s=directorio&pid=1#metas> (consultado em 2 de fevereiro de 2014.). Por metas entende-se o seguinte: “Uma tendência curricular internacional, marcante desde o início do presente século, é a explicitação e especificação, por parte de cada país, dos

educativo, permitindo o reajustamento das experiências de aprendizagem, dos recursos e das metodologias às necessidades educativas dos alunos. A disciplina de EMRC

”tem em vista a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa”. (CEP 2006:12).¹⁷⁷

Todavia existe um objetivo comum entre catequese e a disciplina de EMRC, a mensagem de Jesus Cristo. São muitos os desafios que se apresentam à disciplina de EMRC, um deles é que sendo uma disciplina de caráter facultativo, por vezes temos alunos de outras confissões religiosas nas nossas aulas, bem como alunos sem nenhuma opção religiosa, o que é indicador que as aulas de EMRC são inclusivas e abertas a todos que as queiram frequentar e, por isso mesmo, os conteúdos bíblicos abordados devem ser lecionados de uma forma dialógica em relação a todas as outras confissões religiosas.

“Ao defender a capacidade da razão humana para conhecer Deus, a Igreja exprime a sua confiança na possibilidade de falar de Deus a todos os homens e com todos os homens. Esta convicção está na base do seu diálogo com as outras religiões, com a filosofia e as ciências, e também com os descrentes e os ateus.” (CCE 39)

1.2. COMO A EMRC ESTÁ ORGANIZADA NA ESCOLA

Apesar de estar bem saliente que EMRC e catequese são diferentes, na realidade, ainda se verifica que algumas competências da EMRC remetem à catequese. Assim as competências 23 (Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados

conhecimentos que os alunos devem alcançar e das capacidades que devem desenvolver em cada disciplina. A especificação destas duas componentes – *conhecimentos* e *capacidades* – tem adotado a designação de *standards*, ou, no caso de Portugal, de *metas*, antes designadas Por “metas de aprendizagem” e agora designadas por “metas curriculares”. Trata-se de documentos relativos aos diversos níveis de escolaridade, mas com anulação das aquisições pretendidas. As metas curriculares constituem, pois, a par dos programas disciplinares, os documentos orientadores do ensino e da avaliação, sendo que os segundos enquadram a aprendizagem, enquanto as primeiras a concretizam. A necessidade de construir metas curriculares é sentida pelos países que procuram uma aproximação de políticas educativas, com particular destaque para as de avaliação dos sistemas de ensino, através de programas como o PISA, o TIMSS, e o PIRLS. In documentos disponíveis em <http://www.porto.com/>.

¹⁷⁷ PEMRC, SNEC, Lisboa, 2007, 19.

adequados e relevantes) e a 24 (Reconhecer as implicações da mensagem Bíblicas nas práticas de vida quotidiana) têm muitas semelhanças com a catequese. O discente pode interpretar outros textos religiosos sem recorrer à Bíblia. O professor pode recorrer à Bíblia como um recurso, mas também pode escolher outros textos de caráter teológico que transmitem a mesma mensagem. Outro aspeto relevante é a implicação que a mensagem bíblica tem na vida do aluno. Em algumas aulas, há alunos que não são crentes, que não reconhecem as implicações desta mensagem, porque não as vivem, não as sentem. A mensagem cristã não é a única proposta a ser seguida, mas deve ser mais uma solução às tantas que surgem na vida do aluno. Quando o professor dá a conhecer ao aluno as grandes questões do mundo numa perspetiva equilibrada, sem impor a mensagem cristã, mas colocando-a em diálogo, em confronto com outras perspetivas (histórica, filosófica, ...) está completa a identidade da disciplina, pois a disciplina de EMRC não promove o culto, mas sim a perspetiva cristã.

2 . OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS

Na U. L. 2: “A Água, fonte de vida” as competências foram operacionalizadas¹⁷⁸ através dos seguintes conteúdos: À competência específica 5: *Interpretar produções culturais que utilizam ou aludem a perspectivas simbólicas relativas à água.* correspondem os seguintes conteúdos: A água: um bem essencial à vida; Funções da água: proporcionar a vida na terra; satisfazer a sede; refrescar e renovar energias; lavar ou limpar; embelezar um espaço; transmitir ideias religiosas...; A importância da água revela-se também na sua presença em provérbios de sabedoria popular (portugueses e de outras culturas). Esta primeira parte está apresentada de uma forma simples e apelativa, a segunda parte utilizando como o recurso o texto: “*Recursos hídricos organizadores das sociedades*” contém uma linguagem um pouco mais elaborada, além de ser um conteúdo comum a HGP¹⁷⁹, sendo uma repetição do que já ouviram. O uso deste recurso, por vezes, promove alguma distração e desatenção por parte dos discentes, outras vezes os discentes começam logo a enumerar os diversos recursos, acabando por

¹⁷⁸ “A operacionalização de competências constitui, deste modo, um conjunto de metas que se estabelecem, no interior do contexto particular de cada unidade letiva, com vista à aquisição e desenvolvimento das competências específicas” In: PEMRC, SNEC, Lisboa, 2007, 16.

¹⁷⁹ <http://www.educacao.te.pt/professores/index.jsp?p=176&iprograma=31> (artigo consultado a 13 de agosto de 2013). Este tema faz parte da primeira U. L. de HGP, *A Península Ibérica — Lugar de passagem e de fixação* e é o ponto 1.1.3 *Os recursos naturais e a fixação humana*.

condicionar o desenvolvimento da aula e levando à distração dos restantes colegas. Os textos selecionados do historiador Diodoro da Sicília, “*A cheia do Nilo*”, o “*Hino ao Nilo*” e o poema sumério, coadunam-se perfeitamente no programa de HGP, o que mais uma vez promove o desinteresse pelo tema/ aula. Temos novamente ligado a HGP o texto “*A água e as populações*” que refere exemplos arquitetónicos ligados à água, que já foram referidos na disciplina de HGP. Não se pretende com isto dizer que os exemplos apresentados não são adequados, ou pertinentes, ou ainda que não seja importante conhecê-los, simplesmente não apresentam nada de novo ao aluno, porque são um decalque dos exemplos já apresentados por outra disciplina. Seria desejável que houvesse um estudo prévio quer dos programas, quer da forma como os conteúdos das outras disciplinas são apresentados, para que a apresentação dos exemplos em EMRC não fosse uma repetição dos apresentados nas outras disciplinas; mas trouxesse aprendizagens novas aos alunos.

Às competências específicas 25 e 26: *Interpretar e apreciar produções estéticas cristãs sobre a temática da água*, correspondem os seguintes conteúdos: O símbolo da nuvem: a presença divina; A fertilidade da água: a criação e a água primordial; A água como elemento destruidor (a destruição do mal): o dilúvio; O batistério: tipologia, função e simbólica; O batismo: o renascimento das águas, o perdão dos pecados.

Todo este conteúdo desperta pouca ou nenhuma curiosidade nos alunos. Neste ponto é de salientar a introdução do primeiro, de entre vários, textos bíblicos que esta unidade temática tem. Ao longo desta unidade assiste-se a uma grande variedade de textos bíblicos a par de uma grande multiplicidade de conteúdos exemplo: símbolo da nuvem: a presença divina; a fertilidade da água: a criação e a água primordial; A água como elemento destruidor (a destruição do mal)... apesar de interessantes, são demasiados conteúdos, o que acaba por criar algum desinteresse no discente. Se olharmos para o conteúdo O batismo: (...) o perdão dos pecados (lavagem da alma), podemos facilmente deduzir que este conteúdo é completamente descabido para crianças com 10 anos de idade, a lavagem da alma não se coaduna com os seus interesses ou preocupações.

Às competências específicas 23 e 24: *Interpretar textos bíblicos que manifestem o valor simbólico da água, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana*, correspondem os seguintes conteúdos: O batismo de Jesus (Mt 3,11; Mc 1,8-10; Lc 3,16); O renascer do espírito e da água de um doutor de Israel, Nicodemos

(Jo 3,1-8); Jesus, “*água viva*”, pede água para beber, no encontro com a Samaritana (Jo 4).

Este texto é pouco acessível para os alunos desta faixa etária, porque ainda não possuem maturidade intelectual para atingir o conceito que se pretende. Nesta história estamos perante um conceito de “sede”, mas uma sede de amor puro. A mulher Samaritana apesar de ter conhecido muitos homens nunca experienciou o verdadeiro amor, um amor desinteressado, que não é egoísta mas sim generoso, o amor a Deus. Este texto, embora belo e cheio de significado, acaba por perder todo o seu sentido enriquecedor porque o seu conteúdo é demasiado hermético para os alunos desta faixa etária.

No que concerne ao conceito de purificação e renovação para uma nova vida no Senhor através do batismo para eles é difícil, porque apesar de saberem o que é o batismo (como rito) porque é normal que nesta idade como vão à missa terem já assistido a um batizado. Mas partir da cerimónia para o conceito de que o batismo é um sacramento que após professado passamos a pertencer ao grupo dos cristãos, que nos tornamos irmãos de Cristo e filhos de Deus, livres do pecado original é para eles bastante abstrato. Se o texto estruturante ou fundante da unidade é o batismo, porque é que nos apresentam tantos exemplos com a água, acabando por tornar a unidade monótona? No entanto, é de salientar que o facto de existirem tantos recursos bíblicos ligados à água, é sinal de que a água é um símbolo bíblico de grande importância.

Às competências específicas 1, 9 e 10: *Mobilizar o valor da pessoa humana e da sua qualidade de vida, nos comportamentos concretos relacionados com o uso da água*, correspondem os seguintes conteúdos: Uso inadequado dos recursos naturais, a escassez de água e a poluição dos meios aquáticos; A vida humana como valor primordial está ameaçada pela poluição e a escassez da água; Condições que permitam a promoção da vida humana: uso racional da água para uso do ser humano e de todo o meio ambiente do qual o ser humano depende; Qualidade de vida e bem-estar: o desenvolvimento económico traz bem-estar mas tem consequências sobre o ambiente; Conflito entre bem-estar material, qualidade e quantidade de água para todos, a curto médio e longo prazo.

Todos estes temas, apesar de bastante interessantes e adequados aos interesses dos alunos são comuns ao Tema Um: “*A Terra no espaço*” e subtema “*A importância da*

água para os seres vivos” da disciplina de C.N., o que conduz à dispersão e desinteresse pela U.L. e em última análise pode até conduzir ao desinteresse pela disciplina.

Ainda relativamente às competências específicas gostaríamos de propor uma possível reformulação para a competência 23: *Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes*, que poderia ser: Interpretar textos considerados pelos cristãos ~~fundamentais~~ da Bíblia, *podendo extrair deles extraindo* significados adequados e relevantes. O que é fundamental para mim (cristão), pode não ser para o outro (cristão ou não), extraímos se assim nos predispusermos, senão não passa de uma leitura, sem nenhum ensinamento.

As competências específicas são comuns a todos os anos letivos, mas há que ter em atenção o ano que os alunos frequentam, a idade que têm, os seus interesses, ou seja, o que os motiva, uma vez que os alunos do quinto ano e do décimo segundo ano têm conhecimentos, interesses e aptidões diferentes. Nomeadamente a competência específica 5: *“Interpretar produções culturais que utilizam ou aludem a perspectivas simbólicas relativas à água”* quando nos seus conteúdos se fala das funções da água: proporcionar vida na terra, satisfazer a sede, refrescar e renovar energias, lavar ou limpar, embelezar um espaço, transmitir ideias religiosas.... a questão coloca-se precisamente neste ponto, onde está a cultura neste conceito organizador? Portanto, há aqui uma discerpância entre objetivo e conceito organizador. Com o conteúdo “ A água como elemento destruidor (a destruição do mal): o “dilúvio” o problema que se levanta tem a ver com a sua formulação, uma vez que se aproxima bastante da catequese. O mesmo problema se coloca com o conteúdo “ O batismo: o renascimento das águas, o perdão dos pecados (a lavagem da alma)”. Além da formulação catequética é a complexidade da questão “lavagem da alma” que para alunos com idades compreendidas entre os nove e os dez anos é difícil compreenderam.

As competências específicas 25 e 26 *“Interpretar e apreciar produções estéticas cristãs sobre a temática da água”* os conteúdos também não são adequados porque são demasiado específicos. Será que efetivamente os alunos aprendem alguma coisa com esta competência?, por isso, a sua aquisição fica comprometida. Acresce ainda o facto de existirem demasiados exemplos, exemplos estes que além de serem desapropriados, pecam por apresentar informação excessiva.

As competências 23 e 24 *“Interpretar textos bíblicos que manifestem o valor simbólico da água reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana”*,

revela-se complicada de pô-la em prática, uma vez que conseguir esta articulação com o quotidiano é quase impossível, só se for pelo facto de termos sede, pois continuamos a ter esta necessidade (fisiológica). Para melhor esclarecer esta competência talvez fosse mais fácil para o aluno ler o texto do *Génesis*, onde a água foi um presente de Deus para nós. Logo iria facilmente perceber a sua implicação prática na vida quotidiana.

No exemplo do texto do *Encontro de Jesus com a Samaritana* (Jo 4) para além do facto dos alunos desconhecerem atualmente a função dos poços comunitários e a função comunitária da água desconhecem ainda a *sede* que Jesus lhe promete saciar. É difícil para os discentes desta idade, uma vez que existe uma grande falta de bagagem cultural e, muitas vezes até religiosa, compreenderem que esta *sede* é a *sede pelo amor verdadeiro a Deus*. No entanto, seria muito interessante trabalhá-lo, pela vertente histórico-cultural mas com alunos de outra faixa etária. Os restantes exemplos bíblicos que figuram no manual pecam por excesso e por se aproximarem muito da catequese e, por isso, devem ser trabalhados de forma subtil, até para não comprometerem a adesão à disciplina.

Às competências 1, 9 e 10 “*Mobilizar o valor da pessoa humana e da sua qualidade de vida, nos comportamentos concretos relacionados com o uso da água*” esta é uma competência bem formulada, próxima da realidade dos alunos, mas a forma como é abordada não se coaduna com a realidade da maioria dos alunos que temos nas nossas salas de aula. Hoje em dia os nossos alunos provêm de famílias desestruturadas económica e culturalmente. Logo muitos dos alunos não têm preparação cultural para interpretar e relacionar os conteúdos subjacentes a esta competência específica, sobretudo, interpretar o tipo de linguagem que lhe subjaz. Para o professor é necessário um esforço constante de transpor a linguagem demasiado “cultura” e “erudita” em que estão expostos os conteúdos do manual, para uma linguagem prática e próxima dos alunos atuais, portanto, não existiu a preocupação em adequar a linguagem à faixa etária dos alunos que frequentam o quinto ano de escolaridade. Se pensarmos ainda no Programa de Português¹⁸⁰ para o segundo ciclo, especialmente o do quinto ano de escolaridade, em que se propõe a leitura de textos mais simples, tais como quadras populares, fábulas, lendas ou mitos, diários, relatos históricos ou biografias e narrativa da literatura portuguesa, entramos com divergência com o tipo de textos que o manual apresenta. Além do que, como já foi referido, há uma repetição de conteúdos já

¹⁸⁰ *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação (DEB), 2001; 9.

abordados por outras disciplinas. Todos os conteúdos são demasiado concretos e específicos e os exemplos apresentados poderão não ser os mais adequados. São um pouco adultos para a perceção deles, como por exemplo: o texto “*A água no mundo atual*”.¹⁸¹

De uma forma geral, pode concluir-se que a unidade é muito rígida e os alunos são muito jovens para perceberem alguns destes conceitos, sendo que alguns podem ser mesmo até serem considerados abstratos. A U.L. é ainda muito extensa, o que obriga a uma seleção cuidadosa dos temas a abordar. A linguagem utilizada ao longo da U.L. é muito formal, pouco acessível, muito condensada e, por vezes, pouco adequada à idade dos alunos. O mesmo acontece no que diz respeito à linguagem bíblica, nomeadamente nos exemplos que se seguem:

“Apenas se salvaram, dentro de uma arca, Noé e a sua família, assim como um casal de animais de cada espécie. Noé era um homem bom e honesto, por isso Deus poupou-o à terrível catástrofe”;¹⁸² “Jesus não precisava desta purificação, porque nele não havia nenhum mal, mas quis passar por este rito antes de começar a sua missão”.¹⁸³

Como se vê pelos exemplos apresentados seria necessário escolher com mais cuidado os textos bíblicos a apresentar aos alunos. Concluindo, o discurso num tom catequético faz com que a disciplina se aproxime perigosamente da catequese, não abonando em nada a disciplina.

Os textos bíblicos apresentados pretendem trabalhar vários aspetos da simbologia da água. Deste modo o texto “*O Dilúvio e a Arca de Noé*” pretende que o aluno reflita sobre o “viver de acordo com a Lei”, o bom é privilegiado e o mau é punido. Os excertos do livro do Êxodo remetem para o simbolismo cristão da água. O texto de São João “*Jesus e a mulher Samaritana*” pretende trabalhar o conceito “*Jesus – água da vida*”, portanto, a sede que todo o cristão sente pelo seu Senhor. O texto de São Marcus “*O Batismo de Jesus*” alude à necessidade de todos os cristãos se batizarem para serem reconhecidos como filhos de Deus. O texto de João “*Encontro de Jesus com Nicodemos*” pretende reforçar a necessidade do batismo entre os cristãos. Só por si esta enumeração permite constatar a quantidade de textos bíblicos presentes nesta unidade

¹⁸¹ cf. *Caminhos de Encontro*, EMRC, 5º ano de escolaridade, Manual do Aluno, Lisboa, SNEC, 2009, 77.

¹⁸² *Caminhos de Encontro*, EMRC, 5º ano de escolaridade, Manual do Aluno, Lisboa, SNEC, 2009, 64.

¹⁸³ *Caminhos de Encontro*, EMRC, 5º ano de escolaridade, Manual do Aluno, Lisboa, SNEC, 2009, 72.

letiva. Efetivamente estão aqui representados grande parte dos exemplos bíblicos sobre a água. No entanto, talvez fosse interessante estar na U.L. um excerto do Génesis, pois facilitaria a aquisição do conteúdo da preservação da água e (co) responsabilização do ser humano na preservação da mesma, porque ela foi dádiva de Deus, foi um presente e como todos os presentes temos que os estimar. A ligação com a *DUDH* e com a *Carta Europeia da Água* também podia ser facilmente estabelecida a partir deste conteúdo bíblico. É de salientar ainda que o conceito “*Jesus – água da vida*” e a sede que lhe subjaz, é muito abstrato e os alunos têm dificuldade em compreendê-lo. Quanto à simbologia judaico-cristã, também se sente alguma resistência por parte dos alunos, porque não se coaduna com os seus interesses. No entanto, também sabemos que os interesses dos jovens de hoje andam muito longe da escola. Efetivamente o único exemplo que eles compreendem bem é o do batismo, porque nestas idades têm sempre algum familiar que foi batizado ultimamente e como é algo que está presente na vida deles como cristãos, conseguem transpor o texto bíblico para a realidade. Realidade esta que também para eles significa muitas vezes apenas uma festa /comemoração que envolve este momento e não a santidade e a grandeza deste sacramento.

Consideramos muito positivo e bastante enriquecedor o manual vir provido dos seguintes elementos: as caixas de vocabulário (página 44), uma vez que os vocábulos utilizados nem sempre são os mais acessíveis; Para saber + (página 43) que ajudam a enriquecer culturalmente os nossos alunos; Textos Bíblicos (página 43) como forma de complementar a informação dada; Sugestões de atividades (52) que podem ser utilizadas por nós, professores, ou não; @ caminha na net (página 48) com indicações de sites a consultar e, mais uma vez, para enriquecimentos dos alunos; a barra lateral com as indicações da interdisciplinariedade, temas do CD-Rom, indicação da ficha de trabalho do caderno do aluno e qual a operacionalização da competência que se está a trabalhar, são uma mais valia para os alunos e professores.

2.1. ANÁLISE DE ALGUNS DOS TEXTOS BÍBLICOS DA UL

O manual apresenta uma breve introdução ao texto da samaritana contextualizado a época e as circunstâncias em que decorreu. Naquele tempo os samaritanos tinham sofrido influência dos assírios e tinham-se distanciado de alguns costumes judaicos, resultando numa certa animosidade entre estes dois povos. O facto

de Jesus estar na Samaria e a falar com uma mulher samaritana causaria estranheza a qualquer judeu. No entanto, Jesus não se deixa intimidar e rompe com as tradições, dirige-se à samaritana, uma vez que Ele acreditava que os samaritanos eram tão dignos como qualquer outro povo e uma mulher era tão digna como qualquer homem. Ao falar com uma mulher samaritana Jesus rompe duas barreiras: a religiosa e a social-sexista.

No discurso de Jesus, este apresenta-se como Aquele que dá a Água viva. O manual clarifica este conceito referindo que a água é importante para a sede, mas que não a mata definitivamente. Jesus, sim, sacia eternamente a sede a humanidade, pois Ele é a Fonte de Água Viva. Naturalmente que a sede a que Jesus se refere, não é a sede do corpo, mas sim a sede espiritual e neste seguimento Jesus vem dar sentido à vida. Ao longo do discurso com a samaritana Jesus vai-se revelando. Um leitor que não esteja devidamente catequizado não perceberá a intenção de Jesus, que pretende iniciar a mulher samaritana no seu mistério¹⁸⁴.

“Se tu soubesses aquilo que Deus tem para dar e quem é aquele que te está a pedir água, tu é que havias de lhe pedir, e ele dava-te água viva” (Jo 4, 10). A Samaritana também não está devidamente catequizada e, por isso, depreende que Jesus esteja a falar da água do poço, daí lhe responder “ Nem sequer tens um balde e o poço é fundo! Donde tiras a água viva?” (Jo 4, 11). Para um cristão iniciado (cristão instruído) esta dúvida não se colocaria, pois sabe que a “água viva” a que Jesus se refere não é a água do poço mas sim a água do batismo e tudo o que o batismo significa.¹⁸⁵ Jesus continua com a instrução

“Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna” (Jo 4, 13-14.)

Para percebermos a resposta de Jesus temos que nos apoiar no simbolismo do AT, a água profunda (Pr 18,4; 20,5), a água viva (Sir 21, 13; 24, 23-34) representa igualmente a *sabedoria e a lei* (Pr 13, 14; 16, 22; Br 3, 12; Sir 24, 21; Is 55, 1.). A água pode também simbolizar o *Espírito Santo* (Is 32, 15; 44,3; Jl 2, 28; Ez 36, 25-27). Aparentemente foram estes os recursos de João, deste modo a Sabedoria deixa-nos com sede (Sir 24,21), mas Jesus não nos deixa com sede: “mas quem beber da água que Eu lhe der há-de

¹⁸⁴ cf. JOHAN KONINGS, *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*, 125.

¹⁸⁵ cf. JOHAN KONINGS, *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*, 126.

tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna” (Jo 4, 14 cf 6, 35), mas mesmo assim a Samaritana não entende e pede-lhe que dê a água para nunca mais ter de vir ao poço buscá-la¹⁸⁶.

No fundo este texto é um exemplo de uma história de conversão. Gradualmente o texto vai-nos convidando a deixar a água e o alimento deste mundo à água viva e ao alimento do céu.¹⁸⁷

No seguimento do texto bíblico sobre o batismo de Jesus, surge o texto do encontro de Jesus com Nicodemos¹⁸⁸, que também trata o batismo.

Nicodemos, chefe dos judeus, fariseu, membro do Sinédrio, procurou Jesus, pois acreditava que ele tinha sido enviado por Deus e que todas as suas obras eram sinais de Deus. Jesus diz a Nicodemos que não basta acreditar que as suas obras vêm de Deus, mas tem que ir mais longe, tem que nascer de novo. Nicodemos questiona Jesus como é que pode nascer de novo se já é velho e também não pode voltar a entrar no ventre de sua mãe. Jesus não se refere ao renascimento físico mas sim espiritual e que este nascimento espiritual acontece através da água, ou seja, do batismo. Ao receber o batismo, o homem nasce de novo, deixa-se marcar pela vida de Deus. A vida humana é dado pelos pais e a vida espiritual é-nos dada pelo batismo e vem de Deus.

O facto de Nicodemos procurar Jesus de noite¹⁸⁹ denota que Nicodemos receia alguma coisa. No entanto, ao procurar Jesus de noite ele verá a luz. Nicodemos acredita em Jesus, acredita nos sinais de Jesus, reconhecendo o valor proféticos dos mesmos, mas não se quer comprometer ou expor-se face à sua comunidade.

Apesar de afirmar: “Mestre, sabemos...” ao longo do diálogo poderemos constatar que afinal nada sabe ou pouco sabe; no entanto, está disponível para aprender/escutar¹⁹⁰; se soubesse, saberia que quando Jesus lhe diz que “ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo” (Jo 1,3) estava a referir-se ao nascer do espírito e não do

¹⁸⁶ JOHAN KONINGS, *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*, 126; do mesmo modo BERNARDO CORRÊA D’ALMEIDA, *A vida numa Palavra: uma nova leitura do Evangelho de São João*; 84; cf Is 41, 17-18.

¹⁸⁷ BERNARDO CORRÊA D’ALMEIDA, *A vida numa Palavra: uma nova leitura do Evangelho de São João*, 81.

¹⁸⁸ Para um maior aprofundamento das personagens que se cruzam com Jesus consultar: MÁRIO SOUSA, *Os encontros de Jesus no Evangelho de São João*, 11- 30; e também ALAIN MARCHADOUR, *Les personnages dans l’évangile de Jean, Mirroir pour une christologie narrative*, 77-81.

¹⁸⁹ Na sequência da problemática da luz consultar: MÁRIO SOUSA, *Os encontros de Jesus no Evangelho de São João*, 14; e também ALAIN MARCHADOUR, *Les personnages dans l’évangile de Jean, Mirroir pour une christologie narrative*, 66-67.

¹⁹⁰ A propósito do escutar consultar: BERNARDO CORRÊA D’ALMEIDA, *A vida numa palavra, uma nova leitura do Evangelho de São João*, 73-75.

corpo, uma vez que a dimensão corporal é humana. Mais uma vez, o leitor/ cristão instruído saberia que Jesus se estava a referir à água e ao espírito e nunca à realidade terrena do parto¹⁹¹.

O batismo cristão e a vida em comunidade dos que crêem em Deus é assinalada pela água e pelo espírito e é aqui que reside a radicalidade da fé em Jesus.

Nicodemos pode nascer de novo e ter acesso à “vida eterna/ reino de Deus” se deixar de ser fariseu e dignitário judeu, cortar os laços com os seus.¹⁹²

Para os nossos alunos o texto não oferece muitas novidades, porque não se pode explorar com eles os conceitos: noite/dia; carne/ espírito, estamos a falar de conceitos que requerem do aluno um certo grau de abstração que pela sua tenra idade (imaturidade intelectual/ religiosa) ainda não possuem. Explorando o texto apenas pelo lado da importância do batismo para ser incorporado em Deus e ter acesso ao Reino dos céus, é também demasiado redutor.

2.2. USO DE TEXTOS BÍBLICOS NA UNIDADE

À pergunta serão os textos bíblicos necessários na UL? A resposta na nossa opinião é sim.

Os textos bíblicos, mais concretamente, os evangelhos são a melhor forma de compreender Jesus e os seus ensinamentos e, por isso, os mais fidedignos ou credíveis. Poderíamos optar por textos da Tradição ou do Magistério da Igreja, mas estaríamos a respeitar a identidade da disciplina? Se o que está em questão são os ensinamentos de Jesus nenhum texto é mais adequado que os textos dos evangelhos.

O Vaticano II, com a Constituição Dogmática “*Dei Verbum*” destacava o primado da Bíblia para conhecer, expressar, aprofundar e verificar a religião cristã e qualquer tratado sobre ela.¹⁹³ O Vaticano II pensa na Bíblia como Palavra de Deus que nutre a fé. Mas isto implica um processo de leitura da Bíblia como documento objetivo, código de cultura, que está na base das exigências do estudo próprio de uma escola. E é este aspeto que aprova a ERE católica, como momento de dedicação científica, de acordo com as finalidades da escola.

¹⁹¹ Para aprofundar a dialética carne vs espírito consultar MÁRIO SOUSA, *Os encontros de Jesus no Evangelho de São João*, 15.

¹⁹² JOHANN KONINGS, *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*, 113- 116.

¹⁹³ ANTONIO SALAS XIMELIS; JOSEPH GEVAERT; ROBERTO GIANNATELLI, *Didáctica de la enseñanza de la religión*, 157.

Os professores de EMRC têm a possibilidade de valorizar a Bíblia, como nunca tiveram, por isso, porque desperdiçar esta oportunidade?¹⁹⁴

3. COMPARAÇÃO DOS CONTEÚDOS DA U.L. 2 DE EMRC E A UNIDADE 1 DE C.N.

Esta U.L. é extremamente rica em questões de interdisciplinariedade, por isso, em anexo seguirá, a título de exemplo, uma planificação de Ciências da Natureza gentilmente cedida por uma colega do Agrupamento de Escolas de Maceda e Arada, professora Ermelinda Figueiredo, para ser confrontada com a U.L. que está a ser alvo de análise. Deste modo, pode-se identificar duas das competências trabalhadas pelo programa de CN que são coincidentes com as competências lecionadas pela disciplina de , assim: “*reconhecimento das atividades humanas relacionadas com os recursos hídricos*” trabalha o seguinte objetivo: “*compreender a necessidade de preservar a água*”. A primeira parte da U.L. apresenta recursos que trabalham exatamente esta temática “*Recursos hídricos organizadores das sociedades*” e “*A Água e as populações*”. A competência “*compreensão de como a intervenção do homem pode afetar a qualidade da água*” trabalha os seguintes objetivos: “*relacionar a qualidade da água com a qualidade de vida*”, “*compreender a importância da água em diferentes atividades humanas*”, que corresponde em EMRC ao objetivo geral: “*mobilizar o valor da pessoa humana e da sua qualidade de vida, nos comportamentos concretos relacionados com o uso da água*”. Deste modo, coloca-se a questão em que é que este tema contribui para a identidade da disciplina, diferenciando-a das demais, quando este tema parece um decalque do programa de C. N.

Vamo-nos deter nos recursos apresentados no manual: “Terra – O planeta azul”; “A água, indispensável à vida”; “A água, um direito de todos” (também é comum a FC); “Os rios são nossos irmãos”; “A água no mundo actual”; “A água ameaçada” e, por último, “Uma responsabilidade de todos”. Posto isto, temos aqui uma amálgama de programas de três disciplinas: EMRC, C.N. e a recentemente extinta F.C., o que leva à seguinte questão, em que medida esta parte da unidade contribui para a identidade da disciplina; em que medida ela difere das outras disciplinas para que se justifique esta

¹⁹⁴ Para conhecer os elementos de uma didática da Bíblia para a escola, consultar, ANTONIO SALAS XIMELIS; JOSEPH GEVAERT; ROBERTO GIANNATELLI, *Didáctica de la enseñanza de la religión*, 161-162.

secção toda do manual; onde está a sua unicidade que a eleva ao ponto de os alunos voluntariamente se quererem inscrever?

Em jeito de conclusão e fazendo uso do resumo do documento Metas Curriculares de EMRC: referências fundamentais no contexto do 2º ciclo do Ensino Básico, passo a enumerar as razões que sustentam a alteração do programa em EMRC: demasiados conteúdos, impossibilidade de se lecionar todas as unidades letivas (demasiados textos, peso excessivo dos manuais, impossibilidade de realizar a maioria das tarefas do caderno do aluno...); Alguns temas apresentam um grau de dificuldade desadequado ao nível etário dos alunos; Falta de coordenação entre as unidades letivas dentro de cada ciclo; Algumas unidades são do agrado dos alunos (*O respeito pelos animais, A água, fonte de vida*) mas não têm interesse pedagógico, pois afastam-se do específico da EMRC; e por último, algumas unidades temáticas são demasiado parecidas nos conteúdos (*Promover a Concórdia e Fraternidade*, nomeadamente).¹⁹⁵

4. A IDENTIDADE DA DISCIPLINA

Analisando a U.L. alguns conceitos respeitam a identidade da disciplina, nomeadamente os seguintes: ajudar cada um a construir a sua personalidade autónoma, tornando-o participante ativo, responsável e crítico na vida do mundo que o rodeia; ajudar a enfrentar com maturidade, eficiência e rapidez, as mudanças sociais, preparando-o para os problemas que vierem a surgir no futuro. O DGC¹⁹⁶ acrescenta que estes conteúdos se encontram no âmbito da cultura e que promovem o diálogo interdisciplinar. O ERE¹⁹⁷ enriquece esta identidade com os seguintes indicadores: *dar a conhecer o património do Cristianismo* (cf. Objetivo Geral um e dois); e *através do signo litúrgico, onde se vê a linha que une/ separa a EMRC com a catequese, ou seja, em EMRC referimo-nos à adequação do signo e às atitudes dos crentes, mediadas por esse signo* (neste caso em concreto falamos do batismo) e *na catequese pretende-se suscitar no catequizando as atitudes expressadas no signo, mostrando-lhe como Deus intervém ativamente na sua vida, pela mediação do signo*. Logo a linha que separa a catequese da EMRC é muito

¹⁹⁵ Consultado no site do EMRC Porto no dia 2 de fevereiro de 2014. http://www.emrcporto.com/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=1

¹⁹⁶ <http://www.educris.com/v2/EMRC/889-directorio-geral-da-catequese-a-catequese-e-o-ensino-religioso-escolar> (artigo consultado a 23 de julho de 2012).

¹⁹⁷ <http://www.educris.com/v2/100-santa-se/889-directorio-geral-da-catequese-a-catequese-e-o-ensino-religioso-escolar> (artigo consultado a 23 de julho de 2012).

ténue. Deve-se ainda ter em mente o que o DGC (73) nos diz relativamente à diferença entre a ERE e a Catequese:

“O que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes. [...] o ensino religioso escolar deposita o fermento dinâmico do Evangelho e procura “atingir realmente os outros elementos do saber e da educação, de modo que o Evangelho penetre na mente dos alunos no terreno da sua formação e a harmonização da sua cultura se faça à luz da fé”.

Torna-se urgente que o ERE se assuma definitivamente como uma disciplina do *Currículo Nacional*, que se desenvolve em meio escolar, com programa, manual, critérios de avaliação, que se interrelaciona com as demais disciplinas através da interdisciplinaridade, mas, e é importante nunca esquecer isso, está ligada à catequese/Igreja, pois há conteúdos comuns. Mas também há temas/ conteúdos comuns, como já vimos com a disciplina de CN e HGP e não é por isso que uma anula ou substitui a outra. Achamos pois que temos que continuar a afirmarmo-nos nas escolas, demonstrar a importância da nossa disciplina no meio escolar, senão corremos o risco de desaparecer, como já se vai ouvindo pelos corredores de algumas escolas. Não tanto pelas questões acima debatidas (diferença entre EMRC e Catequese) mas porque há colegas que, por desconhecimento, associam uma à outra. Em parte esta associação se deve ao facto de durante muitos anos a disciplina ter estado a cargo de párocos. Mas a disciplina está na escola para responder à necessidade da sua existência.¹⁹⁸ Os encarregados de educação têm o direito de escolherem para os seus educandos o género de educação que a escola lhes pode oferecer¹⁹⁹ e de assegurarem a educação religiosa e moral dos seus educandos, de acordo com as suas próprias convicções²⁰⁰ e de ver o Estado a colaborar com eles na educação dos seus filhos.²⁰¹ A disciplina pertence à escola, está legislada e faz parte da LBSE e do *Currículo Nacional do Ensino Básico*, o que sustenta a sua importância.

¹⁹⁸ Cf. CRP, artº 41, ponto 5, artº 67º ponto 1 e ponto 2, alínea c (artigo consultado a 2 de fevereiro de 2014 em http://bdjur.almedina.net/item.php?field=item_id&value=229789). In: PEMRC, SNEC, Lisboa, 2007, 9.

¹⁹⁹ DUDH, artº 26º; cf. CRP, artº 36º, Ponto 5, In: PEMRC, SNEC, Lisboa, 2007, 13.

²⁰⁰ PIDCP, artº 18º; PIDESC, artº 13º; Protocolo Adicional à CPDHLF, artº 2º; CDFUE, artº 14º.

²⁰¹ CRP, artº 67º, alínea c, In: PEMRC, SNEC, Lisboa, 2007, 13.

Em alguns aspetos a identidade da disciplina está presente, mas é quase ocultada ou pelo excesso de exemplos ou por se aproximar demasiado ou da catequese ou das outras disciplinas do *Currículo Nacional do Ensino Básico*.

SÍNTESE DA SEGUNDA PARTE

A U. L. 2 reflete sobre a água, a sua importância para a vida na Terra, para a sobrevivência das pessoas e animais e da própria natureza.

A unidade começa por apresentar um conjunto de imagens sobre os vários usos da água na vida quotidiana, acompanhadas de um pequeno texto introdutório. De seguida, faz um breve resumo de como a água foi importante para a fixação das primeiras comunidades e, por conseguinte, o aparecimento das primeiras civilizações. Exibe alguns exemplos arquitetónicos, musicais, alguns textos literários e religiosos em que a água é o tema central, não deixando qualquer margem para dúvidas sobre a importância da água não só na vida das pessoas, para a sua sobrevivência, bem-estar e subsistência, bem como para os animais e toda a natureza.

Apesar de ser uma unidade agradável de lecionar com grande aceitação por parte dos alunos, não estimula a aprendizagem do aluno, uma vez que não apresenta nenhuma novidade. Acresce ainda o facto de ter imensos textos bíblicos, tornando-se maçadora para os alunos. Se por um lado a água está presente em vários textos da Bíblia, não era necessário apresentá-los todos no manual. Esta repetição leva a um decréscimo de interesse pelo tema. Naturalmente que o professor não precisa de os utilizar, mas só o facto de lá estarem leva o professor a usá-los, uma vez que, abordam aspetos diferentes.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho foi possível verificar que a água, não é apenas um líquido. A água tem um enorme significado na história da humanidade e uma enorme importância nas nossas vidas. Ela é tão importante que até já foi causa de disputas, disputas estas que muitas vezes culminaram em tragédias, ou assumindo contornos maiores. Se considerarmos o ponto “a água e o direito”, podemos facilmente perceber que apesar de a água ser uma dádiva de Deus é cobiçada pelos Homens. Tão cobiçada que é necessário existirem leis que regulamentem o seu uso.

É um líquido especial e único pelas suas características. Talvez seja assim tão importante exatamente pela sua unicidade. Quando associada à mulher e à fertilidade, assume um valor maternal, pois afinal a água é o primeiro elemento da natureza que os bebês conhecem.

Talvez ainda pela sua unicidade existam tantas histórias à sua volta, nomeadamente os mitos da criação. Na maioria dos mitos criacionais o mundo (cosmos) apareceu da água e tudo o resto que conhecemos também provém da água. A água como elemento protológico chama a si toda a criação. Por isso, é que a água é considerada mãe de todas as coisas, é dela que surge toda a realidade. Daí também terem surgido várias metáforas ligadas a si, inclusive mitos ligados à imortalidade, existindo uma bebida que supostamente a conferiria.

Ligada à ideia da água como origem de todas as coisas, o fenómeno religioso *New Age*, alega que a Era do Peixe já está obsoleta, sendo altura de mudar, e entrar, segundo eles, na Era do Aquário.

Quando a água é utilizada sempre da mesma forma, com a mesma intenção torna-se num ritual, atingindo o patamar de signo ou símbolo e neste sentido a água ou o gesto em que ela está presente pode tornar-se sacramento. Leonardo Boff na sua obra *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos* conta-nos que em casa dos seus pais existia uma caneca de alumínio por onde beberam os onze filhos. Então esta caneca tinha um significado especial para todos eles. Beber por esta caneca também faz a pessoa especial, todo este valor, no sentido de apreço, atribuído à caneca fez com que o ato de se beber por aquela caneca fosse quase um sacramento, é como algo sagrado

entre eles; pois tal como ele diz: “tudo é sacramento ou pode tornar-se, dependendo do homem e do seu olhar”,²⁰² ou seja, está tudo na intenção do nosso olhar/ coração.

A água é o elemento fundamental do batismo, revestindo-se de sacramentalidade. Jesus Cristo instituiu o batismo como sacramento, Ele é o Verbo encarnado. É Jesus Cristo que confere eficácia ao rito do batismo e, neste contexto, a água desempenha uma função sacramental uma vez que evoca Deus.

O sangue também pode assumir uma perspectiva sacramental quando analisada juntamente com a água saída do lado trespassado de Jesus na cruz. A água associada ao batismo (sacramento) e o sangue à paixão de Cristo na cruz.

A água batismal está associada a dois valores: vida e morte; ou seja, o homem pecador imerso em água morre para nascer de novo purificado do pecado. O batismo insere quem o recebe na comunidade escatológica da salvação, porque torna-o participante do Mistério Pascal do Senhor. Quando se associa ao batismo a ideia do “nascer de novo” estamos a referir ao renascimento do Espírito para uma nova vida e não do corpo. É o Espírito que nos conduz à vida eterna e ao Reino de Deus.

O batismo é para nós cristãos o primeiro e fundamental dos sete sacramentos. O batismo confere dois efeitos: 1) caráter, 2) graça. É pelo batismo que nos tornamos seguidores de Cristo e nos tornamos filhos de Deus e irmãos de Jesus.

A água também está associada à vida e à morte. Ela pode ter ambos os significados dependendo da sua interpretação, por exemplo: quando se tem sede, ela apaga a sede (morte à sede); e dá uma nova vida, um novo ânimo, quando a sede desaparece. No caso do puro/ impuro a água lava, limpa, matando o impuro dando lugar ao limpo ou ao puro.

A água é, portanto, fonte de vida e de poder, sem ela a terra não seria um lugar habitável, seria um deserto árido, onde nada nem ninguém conseguiria sobreviver. Dadas as suas características crê-se que tenha sido graças a ela que a vida tenha surgido no planeta Terra, senão o nosso planeta seria apenas mais um no sistema solar.

Os nossos antepassados utilizaram a água em seu benefício, desde a usarem para beber, tomar banho, pescar, limpar, também a usaram como símbolo de culto. Neste sentido surgem vários locais de culto às águas, permanecendo alguns deles até aos dias de hoje, nomeadamente algumas fontes, termas e santuários, muitos deles estavam ligados à vida social.

²⁰² LEONARDO BOFF, *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*, 24, 31.

A água é um elemento que está presente quer na Bíblia quer na literatura cristã, simbolizando uma manifestação do poder divino. Deste modo a água tem diversas referências na Bíblia, começando com a criação, passando pelo dilúvio, estando presente em fontes, poços, desertos /rochas; pode também aparecer em forma de orvalho, chuva, geada, neve, granizo, entre outras; e, por fim, também aparece ligada ao batismo e à ideia de matar/ saciar a sede e lavar/ limpar.

Associada à ideia de limpeza e higiene não existem muitas referências na Bíblia. No entanto, sabemos que ela era utilizada pelas pessoas para limpeza das mãos e dos vasos para comer. Usavam os rios como locais para realizarem banhos rituais e sabemos também que as fontes das antigas basílicas tinham a função de limpeza. A água era oferecida aos hóspedes para refrescarem e lavarem os pés (cf. Gn 18, 4; Lc 7, 44; Jo 13, 5).

O uso da água como meio de purificação está presente em quase todas as religiões, associando-se ao puro vs impuro. O conceito de purificação era um conceito caro ao povo bíblico, não apenas por estar relacionado com a limpeza/ higiene, mas também por se tratar de uma purificação espiritual, obtida através da ação do lavar. O facto de darem tanta importância ao estar limpo, não está relacionado com o conceito de limpeza, mas sim com o conceito de estarem puros (limpos) perante a divindade.

O conceito de purificação estava tão enraizado na cultura que até existiam (e continuam a existir) uma série de preceitos para se cumprir de acordo com a impureza em questão. A água com o intuito de purificar podia ser utilizada de três formas: ablução, aspersão e imersão. A escolha estava relacionada com a intenção ou objetivo da pessoa ou objeto a purificar, existindo dias próprios para a práticas das mesmas.

O fogo também desempenha uma função purificadora.

Existem também várias referências à água benta, sendo esta utilizada para a limpeza de todos os erros, cura de maleitas ou doenças e também contra as tentações do diabo.

A água é também vista como elemento que sacia a sede da alma e neste sentido a água é um convite para ouvir/ escutar a palavra, palavra esta que é a vida de Israel (cf. Dt 8, 3; 32,47).

Em suma, a água é um elemento de grande importância na nossa vida, quer como ser humanos, quer como seres religiosos.

A água deu mote a uma das UL do quinto ano de escolaridade e foi alvo de uma análise mais atenta neste nosso trabalho.

Deste modo e tendo em atenção que EMRC é uma disciplina do *Currículo Nacional do Ensino Básico* ela deve estar de acordo com o que está estipulado, apresentando os seus conteúdos de forma clara, objetiva e crítica.

O currículo das escolas está dependente das estruturas centrais dos Ministérios da Educação, que vêem o currículo como um conjunto de disciplinas e para cada disciplina era elaborado um programa. Hoje vivemos na era da escola inclusiva, onde todos os alunos têm as mesmas oportunidades. Mas, no entanto, sabemos que apesar de termos um currículo e um programa igual para todos, isto não reflete a realidade das nossas salas de aula, temos alunos com capacidades, interesses, aptidões diferentes, logo um currículo universal não se adapta a todos, pelo que se deve ter em conta um currículo flexível. Currículo também inclui tudo o que acontece em contexto escolar, promovendo a aprendizagem. Deste modo e refletindo sobre a UL, podemos pressupor que esta unidade tem como finalidade consciencializar os alunos para a importância da água na nossa vida, quer como seres humanos, quer como seres religiosos e ainda alertar para o facto de que a água não é um recurso inesgotável, pelo que não deve ser desperdiçado.²⁰³

Analisando o manual de quinto ano, podemos desde já referir que as Unidades Letivas que o constituem não têm uma ordem lógica, nem uma ligação ou sequência lógica e coerente entre elas. São unidades distintas, ocupando cada uma o seu lugar, sem interferirem umas nas outras. Exceto o caso da U.L. 4 “*Promover a Concórdia*” e a U.L. 5 “*Fraternidade*” que têm muitas semelhanças, podendo até ser lecionadas juntas.

No que concerne à estrutura da própria unidade, os temas, como já referimos, não estão ligados entre si, não permitindo ao professor e ao aluno estabelecer uma ligação entre eles. Deste modo, a unidade divide-se em quatro partes: a utilização da água desde os primórdios até aos nossos dias; significados da água em contexto religioso; textos bíblicos alusivos à água e, por último, as implicações da água e do seu uso no nosso quotidiano e quais as consequências de um mau uso deste recurso. Não existe uma linha de pensamento estruturante que permita estabelecer uma ponte entre o início e o fim da unidade. Se o objetivo da unidade é alertar para o bom uso da água, sua

²⁰³ C. VARELA DE FREITAS, MARIA DO CÉU ROLDÃO; “*Novos currículos para o sucesso educativo*”, “*Currículo e políticas educativas: tendências e sentidos de mudança*”, In “*Gestão flexível do currículo, Novos currículos para o sucesso educativo*”, 3-4; 55-56.

preservação e proteção, deveria ter-se socorrido de outros recursos e/ou conteúdos. Mais uma vez, temos que referir que esta intenção é focada pela disciplina de CN, portanto, questionamo-nos acerca do objetivo desta UL.

A unidade dedicou uma grande parte à secção religiosa, começando com a simbologia judaico-cristã, seguindo-se depois uma série de textos bíblicos (oito) e uma série de pequenas indicações de outros textos bíblicos para consultar em ordem a consolidar os sugeridos ou aprofundar o seu conhecimento. O tema central é Jesus, Jesus, a água da vida. Aparecem alguns exemplos da sua vida pública e do seu batismo. Textos todos interessantíssimos do ponto de vista bíblico, mas para o público alvo não desperta grande interesse. Primeiro porque já os conhecem todos ou quase todos da catequese ou da Eucaristia; segundo a própria linguagem é pouco acessível para as suas tenras idades e mentes e terceiro porque estão em número exagerado, bastavam provavelmente dois. O texto do batismo de Jesus, porque afinal ele é o tema central da unidade e um outro, por exemplo, o do Dilúvio, porque os alunos gostam da história e do seu significado. Em virtude da disciplina ter ser só 45/ 50 minutos por semana, a redução dos textos bíblicos permitiria não só que eles fossem melhor analisados, mas também teríamos tempo para resolver algumas das atividades porpostas pelo caderno do aluno.

No entanto, também se pode colocar a questão: será que os textos bíblicos são mesmo necessários? Não seria possível trabalhar os mesmos conceitos recorrendo a outros recursos? Se por um lado, a resposta pode ser, sim, podemos recorrer a outros recursos que não textos bíblicos (da Bíblia ou teológicos), por outro põe-se a questão de que valem então os textos bíblicos se não os podemos explorar, estudar e analisar?

Relativamente à linguagem de alguns dos recursos do manual é, por vezes, erudita ou muito específica obrigando o professor a fazer um esforço constante para esclarecer/ clarificar muitos dos conceitos subjacentes a esta unidade, o que também contribui para o desinteresse dos discentes.

Por fim, a unidade volta-se para o aspeto mais físico e prático da água, a Terra, o seu habitat. A água é um bem precioso que existe em três estados, e que apesar da sua abundância só 0,5% de toda a água existente no planeta é potável. A unidade reflete e muito bem sobre os cuidados que temos que ter com a água, que não a podemos poluir ou desperdiçar, por exemplo; e também o que podemos fazer enquanto cidadãos, afinal se a água foi um presente de Deus quando Ele criou o mundo para todos nós, é nosso

dever cuidar dela. Isto levanta outras questões, como por exemplo, se a água é de todos, porque é que temos que pagar por ela? Se ela é indispensável à vida e à sobrevivência de todos e de tudo porque é que está muitas vezes inacessível a todo o planeta?

Seria fundamental rever algumas das competências, reformulando-as e torná-las mais merecedoras da disciplina de EMRC, nomeadamente as competências 23 e 24 por se aproximarem demasiado da cetequese e as competências 25 e 26 por não despertarem interesse e curiosidade nos discentes. No caso das competências 23 e 24 sugere-se um maior cuidado na escolha dos conteúdos de forma a que estes promovam a curiosidade e estimulem a aprendizagem dos alunos e ainda que suscitem interesse pelos textos Bíblicos, uma vez que eles são o livro base de todo o cristão.

Esta unidade poderia servir para que os alunos entendessem a água como um bem a preservar, contudo, a forma como o faz acaba por sufocar o próprio tema.

Sendo a água um tema tão importante, e tendo em conta a faixa etária a quem se destina, o tema deveria ser apresentado através dum diálogo entre o lúdico, o atrativo e o pedagógico. Existe ao longo de toda a unidade um excesso de elementos e de informações que acaba por tornar este tema pouco interessante. É ainda de salientar, que sendo EMRC 45/50 minutos por semana, torna-se incomportável lecionar toda a unidade da forma como está estruturada. É uma unidade que peca pelo excesso: excesso de textos bíblicos e excesso de informação, acabando por se tornar pouco apelativa.

É uma unidade que poderia ser bastante interessante e apesar de ter conteúdos demasiado parecidos com HGP e CN, como já foi referido, estes poderiam estar enquadrados de uma forma que fosse enriquecedora para os alunos e não de uma forma tão repetitiva. É de lastimar que sendo um tema tão rico acabe por não ser fecundo para os alunos por ser demasiado confuso.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, Lisboa/ Fátima, 2005.

Caminhos de Encontro, Educação Moral e Religiosa Católica, 5º ano de escolaridade, Manual do Aluno, Lisboa, SNEC, 2009

NEUSNER, Jacob, *The Mishnah: a new translation*, New Haven, Yale University, 1998.

Programa de Educação Moral e Religiosa Católica nos Ensino Básico e Secundário, SNEC, 2007, [=PEMRC].

MAGISTÉRIO

DENZINGER, Heinrich, HÜNERMANN, Peter; *El Magisterio de la Iglesia, Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Empresa Editorial Herder, Barcelona, 1999 [= DS].

DICIONÁRIOS

“Água”, *Diccionario de los Símbolos*, dir. Jean Chevalier; Alain Gheerbrant; Barcelona: Editorial Herder, 1998. [= DS], 52- 60.

BÖCHER, O., “Wasser”, *Theologisches Begriffs-Lexikon zum Neuen Testament*, Lothar Coenen; Klaus Haacker (hrsg.), Neubearbeitete Ausgabe, Band 2, R. BrockhausVerlag Wuppertal, Neu KirchenerVerlag, 2000 [= TBNT], 1860-1862.

BOUYER, L., “Eau”, *Dictionnaire théologique*, Desclée & Co., Tournai (Belgium), 1963 [= DT], 213.

HOCK, Klaus; ERNST, Josef; KRANEMANN, Benedikt, INTORP, Leonard; “Wasser”, *Lexikon für Theologie und Kirche*, Michael Buchberger, (anot.); Walter Kasper, (ed. lit.); Zehnter Band. Herder, 2001 [= LTK], 984-989.

CABROL, Fernand; LECLERCQ, Henri (eds.); “Eau. Usage de l’eau dans la liturgie; Eau bénite”, *Dictionnaire D’arche’ologie Chrétienne et de Liturgie*, Tome IV, Deuxième Partie, Paris, 1921 [= DA CL], 1680-1690.

D'ALÈS, A.; "Baptême", *Dictionnaire de la Bible*, Tome premier, Paris – IV, Librairie Letouzey et Ané, 1928 [= DB], 851- 857.

FOUILLOUX, Danielle; [et al]; "Eau", *Dictionnaire Culturel de la Bible*, Paris: Cerf 1990 [= DCB], 80.

GAILLARD, Jean, "Eau" *Dictionnaire de spiritualité, ascétique et mystique doctrine et histoire*. Tome IV, première partie. Beauchesne Paris, 1960. [=DSAMDH], 8-13.

GERLITZ, Peter; SCHNELLE, Udo; YARNOLD, Edward; KUHN, Ulrich; "Taufe", *Theologische Realenzyklopädie*, Band 32, Berlin 2001 [= TRE], 659-726.

GIRLANDA, A. (dir.); CIPRIANI, S.; "Agua", "Bautismo", *Nuevo Diccionario de Teologia Bíblica*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1990 [= NDTB], 33-44; 171-179.

GRÜNSCHLOß, Andreas, [et al] (hrsg.), "Wasser", *Religion in Geschichte und Gegenwart*⁴, Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft, Band 8 T-Z; Ed. Mohr Siebeck Tübingen, 2005 [=RGG⁴], 1311-1313.

JENNEY, Timothy P.; PACE, James H., "Water", *Dictionary of the Bible*, David Noel Freedman Editor, Wm. B. Eerdmans Publishing Co. 2000. [=DB (E)], 1367-1370.

GOETZ, J., "Agua", *Diccionario de las Religiones*, Barcelona, 1964. [= DR], 22-23.

LURKER, Manfred, "Wasser", *Wörterbuch biblischer Bilder und Symbole*, Kösel-MünchenVerlag, 2.te Auflage, 1978. [= WbBS], 338-339.

MEB, "Água", *Vocabulário de teologia bíblica*, publicado sob direção de Xavier Léon- Dufour [et al]; tradução de Simão Voigt, Editora Vozes Ltda, Petrópolis, RJ, 1972, 16-21.

MONDIN, Battista; " Battesimo", *Dizionario enciclopedico di filosofia teologia e morale*, Massimo- Milano, 1989 [= DEFTM], 79-80.

NOCENT, A., "Bautismo", *Nuevo Diccionario de Liturgia*, dirigido por D. Sartone, Achille M. Triacca y Juan María Canals, San Pablo: 1987, Madrid, 3ª edición [= NDL], 189-206.

NOIROT, M., "Eau baptismal", "Eau bénite", *Catholicisme, Hier Aujourd'hui Demain*, Encyclopédie en sept volumes dirigé par G. Jacquement du clergé de Paris, Tome Troisième, 1952.[= CHAD], 1216-1219.

LOICQ, Jean, "Aguas (culto de los celtas y galorromanos)", *Diccionario de las Religiones*, Paul Poupard (dir.), Barcelona, 198, 33-39.

UNTERMAN, Alan, “Ablution”, *Dictionary of Jewish Lore and Legend*, Thames and Hudson Ltd, London, 1991, 10.

WERBLOWSKY, R. J. Zwi, WIGOLER, Geoffrey (editors in chief); “Ablution”, “Corpse”, *The Oxford Dictionary of the Jewish Religion*, Oxford University Press, 1997, 4, 176.

WRIGHT, David P., “Water of impurity”, *The Anchor Bible Dictionary*, David Noel Freedman Editor; volume 6, 1st edition, published by Doubleday, US, 1992 [= ABD], 882.

ESTUDOS

ALVES, Herculano, *Gestos e Símbolos Penitenciais*, Difusora Bíblica, 2007, 1^a edição.

ALVES, Herculano, *Símbolos en la Biblia*, tradução da obra “Símbolos na Bíblia” por Luis Rubio, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2008.

BOFF, Leonardo; *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*, Ensaio de Teologia Narrativa, Editora Vozes, Petrópolis, 1986, 11^a edição.

CARVALHO, José Carlos, *The symbology of blood and water in John 19, 34: a reappraisal*, in *Didaskalia*, Lisboa, volume XXXI, UCP, 2001, 41-59.

COUTO, António, *Pentateuco, Caminho da Vida Agraciada*, Paulinas Multimédia, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003.

D’ALMEIDA, Bernardo Corrêa; *A vida numa palavra, Uma nova leitura do Evangelho de S. João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2012, 1^a edição.

DORIA, Miguel de França, *O Culto da Água A Água do Culto*, Prémio Epal 1977/98.

DELUMEAU, Jean, *As grandes religiões do mundo*, tradução de Pedro Tanen, Editorial Presença. Lisboa, 1997, 3^a edição.

ELBOGEN, Ismar; *Jewish liturgy, a comprehensive history*, translated by Raymond P. Scheindlin, The Jewish Publication Society, 1993.

ELIADE, Mircea, *Aspects du mythe*, Éditiones Gallimard, 1963.

ELIADE, Mircea, *Tratado de história das religiões*, Edições Asa, 3^a edição, abril, 1997.

FARIAS, José Jacinto Ferreira; *Os sacramentos da iniciação e a maturidade cristã, Os sacramentos da iniciação cristã*, Estudo interdisciplinar, III Jornadas de Direito Canónico 23-26 de abril de 1995- Fátima. Edição UCP – Centro de Estudos de Direito Canónico, Lisboa, 1996, 1ª edição, Coordenação de Manuel Saturino da Costa Gomes, 13-34.

FREITAS, Prof. Doutor C. Varela, ROLDÃO, Prof^ªa Doutora Maria do Céu, “*Novos Currículos para o sucesso educativo*”, “*Currículo e políticas educativas: tendências e sentidos de mudança*”, In “*Gestão flexível do currículo, Novos Currículos para o Sucesso Educativo*”, Texto Editora, 2000, 2-6; 55-64.

KONINGS, Johan, *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2005.

MALCATA, F. Xavier (coordenação), *Água um desafio sem Espaço nem Tempo*, Lisboa, UCP, 2009.

MARCHADOUR, Alain, *Les personnages dans l'évangile de Jean, Mirroir pour une christologie narrative*, Les editions du Cerf, Paris, 2005.

MARCHADOUR, Alain; COTHENET, Edouard, *Jesus, Treze Textos do N.T.*, Cadernos Bíblicos nº 46, Difusora Bíblica, junho 1994; Lisboa, 1ª Edição.

MARTINS, Cardeal José Saraiva, *Batismo e Crisma*, Editorial Verbo, abril de 2002.

PACHECO, José Augusto, *Currículo: Teoria e praxis*, Porto Editora, 2005.

PARROT, André, *Bible et Archéologie. Déluge et Arche de Noé*, Delachaux & Niestlé Éditeurs, Neuchâtel (Switzerland), 1970.

PINTO; Paulo Mendes (coordenação científica), *Religiões, História, Textos, Tradições*; Paulinas Editora, maio, 2006.

SALAS X., A; GEVAERT, J; GIANNATELLI, R, *Didáctica de la enseñanza de la religión*, Orientaciones generales, Editorial CCS/ Madrid, 1993.

SHEPHERD, Rowena & Rupert, *1000 Symbols, what shapes mean in art & myth*, Thames & Hudson, New York, 2002.

SOUSA, Mário, *Os encontros de Jesus no Evangelho de São João*, Paulinas Editora, 2012.

TERTULIANO, *Traité du Baptême*, SC 35, Les éditions du Cerf, Paris, 2002.

WEBGRAFIA

<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=%C3%A1gua>

<http://exploradores538.forumeiros.com/>

<http://videos.sapo.pt/TYbMvzrRz1PbRE0OnaeZ>

<http://nатурlink.sapo.pt/Natureza-e-Ambiente/Sistemas-Aquaticos/content/A-Carta-Europeia-da-agua?bl=1>

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_20030203_new-age_en.html

<http://www.educris.com/v2/100-santa-se/889-directorio-geral-da-catequese-a-catequese-e-o-ensino-religioso-escolar>


<http://www.dgdc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=1>

<http://www.dge.mec.pt/metascurriculares/?s=directorio&pid=1#metas>

http://www.porto.com/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=1

http://bdjur.almedina.net/item.php?field=item_id&value=229789

ANEXOS

 ESCOLA Disciplina EMRC	Professor <i>Susana Sá</i>	SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM		Tempo Previsto 5 Aulas
		Ano	Unidade Letiva 2	
		5 ^º	A água, fonte de vida	
OBJETIVOS GERAIS		CONCEITOS ORGANIZADORES		
<p>Interpretar produções culturais que utilizam ou aludem a perspectivas simbólicas relativas à água; Interpretar e apreciar produções estéticas cristãs sobre a temática da água. Interpretar textos bíblicos que manifestem o valor simbólico da água, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana; Mobilizar o valor da pessoa humana e da sua qualidade de vida, nos comportamentos concretos relacionados com o uso da água.</p>		<ul style="list-style-type: none"> - A água: um bem essencial à vida - A dimensão simbólica da água - A água é um bem comum universal 		
CONTEÚDOS COGNITIVOS	CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS	CONTEÚDOS ATITUDINAIS		
<ul style="list-style-type: none"> - A importância da água no mundo: funções e utilizações - O significado da água no contexto judaico-cristão: Dilúvio e a Arca de Noé; a fonte e o peixe. 	<ul style="list-style-type: none"> - O valor da água no cristianismo: o batismo 	<ul style="list-style-type: none"> - O valor da água no cristianismo: a água como bem da criação - A água enquanto direito e responsabilidade de todos 		
METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS	OBSERVAÇÕES	AVALIAÇÃO FORMATIVA		
<ul style="list-style-type: none"> - Diálogo - Pesquisa - Registos - Debate - Interpretação - Síntese conclusiva - Exposição - Reflexão - Análise 	<p>Contexto Educativo: Turma constituída por 16 raparigas e 10 rapazes. Aproveitamento é satisfatório e o comportamento pouco satisfatório. Competências a privilegiar: Usar corretamente a Língua Portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar o pensamento próprio; Cooperar com os outros em tarefas e projetos comuns, reforço positivo para aqueles alunos que apresentam dificuldades.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho de reflexão - Ficha de trabalho - Trabalho de síntese <p>Bibliografia: <i>Caminhos de Encontro</i>, Educação Moral e Religiosa Católica, 5.º ano de escolaridade, Manual do Aluno, Lisboa, SNEC, 2008.</p> <p>http://4.bp.blogspot.com/_hzkNhJ_F9dw/RxcFhSgwtI/AAAAAAAAABU4/4ErKR9FdxNI/s1600/fonte149.JPG http://img410.imageshack.us/img410/2125/christianfishweb5b45dsj1.jpg http://www.meteored.com/ram/UserFiles/Image/enero08/diluvio-universal-1.gif http://www.elyrics.net/read/c/celine-dion-lyrics/my-heart-will-go-on-lyrics.html http://www.jessica.com.br/conteudo/ferias/ferias_03.jpg http://www.tempolivre.pt/ficheiros/noticias/ociclodaagua.pdf http://www.lyricstime.com/manuel-freire-pedra-filosofal-lyrics.html http://www2.uol.com.br/cante/lyrics/Vitorino - Menina estas a janela.htm</p>		

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM				Aula 1		16/04/09
Conceito organizador	Conteúdos	Objetivos Específicos	Estratégias / Atividades	Recursos	Tempo	Avaliação
A água: um bem essencial à vida	A importância da água no mundo	Entende a importância da água no mundo Identifica as funções e utilizações da água: higiene, pesca, defesa, agricultura, alimentação, pastorícia.	<p>Sumário: A importância da água no mundo.</p> <p>Chamada, registo do sumário e verificação do material.</p> <p>Entrega dos cadernos diários aos alunos.</p> <p>Através do recurso a um copo de água os alunos são questionados quanto à sua importância. As suas respostas serão registadas no quadro.</p> <p>Leitura, comentário e enriquecimento do esquema que já se encontra no quadro com a informação recolhida do texto: “A água na vida quotidiana” da página 42 do manual do aluno. Resolução dos exercícios números 1 e 4 da ficha 18 do caderno do aluno. Os alunos passam o esquema do quadro.</p> <p>No final da aula os alunos devem concluir que a água é importante no nosso dia-a-dia. (registo no quadro e no caderno diário).</p>	<p>Livro de Ponto Quadro</p> <p>Garrafa de água Copo Quadro Giz</p> <p>Manual do aluno Caderno do aluno Caderno diário</p>	<p>5 min.</p> <p>10 min.</p> <p>5 min.</p> <p>25 min.</p>	<p>Observação informal das atitudes e intervenções fundamentadas, nomeadamente quanto ao comportamento, interesse e domínio da Língua Portuguesa;</p> <p>Eventual correção educativa com correções e/ou reforços positivos</p>

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM				Aula 2		23/04/09
Conceito organizador	Conteúdos	Objectivos Específicos	Estratégias / Actividades	Recursos	Tempo	Avaliação
A dimensão simbólica da água	- O significado da água no contexto judaico-cristão	Conhece a simbologia religiosa da água: o Dilúvio e a Arca de Noé; a Fonte; o Peixe.	<p>Sumário: A simbologia religiosa da água.</p> <p>Chamada, registo do sumário e verificação do material.</p> <p>Os alunos são inquiridos quanto à simbologia da água em contexto religioso. Serão projetadas algumas imagens relativas à água na religião, como por exemplo: Dilúvio; Arca de Noé; Fonte e Peixe.</p> <p>Leitura de alguns textos compreendidos entre as páginas 63 e 68 do manual do aluno e resolução de alguns exercícios (1 e 3) da ficha número 29 do caderno do aluno.</p>	<p>Livro de Ponto Quadro</p> <p>Acetato Retroprojektor</p> <p>Manual do Aluno. Caderno do Aluno.</p>	<p>5 min.</p> <p>10 min.</p> <p>25 min.</p>	<p>Observação informal das atitudes e intervenções fundamentadas, nomeadamente quanto ao comportamento, interesse e domínio da Língua Portuguesa;</p> <p>Eventual correção educativa com correções e/ou reforços positivos.</p>

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM				Aula 3		30//04/09
Conceito organizador	Conteúdos	Objetivos Específicos	Estratégias / Atividades	Recursos	Tempo	Avaliação
A relação parental: um outro bem essencial à vida.	A importância da mãe na vida quotidiana.	Valoriza o papel da mãe na vida pessoal.	<p>Sumário: Comemoração do “Dia da Mãe”.</p> <p>Chamada, registo do sumário e verificação do material.</p>	Livro de Ponto Quadro	5 min.	<p>Observação informal das atitudes e intervenções fundamentadas, nomeadamente quanto ao comportamento, interesse e domínio da Língua Portuguesa;</p> <p>Eventual correção educativa com correções e/ou reforços positivos</p>
			<p>Os alunos recebem materiais para elaborarem uma flor de papel para presentear a mãe. Juntamente receberão uma ficha informativa com indicações dos passos para a elaboração desta flor.</p>	Arame Papel de seda Tesoura Cola Ficha informativa	40 min.	

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM				Aula 4		14/05/09
Conceito organizador	Conteúdos	Objetivos Específicos	Estratégias / Atividades	Recursos	Tempo	Avaliação
A dimensão simbólica da água	- O valor da água no cristianismo: o batismo;	Inferir o valor da água no batismo	<p>Sumário: O valor da água no Cristianismo.</p> <p>Chamada, registo do sumário e verificação do material.</p> <p>Leitura e comentário do excerto bíblico (Mc 1, 7-11). Com a resolução da ficha de trabalho e a compreensão do texto os alunos devem inferir o valor da água no baptismo.</p> <p><i>Para os cristãos o baptismo é um sinal de pertença a uma vida nova na comunidade.</i></p>	Livro de Ponto Quadro	5 min.	Observação informal das atitudes e intervenções fundamentadas, nomeadamente quanto ao comportamento, interesse e domínio da Língua Portuguesa; Eventual correção educativa com correções e/ou reforços positivos
	a água como bem da criação.	Valoriza a água como bem da criação	<p>Os alunos são convidados a ler um excerto do Génesis (Gn 1, 1-2.9-10) para identificarem a água como sendo um dos bens da criação e, por conseguinte, valorizar a água como bem da criação.</p> <p><i>A água é um dos bens da criação.</i></p>	Ficha de trabalho	20 min.	

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM				Aula 5		21/05/09
Conceito organizador	Conteúdos	Objectivos Específicos	Estratégias / Actividades	Recursos	Tempo	Avaliação
A água é um bem comum universal	- A água enquanto direito e responsabilidade de todos	Compreende os direitos e deveres no uso da água	<p>Sumário: A água como um bem universal comum.</p> <p>Chamada, registo do sumário, verificação do material e do t.p.c.</p> <p>Entrega da ficha de trabalho avaliativo.</p> <p>Os alunos recapitulam a aula anterior e registam que a água é um dos bens da criação.</p>	Livro de Ponto Quadro Giz	5 min.	Verificação da execução e qualidade dos trabalhos de casa.
			<p>Em diálogo aberto os alunos devem compreender a água como um direito e um dever de todos.</p> <p><i>A água como um direito e um dever de todos.</i></p>	Ficha de trabalho avaliativo.	5 min.	Observação informal das atitudes e intervenções fundamentadas, nomeadamente quanto ao comportamento, interesse e domínio da Língua Portuguesa;
			<p>PowerPoint sobre a importância da água. Os alunos devem compreender a importância da água e devem valorizar o seu uso racional na vida quotidiana.</p> <p><i>A água é um direito e uma responsabilidade de todos.</i></p>	Computador Projetor multimédia	20 min.	
			<p>Os alunos recebem uma ficha de trabalho avaliativo como tarefa para casa.</p>	Ficha de trabalho avaliativo.	5 min.	Verificação da aquisição dos conteúdos programáticos a avaliar

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM				Aula 6		28/05/09
Conceito organizador	Conteúdos	Objectivos Específicos	Estratégias / Actividades	Recursos	Tempo	Avaliação
Avalia o seu processo de ensino/ aprendizagem nos vários domínios (aquisição, compreensão e aplicação dos mesmos).	Autoavaliação	Reflecte sobre a sua aquisição, compreensão e aplicação dos conteúdos e das aprendizagens a avaliar	<p>Sumário: Autoavaliação. Atividades de carácter lúdico.</p> <p>Chamada, registo do sumário, verificação do material e do t.p.c.</p> <p>Recolha das fichas de trabalho avaliativo.</p>	Livro de Ponto	5 min.	Verificação da execução e qualidade dos trabalhos de casa.
			<p>Distribuição das fichas de autoavaliação. Os alunos devem refletir sobre as aprendizagens realizadas ao longo do ano lectivo. Para isso, ser-lhes-á facultada a ficha de autoavaliação dos períodos anteriores.</p>	Fichas de autoavaliação	25 min.	Avaliação formalizada e sistematizada
			<p>Como última aula do ano letivo os alunos serão convidados a cantarem algumas músicas com os colegas e com o grupo de estágio, como forma de vincular e fortalecer os laços desenvolvidos ao longo do ano.</p>	Grupo de Estágio de Guitarra Letras das músicas Leitor de CD CD	20 min.	Observação informal das atitudes e intervenções fundamentadas, nomeadamente quanto ao comportamento, interesse e domínio da Língua Portuguesa; Eventual correção educativa com correções e/ou reforços positivos

Segue também em anexo a planificação de Ciências da Natureza da minha colega na Escola Básica 2,3 de Maceda e Arada, a professora Ermelinda Figueiredo, que é mencionada neste trabalho e serviu de base à análise dos temas comuns.

PLANIFICAÇÃO DA COMPONENTE LECTIVA – MÉDIO PRAZO

Ciências da Natureza – 5º ano

Ano Lectivo 2009/2010

Unidades Temáticas ----- Conteúdos	Competências	Objectivos	Situações Educativas (Actividades/Estratégias)	Recursos	Termos/Conceitos	Calendarização Nº de aulas
<ul style="list-style-type: none"> • Importância da água para os seres vivos 	<ul style="list-style-type: none"> -Compreensão global da Terra (Biosfera, Litosfera, Hidrosfera e Atmosfera) relacionando a formação desses constituintes com a formação da Terra. -Reconhecimento das 	<ul style="list-style-type: none"> -Justificar a importância da água como solvente. -Distinguir vários processos de tratamento de água. -Interpretar um esquema do ciclo da água. -Indicar os locais onde existe água. -Reconhecer água nos diferentes estados físicos. 	<ul style="list-style-type: none"> -Discussão em grupo sobre os locais do nosso planeta onde existe água e sobre a quantidade de água 	<ul style="list-style-type: none"> -Manual -Gobelés -Provetas -Sal 		<p>8</p>

	<p>actividades humanas relacionadas com os recursos hídricos.</p> <p>-Compreensão de como a intervenção do homem pode afectar a qualidade da água</p>	<p>-Compreender a necessidade de preservar a água.</p> <p>-Relacionar a qualidade da água com a qualidade de vida.</p> <p>-Compreender a importância da água em diferentes actividades humanas.</p>	<p>constituente dos seres vivos.</p> <p>-Realização de actividades experimentais demonstrativas da solubilidade da água perante algumas substâncias e elaboração dos respectivos relatórios.</p> <p>-Discussão sobre o que é e quais as características de uma água potável, não potável e medicinal.</p> <p>-Actividade de investigação sobre métodos a utilizar para limpar água turva com muitas substâncias em suspensão e como desinfectá-la.</p> <p>-Discussão sobre os processos utilizados.</p> <p>-Elaboração de um esquema conceptual sobre os processos de tratamento de</p>	<p>-Açúcar</p> <p>-Varetas de vidro</p> <p>-Farinha</p> <p>-Azeite</p> <p>-Etiquetas</p> <p>-Água</p> <p>-Terra</p> <p>-Folhas</p> <p>-Paus</p> <p>-Provetas</p>	<p>-Hidrosfera</p> <p>-Solução</p> <p>-Solvente</p> <p>-Solutos</p> <p>-Água potável</p> <p>-Água salobra</p> <p>-Decantação</p> <p>-Filtração</p> <p>-Filtração</p> <p>-Desinfecção</p> <p>-Fe</p>	
--	---	---	---	--	---	--

			<p>água.</p> <ul style="list-style-type: none">-Análise de documentos sobre a poluição da água e formas de a preservar.-Interpretação de análise bacteriológica da água de rede de Maceda/Ovar.	<p>-Análise clínica da água de rede (solicitar no Centro de Saúde)</p>		
--	--	--	--	--	--	--

INDICE

SIGLÁRIO	3
I PARTE.....	5
INTRODUÇÃO	7
1. O QUE É A ÁGUA?	9
1.1. A ÁGUA E O DIREITO	11
1.2. A ÁGUA E A VIDA	13
2. A ÁGUA DESDE A ANTIGUIDADE	15
3. A ÁGUA COMO ELEMENTO PROTOLÓGICO	20
4. A ÁGUA COMO ELEMENTO ESCATOLÓGICO	25
5. A ÁGUA COMO ELEMENTO SACRAMENTAL	26
6. A ÁGUA NA BÍBLIA	28
6.1. A ÁGUA NO ANTIGO TESTAMENTO.....	30
6.2. A ÁGUA NO NOVO TESTAMENTO.....	31
7. A ÁGUA COMO MEIO DE LIMPEZA.....	34
8. A ÁGUA DO BATISMO.....	37
8.1. O CONTEÚDO SALVÍFICO DO BATISMO	40
8.2. O BATISMO NO CRISTIANISMO	43
9. O USO DA ÁGUA NA LITURGIA	50
SÍNTESE DA PRIMEIRA PARTE	55
II PARTE	57
ANÁLISE CRÍTICA DA UL 2: “A AGUA, FONTE DE VIDA” DO NOVO PROGRAMA DE EMRC	57
1. ANÁLISE CRÍTICA À UL.....	60
1.1. EMRC / CATEQUESE: SEMELHANTES OU IGUAIS?	60
1.2. COMO A EMRC ESTÁ ORGANIZADA NA ESCOLA.....	63
2 . OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	64
2.1. ANÁLISE DE ALGUNS DOS TEXTOS BÍBLICOS DA UL.....	70
2.2. USO DE TEXTOS BÍBLICOS NA UNIDADE	73
3. COMPARAÇÃO DOS CONTEÚDOS DA U.L. 2 DE EMRC E A UNIDADE 1 DE C.N... 74	
4. A IDENTIDADE DA DISCIPLINA.....	75
SÍNTESE DA SEGUNDA PARTE	77
CONCLUSÃO	79
BIBLIOGRAFIA.....	85

ANEXOS.....	91
INDICE	103